

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNO CARON FERREIRA

HUMOR VISUAL EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA: ROBSON VILALBA, A  
REINVENÇÃO DOS QUADRINHOS NA IMPRENSA BRASILEIRA

CURITIBA

2018

BRUNO CARON FERREIRA

HUMOR VISUAL EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA: ROBSON VILALBA, A  
REINVENÇÃO DOS QUADRINHOS NA IMPRENSA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Orientadora: Profª Drª Eveline Stella de Araujo

CURITIBA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL  
DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**NOME DO ALUNO(A): BRUNO CARON FERREIRA**

**TÍTULO: Humor visual em tempos de crise política: Robson Villalba, a reinvenção dos quadrinhos na imprensa brasileira**

**LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:**

**Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR, realizada na sala 01, no dia 04/12/18, às 10h00.**

<b>BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES</b>	<b>NOTA</b>
EVELINE STELLA DE ARAUJO (orientadora)	95
JOSÉ CARLOS FERNANDES	95
RICARDO CARNEIRO ANTONIO (convidado)	100
<b>MÉDIA FINAL:</b>	<b>97</b>

<b>BANCA EXAMINADORA</b>	<b>ASSINATURA</b>
EVELINE STELLA DE ARAUJO	<i>Eveline Stella de Araujo</i>
JOSÉ CARLOS FERNANDES	<i>José Carlos Fernandes</i>
RICARDO CARNEIRO ANTONIO	<i>Ricardo Carneiro</i>

Curitiba, 04 de dezembro de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço aos meus pais que sempre incentivaram a mim e meu irmão nos estudos. É por muito esforço e suporte deles que eu e meu irmão fomos os primeiros da família a ingressar em uma universidade federal.

Agradeço à Paula Domingues, minha namorada e companheira de todos os momentos, que me motivou o tempo todo e nos momentos finais, os mais decisivos e cansativos, me ajudou com a revisão do texto.

Agradeço aos caros amigos Luciano Simão e Robinson Samulak, o primeiro pela tradução do resumo e colaboração, e o segundo pelo auxílio na formatação e companheirismo.

Agradeço à minha orientadora, Eveline Stella de Araujo, pelo acompanhamento atencioso e paciente e por disponibilizar seu tempo próximo do prazo de entrega para a revisão.

Agradeço aos professores de comunicação que me ajudaram construir uma visão de mundo melhor, em especial ao Professor José Carlos Fernandes que me ajudou a chegar no tema e foi orientador do pré-projeto.

Agradeço à Universidade Federal do Paraná que mantém o ensino e a pesquisa com qualidade, mesmo com os cortes de verbas para educação promovidos pelo atual governo.

*“No mundo tudo é percepção e símbolo e, para mim, detalhes sempre foram e continuam fundamentais”*

**Mauricio de Sousa** (2017, p. 107).

## RESUMO

A pesquisa analisa o jornalismo em quadrinhos como linguagem que auxilia na compreensão da realidade a partir dos processos de criação e das percepções causadas em quem os aprecia. O **objetivo** é a discussão e análise do jornalismo em quadrinhos, tendo como base a produção de Robson Vilalba. As obras desse autor foram publicadas na *Folha de São Paulo*, *Gazeta do Povo* e *Le Monde Diplomatique*. O **método** é qualitativo de caráter descritivo-analítico com triangulação de dados a partir de: análise dos quadrinhos, entrevista em profundidade com o autor e rodas de percepção com o público. Os **resultados** foram obtidos confrontando os dados e revelaram a diversidade de percepção do mesmo material para públicos diversos, os mecanismos e artifícios de linguagem utilizados pelo humor visual em tempos de crise política demonstrou-se atrativo para a estimular a reflexão sobre o cenário abordado, utilizando-se de conceitos do humor e do riso. **Conclusão:** Na pesquisa realizada foi possível identificar os elementos da linguagem crítica e de reflexão dos quadrinhos em momentos de tensão e polarização, bem como analisar as aproximações das narrativas de percepção de quem produz, de quem consome e de quem pesquisa esse formato de mídia.

Palavras chave: Jornalismo, Humor, Artes Visuais, Robson Vilalba, Análise de Percepção, Quadrinhos.

## ABSTRACT

The research analyzes comic journalism as a language that assists in the understanding of reality from the processes of creation and the perceptions caused in those who appreciate them. The **objective** is the discussion and analysis of comic journalism, based on the production of Robson Vilalba. *Folha de São Paulo*, *Gazeta do Povo* and *Le Monde Diplomatique* published the works of this author. The research used descriptive-analytical qualitative **method** associated with data triangulation: comic analysis, in-depth interview with the author, and audience perception channels. The achievement of results by comparing the data and revealed the diversity of perception of the same material for different audiences. The mechanisms and devices of language used by visual humor in times of political crisis were attractive to stimulate reflection on the scenario addressed, using the concepts of humor and laughter. **Conclusion:** In the research, it was possible to identify the elements of critical language and reflection of comics in moments of tension and polarization, as well as to analyze the approximations of the narratives of perception of who produces, who consumes and who searches this media format.

Key words: Journalism, Humor, Visual Arts, Robson Vilalba, Perception Analysis, Comics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CUNHA 1 .....	59
FIGURA 2 - CUNHA 2 .....	64
FIGURA 3 - CUNHA 3 .....	68
FIGURA 4 - LULISMO 1 .....	73
FIGURA 5 - LULISMO 2 .....	77
FIGURA 6 - LULISMO 3 .....	80
FIGURA 7 - LIBERALISMO 1 .....	86
FIGURA 8 - LIBERALISMO 2 .....	89
FIGURA 9 - LIBERALISMO 3 .....	92
FIGURA 10 - LIBERALISMO 4 .....	96

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ESTADO DA ARTE.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>RODAS DE PERCEPÇÃO .....</b>	<b>50</b>
3.2.1	ARTES VISUAIS .....	50
3.2.2	PUBLICIDADE E PROPAGANDA, JORNALISMO E RELAÇÕES PÚBLICAS .....	54
<b>4</b>	<b>ANÁLISE.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1</b>	<b>EDUARDO CUNHA TEM UM PLANO .....</b>	<b>59</b>
<b>4.2</b>	<b>PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO.....</b>	<b>72</b>
<b>4.3</b>	<b>O VELHO NOVO LIBERALISMO .....</b>	<b>85</b>
<b>4.4</b>	<b>AMIGO SECRETO .....</b>	<b>99</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>112</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>
	<b>ANEXO 1 – EDUARDO CUNHA TEM UM PLANO .....</b>	<b>118</b>
	<b>ANEXO 2 – PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO .....</b>	<b>119</b>
	<b>ANEXO 3 – O VELHO NOVO LIBERALISMO.....</b>	<b>120</b>
	<b>ANEXO 4 – AMIGO SECRETO .....</b>	<b>122</b>
	<b>ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Histórias em quadrinhos sempre me fascinaram. Pequenos quadradinhos que ilustram cenas e contam histórias, unindo desenho com texto. Essa receita foi responsável pelo meu apreço à leitura. Lembro de ainda muito pequeno já ler os gibis da Turma da Mônica<sup>1</sup> e do Garfield<sup>2</sup>. Já mais velho, redescobri minha paixão pela arte sequencial com as *graphic novels*<sup>3</sup>. Nunca gostei muito de quadrinhos de super-heróis por achá-los demasiadamente maniqueístas, com suas divisões duras entre heróis e vilões. Interesse-me mais por histórias que explorem a complexidade do ser humano e da vida em sociedade.

Embora meu gosto por quadrinhos de heróis não seja grande, foi justamente em quadrinhos com esse tema que voltei a consumir HQs em maior quantidade. *Watchmen*<sup>4</sup>, *Batman O Cavaleiro das Trevas*<sup>5</sup> e *Batman - A Piada Mortal*<sup>6</sup> tratam de heróis, mas com profundidade e explorando as fragilidades humanas. Depois desse ponta pé inicial descobri *Sandman* de Neil Gaiman e *Nova York: A Vida na Grande Cidade*, de Will Eisner. O meu fascínio só aumentou e percebi a potencialidade das histórias em quadrinhos.

Depois que entrei no Jornalismo, influenciado pelo meu gosto pela leitura e pela escrita, me descubro novamente em contato com os quadrinhos. Dessa vez eles são produzidos em conjunto com a profissão que escolhi. O jornalismo em quadrinhos me mostrou que a linguagem da arte sequencial pode ser adaptada de diversas formas, inclusive para fazer reportagens. Quando conheci a obra de Joe Sacco, *Palestina* em específico, pude ver a grandeza que o jornalismo em quadrinhos pode alcançar. Contar realidades pouco exploradas através de texto e ilustração tem um impacto único. Sacco foi motivado pela questão palestina e pensou em visitar o país e retratar o tema através de quadrinhos. Inclusive foi o próprio Sacco que cunhou o termo jornalismo em quadrinhos:

---

<sup>1</sup> Criado pelo cartunista Mauricio de Sousa.

<sup>2</sup> Criado por Jim Davis.

<sup>3</sup> Traduzindo para o português: romance gráfico.

<sup>4</sup> Escrita por Alan Moore e ilustrada por Dave Gibbons. Foi publicada pela *DC Comics* entre 1986 e 1987.

<sup>5</sup> Escrita e desenhada por Frank Miller. Foi publicada em 1986 pela *DC Comics*.

<sup>6</sup> Escrita por Alan Moore e desenhada por Brian Bolland. Foi publicada pela *DC Comics* em 1988.

Em dado momento, decidi que deveria ir eu mesmo aos Territórios Ocupados. Assim, poderia descrever minhas próprias experiências, uma espécie de relato quadrinizado da minha viagem, nos últimos dias da primeira intifada. Eu entrevistaria pessoas, anotaria os dados e manteria um diário. Fora essas ideias iniciais, não tinha noção do que exatamente faria, e nem como de como o faria. Eu ainda não tinha desenvolvido a teoria daquilo que posteriormente eu chamaria - sem muito critério - de "jornalismo em quadrinhos" (SACCO, 2011, p. 21).

Palestina me impacta por mostrar a realidade de um povo oprimido em meio à guerra, e me convesço com pessoas em situação vulnerável. Esse é um dos motivos pelo qual me considero com o posicionamento político de esquerda. Acho que é dever do Estado dar garantias sociais para população, a fim de diminuir a desigualdade entre as classes. Não acredito que um Estado assistencialista forme uma população ociosa e acostumada com benefícios se também estiver preocupado com a promoção social. Muito pelo contrário. Acho que um governo que concede melhores condições para a população carente está criando uma estrutura para o desenvolvimento de seu povo.

Ao meu ver é papel do jornalismo investigar os fenômenos que cercam a sociedade e impactam na vida cotidiana da população. Interessa-me pesquisar formas diferentes de tentar compreender a sociedade e a crise política em que vivemos. O Brasil sofre com uma polarização política mais acentuada desde 2014 com a reeleição da presidente Dilma Rousseff do PT. A partir deste episódio, movimentos populares foram às ruas pedir o *impeachment* de Dilma e parcelas conservadoras da sociedade, que pareciam adormecidas, vieram à luz e conquistaram espaço em âmbito nacional. Por maioria em votação no congresso e no senado, o *impeachment* foi aprovado nas duas instâncias e a presidente teve que deixar o cargo em 2016. O vice, Michel Temer, assumiu o posto e desde então é protagonista de diversos escândalos. Uma pesquisa do grupo de análise política Eurásia revela que a taxa de aprovação popular de Temer foi de 3%, em 2017, a menor em todo o mundo<sup>7</sup>.

Em momentos de crise política, o humor visual - caricaturas, cartuns, charges e quadrinhos - é utilizado como ferramenta de crítica à sociedade. Desde sua criação no século XVIII, as histórias em quadrinhos já apresentavam um caráter político e

---

<sup>7</sup>[http://www.huffpostbrasil.com/2017/10/26/temer-e-o-presidente-mais-impopular-do-mundo-diz-pesquisa\\_a\\_23256673/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/10/26/temer-e-o-presidente-mais-impopular-do-mundo-diz-pesquisa_a_23256673/)

social de enfrentamento. Tal acontecimento se repetiu na Espanha durante a ditadura franquista e no Brasil nos anos da ditadura militar.

O humor é a forma encontrada para confrontar as instituições, como definiu Miriam Goldefeder (*apud* SANTOS, 2012, p. 25), ao afirmar que “haveria, no entanto, outras formas de utilização do humor por outras camadas ou grupos sociais, enquanto meio de mudança e até como instrumento de luta e oposição”. Os quadrinhos têm uma relação direta com o humor desde sua gênese. Nos Estados Unidos a relação com o cômico está estampada no nome, de acordo com Goidanich (1990, p. 9):

“Tanto as tiras diárias como as histórias publicadas nas páginas ou suplementos dominicais eram narrativas alegres, com situações cômicas, daí o nome como até hoje são chamados os quadrinhos nos Estados Unidos”, comics (*apud* SANTOS, 2012, p. 89).

A pesquisa foi realizada a partir da produção do quadrinista Robson Vilalba. Seus quadrinhos tem um viés político e o propósito foi identificar os artifícios da linguagem visual na construção do humor em quadrinhos de temática política, na imprensa brasileira. Conheci o autor através do professor José Carlos Fernandes e quando li os primeiros quadrinhos de Vilalba já percebi que esse seria meu objeto de estudo. O período de abrangência das obras analisadas foi de 2014 a 2018, para pegar o cenário de crise política a partir da reeleição de Dilma Rousseff.

Como problema de pesquisa, procuro analisar de que forma a linguagem visual, popular, crítica, constrói momentos de tensão política, como um espaço privilegiado de compreensão da realidade. A pesquisa se justifica porque o humor visual não é muito explorado em trabalhos acadêmicos e em meio a polarização política e o conflito de informações, mesmo em jornais com posicionamentos mais conservadores, os quadrinhos mantêm-se como meio de refúgio devido ao apelo visual e a raiz humorística. Em um país de baixa escolaridade, narrativas que utilizam elementos visuais aliados ao texto tem um caráter informativo importante. A charge e a caricatura têm a capacidade de suprir uma demanda de ler um texto mais complexo e tornar a compreensão da realidade mais democrática.

No jornalismo americano as histórias em quadrinhos tiveram um apelo para atrair um público com baixa instrução. De acordo com Goidanich (1990, p.9), na última década do século XIX:

Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os mais poderosos proprietários de cadeias de jornais dos Estados Unidos, brigavam pela conquista de um público maior. Para atraírem uma massa semi-alfabetizada e também os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês, criaram os suplementos dominicais. A grande parte do material destes “Sundays” era formada por narrativas figuradas, bem ao estilo europeu (*apud* SANTOS, 2012, p. 88).

Portanto, quando uma linguagem com diferentes elementos se propõe a realizar uma reflexão sobre o momento em que vivemos, a pesquisa faz-se necessária para entender quais os artifícios e métodos que compõem essas narrativas e de que forma elas ajudam a compreender a realidade e organizar as ideias. Bem como, analisar as formas de percepção desse material por quem os aprecia e consome.

Os capítulos a seguir estão distribuídos da seguinte forma: **Estado da Arte** estabelece relações entre pesquisas correlatas e o tema do trabalho, bem como apresenta a fundamentação teórica a ser utilizada na compreensão dos achados de pesquisa; **Método** descreve o caminho e as estratégias utilizadas na pesquisa para obtenção de dados e indica as formas a partir das quais esses dados são analisados, apresenta de forma concomitante os resultados da entrevista em profundidade com o autor e as rodas de percepção com o público; **Análise** infere possíveis interpretações a partir dos resultados de cada etapa e, por fim, **Considerações Finais** para triangulação dos resultados obtidos e formulação das conclusões.

## 2 ESTADO DA ARTE

Para poder analisar os quadrinhos de Robson Vilalba parte-se de uma gama de autores que abordam temas que se conectam com histórias em quadrinhos, semiótica, processos criativos, e como ocorre a interação entre os quadrinhos e os leitores. Essa investigação também leva em consideração os aspectos sociológicos e o contexto histórico da produção. Procuo identificar através da pesquisa a história do autor, suas influências, como é o processo criativo para a produção de quadrinhos e como isso aparece e interfere na obra.

As obras escolhidas abrangem o período de 2014 a 2018, espaço de tempo este em que ocorreu: a reeleição da presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores, seu *impeachment* em 2016; o governo de Michel Temer e escândalos políticos em que seu nome está envolvido; e a operação Lava Jato da Polícia Federal que prendeu vários políticos e empresários do país.

Para analisar a obra de Vilalba parte-se do princípio que os quadrinhos, assim como as tiras cômicas norte-americanas, são uma produção com viés político, utilizado como forma de contestação social e expressão de descontentamento com a sociedade. Para Santos (2012, p.99):

As tiras cômicas norte-americanas produzidas nas últimas seis décadas podem ser interpretadas, portanto, como um produto cultural reflexivo e crítico. Elas discutem temas de importância social, tais como a discriminação e a integração racial, o autoritarismo, a violência, a guerra, a degradação ambiental, os problemas característicos dos meios urbanos, a solidão em uma sociedade voltada para o consumo desenfreado, a competição e o individualismo. Essas histórias em quadrinhos denunciam o mal-estar de seu tempo.

Ainda no século XVIII, logo depois dos primeiros passos dos quadrinhos por Hogarth, que não investiu no humor como forma de expressão, outros desenhistas ingleses como James Gillray, que diferente de Hogarth, como exemplo: “Voltou a sua atenção para os campos políticos e social, atacando o sistema como imaginação e mordacidade. Ninguém era poupado à sua caneta: a família real, políticos, proeminentes figuras da sociedade e instituições.” (CLARK, 1991, p.16-16, *apud* SANTOS, 2012, p. 84).

Para Santos (2012, p.84) foi que “com a charge política, o humor passou a tomar conta dos quadrinhos”. Dessa relação entre humor e quadrinhos, o cômico é

utilizado como canal de pensamento e forma subversiva de oposição. Pensando na função do riso, Bergson (1899) propõe que humor e riso estão ligados a uma função social:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a ideia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social (*apud* SALIBA, 2002, p. 22).

A pesquisa se baseia em aliar a função social do humor com as críticas e reflexões presentes nos quadrinhos, de forma que evidencie as relações entre ambos e ajude a direcionar o entendimento sobre como se dá a reflexão crítica dos quadrinhos em momentos de tensão política.

Segundo Ostrower (2013), os processos criativos interligam aspectos da personalidade e história do autor com condições externas, atribuindo assim significados.

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolve a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los (*apud* ARAUJO, 2015, p. 36).

Quando Ostrower (1988) faz uma palestra na exposição de “Käthe Kollwitz: uma vida e obra”, ela analisa a trajetória da artista alemã e a evolução de sua obra, mostrando como aspectos externos influenciaram nos processos criativos. Nas gravuras de Kollwitz também há engajamento social e posicionamento político. A artista que passou pelas duas guerras mundiais do século XX e viu a ascensão do partido nazista na Alemanha, passou por uma transição de estilos até adotar características do Expressionismo. Para a autora, “no Expressionismo Alemão, do século XX, esta exaltação vai enfocar um conteúdo social, e às vezes político, um engajamento em causas sociais e com toda uma situação existencial do indivíduo” (OSTROWER, 1988, p.7).

As artes produzidas por Käthe Kollwitz acentuam questões da humanidade, morte e os impactos sociais das guerras. Ostrower utiliza da vivência da artista para demonstrar como a realidade, após interiorizada, serve de fonte para criação.

Entretanto, a obra de arte também nos diz uma outra coisa. Mostrar vivências compreendidas e aceitas, não necessariamente sublimadas ou embelezadas, mas compreendidas e aprofundadas em experiências reais, e mostrar que, a partir dessas experiências, o ser humano ainda é capaz de criar: esta, realmente significa uma mensagem de coragem para nós. Ela nos fortalece. E nos mostra a riqueza da arte, em termos de realização de vida (OSTROWER, 1988, p. 9).

Ingold (2012) aborda os processos criativos como um “emaranhado” que abrange a relação entre pessoas e o ambiente. O autor usa o termo “malha” para se referir de forma orgânica a um entrelaçamento de linhas, assim como é na natureza. Esse emaranhado de linhas é o que constitui a textura do mundo (INGOLD, 2012, p.39). Da mesma forma, o termo é aplicado aos processos criativos, que surgem a partir de trajetórias que se entrecruzam com o ambiente, objetos e pessoas. O conceito de malha, devido ao seu fluxo de interações, permite que o autor se aproprie de definições de outros campos do conhecimento que rompem a barreira da mente dentro do corpo humano:

Mais de 50 anos atrás, o pioneiro da antropologia psicológica A. Irving Hallowell (1955, p. 88) sugeriu que “qualquer dicotomia interno-externo que tenha a pele humana como limite é psicologicamente irrelevante”. Essa visão viria a ser ecoada pelo antropólogo Gregory Bateson (1973, p. 429) numa palestra proferida em 1970, na qual ele declarou que “o mundo mental – a mente, o mundo do processamento da informação – não é delimitado pela pele”. Bem mais recentemente, o filósofo Andy Clark fez o mesmo ponto. A mente, nos diz Clark (1997, p. 53), é um “órgão vazado”, que não pode ser confinado dentro do crânio, que se mistura com o corpo e com o mundo durante a execução de suas operações. Mais precisamente, ele deveria ter dito que o crânio é vazado, e que é a mente que vaza através dele! (INGOLD, 2012, p.41-2).

Ingold complementa que não é apenas a mente que vaza, mas também “as coisas de modo geral” (INGOLD, 2012, p. 42). As histórias em quadrinho, em muitas delas, possuem espaços em branco, que é o espaço de interação do leitor. É onde a imaginação do leitor é convidada a interagir, abrindo espaço para feedback ou múltiplas interpretações e complementaridades, sendo essas algumas características da malha proposta por Ingold.

Outro aspecto do processo criativo é aprofundado por Pais (2013) que investiga a ressonância de processos autobiográficos nas obras de desenhistas de quadrinhos. O autor pretendia observar:

Se, na verdade, os indivíduos podem ser objecto do seu próprio agir, a oportunidade dada aos artistas para se contarem a si mesmos deu-lhes também ensejo de se conceberem enquanto se contavam. Quer isto dizer que os quadrinhos foram usados como decifradores da subjectividade um espaço de representação consciencializada. No fundo, pretendia saber em que medida os quadrinhos que os jovens produzem acabam por os produzir. Por outras palavras, se é certo que se pode aprender de si mesmo através das coisas que se produzem, também é verdade que os jovens podem produzir-se a si mesmos pelo que aprendem com as coisas que fazem (PAIS, 2013, p. 131).

Pais, em uma de suas pesquisas sociológicas, propõe para autores de quadrinhos que estes produzam histórias em quadrinhos autobiográficas com o objetivo de descobrir como os desenhistas se colocam nas histórias e como recriam suas próprias identidades. Para o autor, há uma estrutura narrativa que permite que a subjectividade de quem está contando a própria história, tenha uma interpretação, que nos quadrinhos encontra uma mediação privilegiada (PAIS, 2013). O autor português ressalta a dificuldade que as histórias em quadrinhos enfrentam para se legitimar como arte. Para Pais, essa característica que deixa os quadrinhos em um limbo artístico pela cultura letrada faz com que os mesmos apareçam como em um submundo:

uma espécie de esconderijo onde é possível a afirmação de uma identidade e de um (re)conhecimento de si, o que é válido tanto para os criadores como para os leitores. Uns e outros vêem na BD um constante apelo à imaginação, um convite para que, através da sequência de imagens, se possa viajar por outros mundos, numa transmutação de identidades que enriquece o conhecimento de si, por efeito de se vestir a pele de um outro, de um qualquer personagem da história em quadrinhos, embora também ocorra o inverso - o boneco dos quadrinhos vestir a pele de quem o desenha ou de qualquer outro personagem da vida real (PAIS, 2013, p.136-7).

Em muitos casos os quadrinhos recorrem ao humor e em histórias autobiográficas os autores “colocam em evidência a inconsistência dos objectivos perseguidos na vida real, questionando a experiência de vida desnudada, despojada de máscaras, sarcástica em toda a sua natural crueldade (PAIS, 2013, p. 137). Ao discutir a criatividade dos autores, Pais recorre a Sennett e descreve como os autores se aproveitam das experiências e dificuldades na criação.

Quer se considere o desenho, a escrita ou a música, a experiência criativa aparece sempre relacionada com a incompletude. É a consciência da lacuna que reclama pelo seu preenchimento e, por essa razão, a incompletude estimula a criatividade. A originalidade é isso mesmo, um fazer do nada algo (PAIS, 2013, p. 139).

O autor pontua uma característica dos quadrinhos que é a hipertextualidade. Esse tipo de história permite ao leitor a não linearidade da história, deixando-o livre para escolher qual página ou quadro ler. Para Pais, é possível comparar essa escolha de caminhos com a vida real, algo que afirma a subjetividade das HQs (PAIS, 2013, p. 140). Pais explica o ordenamento dos quadrinhos e analisa como o caos é incorporado:

A estratégia interpretativa explora, por conseguinte, a sobreposição de realidades contraditórias que, em sua contradição, são azo a possibilidades de ordenamento do caos. Quer isto dizer que a previsibilidade interpretativa persegue a imprevisibilidade por interpretar. Numa dada página de uma história em quadrinhos não sabemos o que se vai passar nas que se seguem. É como que se as forças que levaram o mundo da simplicidade linear para a complexidade não linear fossem da mesma natureza das forças da turbulência que geram qualquer sistema caótico (Rushkoff 1997, 66). É esta imprevisibilidade que prende o leitor, o caos gerando oportunidades interpretativas, a entropia (medida de desordem) criando tropos (transformações, reposições de ordem) (PAIS, 2013, p.154-5).

Há um paralelo entre a imprevisibilidade dos quadrinhos, com a vida dos próprios autores e como eles a retratam nas histórias. “Pode parecer estranho que o mundo aos quadrinhos se olhe ao espelho do mundo real do mesmo modo que nele se reflecte” (PAIS, 2013, p. 155). O autor reforça que problemas da sociedade são refletidos nas HQs. Pais alcançou resultados mostrando que as questões de ordem e caos também aparecem nas histórias dos artistas de HQ.

É no mundo real que os jovens se confrontam com os descontínuos da vida, num campo de jogo de possibilidade indefinidas, mas possíveis, entre predestinação a autodeterminação, ordem estabelecida e aleatoriedade. No mundo em quadrinhos, os possíveis surgem do *agir da obliquidade*, da capacidade de interconectar ocorrências, circunstâncias, ideias, ressonâncias. É este *agir da obliquidade* que encontramos em vários quadrantes artísticos (PAIS, 2013, p. 156).

O autor coloca que esse agir da obliquidade aparece nos autores como uma “capacidade de os jovens adentrarem, olharem para si mesmos, a partir de fora e, ao mesmo tempo, de se projectarem para fora a partir de dentro.” (PAIS, 2013, p. 156). Pais também atribui ao agir da obliquidade a capacidade de interconectividade “que facilita, entre os jovens, a profissionalização da criatividade e a criativização na profissão” (PAIS, 2013, p. 157).

O trabalho de Pais é importante para identificar como Robson Vilalba se retrata em suas obras, o quanto dele está nos quadrinhos e também o inverso, quanto das HQs estão nele. Assim como o produtor de quadrinhos é passível de análise, o suporte no qual as obras são divulgadas também são merecedores de análise. Utilizo-me da tese de TEIXEIRA (2007) com a apropriação que este fez dos conceitos de Landowski (1992) para analisar o jornal, veículo onde são publicados os quadrinhos de Vilalba, como um objeto de representação social. A linha editorial de um jornal. Para o autor:

Todo jornal recebe um título, sendo que por detrás dele toma corpo “uma entidade figurativamente reconhecível” que se afirma socialmente no que Landowski chama de “sujeito semiótico”. O jornal, enquanto sujeito semiótico é detentor de estilo, tom e perfil. Estas características o definem e fazem dele uma figura social que pode gerar atração ou repulsa. No entanto, Landowski declara que diferentemente do imperativo social pela variação, a exemplo da indumentária e cardápio, com o jornal ocorre uma compulsão inversa, a do favorecimento do hábito. A eleição de um jornal e a fidelidade a ele corresponde a permanecer fiel a si mesmo (TEIXEIRA, 2007, p. 9).

É devido ao caráter de sujeito semiótico que o jornal possui, que procuro investigar como as HQs de Vilalba se comportam no contexto editorial do jornal. Pensar o jornal como representante social permite relacionar os quadrinhos com os leitores do jornal, analisar de que forma esses leitores interagem com o jornal e como são atingidos por essas narrativas.

Assim como o jornal pode ser conceituado como sujeito semiótico, os quadrinhos precisam de uma análise semiótica para identificar e interpretar a simbologia presente nas imagens e narrativas da HQs. Um dos objetivos dessa pesquisa é descobrir se há nos quadrinhos de Robson Vilalba uma luta ideológica, algum protesto contra o poder, ou seja, se sua obra pretende fazer uma crítica. O famoso semiólogo Roland Barthes (1977) proferiu na Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio da França, que há uma luta dos intelectuais contra os poderes, e que essa luta se repete através da história, porque o poder sempre reaparece, pois: “Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade

humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua” (BARTHES, 1977, p. 6).

A língua só tem esse poder, para Barthes (1977), porque os signos de que ela é feita são reconhecidos, e é o reconhecimento que faz com que eles existam. Barthes (1977) afirma que a busca da literatura pela representação da realidade, acaba encontrando o inverso: a irrealidade. Segundo o autor, é impossível representar a realidade, apenas demonstra-lá. Barthes chama a esse fenômeno da literatura de função utópica, justamente por desejar o inalcançável.

Esse autor reforça que o objeto de análise da semiologia é político e, relata que, mesmo com o aumento de plataformas de contestação o poder aparecia em outra parte e de outra forma. Mesmo quando alguma conquista nos âmbitos da sociedade, cultura, arte e sexualidade parecem estar em evidência, o poder as esmaga (BARTHES, 1977, p.16).

Para Barthes, é preciso retornar ao Texto para encontrar nele o índice de des poder:

O Texto contém nele a força de fugir infinitamente da palavra gregária (aquela que se agrega), mesmo quando [pág. 33] nele ela procura reconstituir-se; ele empurra sempre para mais longe — e é esse movimento de miragem que tentei descrever e justificar há pouco, ao falar da literatura — ele empurra para outro lugar, um lugar inclassificado, atópico, por assim dizer, longe dos *topoi* da cultura politizada, “esse constrangimento de formar conceitos, espécies, formas, fins, leis... esse mundo de casos idênticos”, de que fala Nietzsche; ele soergue, de modo frágil e transitório, essa chapa de generalidade, de moralidade, de in-diferença (separemos bem o prefixo do radial), que pesa sobre nosso discurso coletivo (BARTHES, 1977, p.16).

O autor considera que não é possível aprender diretamente do real, pela semiologia, esta não é uma chave e “busca antes soerguê-lo (o real), em certos pontos e em certos momentos, e ela (semiologia) diz que esses efeitos de solevamento do real são possíveis sem chave. (BARTHES, 1977, p.18). Por fim, Barthes atribui a semiologia a capacidade de receber e tratar os signos. Sendo que o semiólogo é “ um artista [...] ele joga com os signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender” (BARTHES, 1977, p. 18). Segundo o autor, o signo é algo que chama a atenção do pesquisador, como se já estivesse no imaginário. Os objetos da semiologia são narrativas, imagens, expressões, essas estruturas que têm a dualidade de uma aparência de verossimilhança, ao mesmo tempo que apresentam uma incerteza de verdade. Assim, o autor almeja que os

signos sejam usados como “um véu pintado, ou ainda uma ficção” (BARTHES, 1977, p.18).

Analisar a obra de Vilalba a partir de Barthes permite identificar de que forma os signos são utilizados em sua arte. Também permite pensar a relação de poder e crítica que ele estabelece nas HQs com a política do Brasil. Barthes define que o objeto de análise da semiologia é a política, portanto é fundamental identificar semiologicamente os signos (tanto no texto, quanto na imagem) e como são usados enquanto objetos políticos no trabalho de Vilalba, caso seja confirmado essa relação com a política na análise realizada posteriormente.

Ainda com a base teórica de Barthes, utilizo o artigo de Fontanari (2016) Como ler imagens? A lição de Roland Barthes para um entendimento melhor sobre a interpretação das imagens e um apanhado das obras de Barthes sobre essa temática. Fontanari começa abordando *Mitologias* de Barthes, diferenciando o “mito”<sup>8</sup> de Barthes com o conceito de “fetiche da mercadoria” de Marx.

Mitologias debruça-se sobre a seguinte temática: mascaramento da ideologia pelos códigos das mídias, ou melhor, o repúdio do crítico em relação à maneira como a indústria cultural mascara a realidade, dando por natural aquilo que é historicamente construído (FONTANARI, 2016, p. 145).

As ideologias a que Barthes se refere são as da classe burguesa. Quando mascaradas pela mídia, as ideologias são naturalizadas e apresentadas como fatos ao público. No posfácio de *Mitologias*, Barthes (2006) atualiza o conceito de mito, dizendo que “o mito é uma fala” (*apud* FONTANARI, 2016, p.146). Barthes continua e afirma que o mito não é uma simples fala: “São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito” (*apud* FONTANARI, 2016, p.146). No mito entram em consideração a forma como se fala e quem fala, essas características acrescentam um uso social à fala.

Barthes em *Elemento de semiologia* aborda a denotação e a conotação conceitualmente. Denotação está ligado ao sentido literal que damos os signos. Já a

---

<sup>8</sup> Para Barthes, o mito é o fenômeno semiológico que oblitera seus vínculos sociais, políticos e históricos para que seus valores sejam apresentados como algo factual: “todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito toma a significação por um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual, ao passo que ele é, apenas, um sistema semiológico” (*apud* SILVA, 2005).

conotação refere-se à capacidade de um signo receber novos significados que se somam ao seu sentido original, em relação ao uso do signo pelos falantes da língua. É através da conotação que Barthes conceitua o mito. “O mito desloca um signo de seu contexto e o faz funcionar como significante afetado de outro significado, num outro contexto, em que assume uma outra significação de “segundo grau” (FONTANARI, 2016, p. 147). Essa característica permite a Barthes pensar o uso ideológico da língua, pois ela traz consigo aspectos sociais, culturais, históricos, políticos e religiosos.

Ao analisar uma exposição fotográfica vinda dos Estados Unidos, chamada *The Family of Man*, Barthes escreve “A Grande Família dos Homens”. Nas palavras de Barthes, o objetivo da exposição era mostrar a vida cotidiana dos homens de todos os países do mundo, assim demonstrando que há uma universalidade dos gestos humanos. Com essas fotos procurava-se mostrar o homem pela ótica do comunitário, como uma grande fraternidade (FONTANARI, 2016, p.148).

Barthes vê na exposição o próprio mito. Na prática essa fraternidade não existe, dessa forma o fotógrafo utiliza de dois subterfúgios complementares para ter essa interpretação: “ver tudo como universal, o que serve para renegar as particularidades; e ver tudo como natural, o que serve para afugentar o que, ao invés de ser natural, é cultural” (FONTANARI, 2016, p.148). Barthes critica essa forma de representar os homens “iguais”. Para Barthes (*apud* FONTANARI 2016) as fotografias deixam de lado aspectos históricos dos homens e o que fica é uma ilusão.

Em *A câmara clara*, Barthes define esse tipo de imagem como *studium*. São imagens que passam muita sentimentalidade e moralismo, preenchidas da intencionalidade do fotógrafo, e por isso “muito falam sem nada dizerem” (FONTANARI, 2016, p. 148). Essas imagens para Barthes, justamente por estarem preenchidas de sentimentalismo, não permitem ao observador ter comoção diante delas. O fotógrafo já se emocionou e julgou pelo observador, a este não resta nada perante a foto.

Os estudos da imagem fotográfica permitiram que Barthes (1984) criasse dois conceitos para se referir de forma semiótica à imagem:

O termo *studium* vem do verbo *studare*, que é um estudo do mundo: tudo aquilo que não tem pungência, enquanto o *punctum* vem do verbo latino *pungere*, “picar”, “furar”, “perfurar”. Conotativamente, aquilo que é pungente, que corta, fere, sensibiliza, alfineta e amortiza (FONTANARI, 2016, p. 150-1).

Segundo Barthes, *studium* e *punctum* podem aparecer na mesma imagem, cabe ao espectador observá-los. O *studium* atribui a fotografia um terreno da cultura e do saber. É o tipo de foto que comunica e informa ao observador (*apud* FONTANARI, 2016, p. 151). O *punctum* está ligado as emoções, vai além da imagem. É o corpo que responde ao que é apresentado e não o intelecto. Para Barthes é como se o observador fosse ferido pela fotografia (*ibidem*, 2016).

Para Fontanari através da obra de Barthes é possível chegar a uma estética barthesiana para as imagens. Nas palavras de Barthes (1984, p. 76), ele tem um desejo estético que “não atesta obrigatoriamente a arte do fotógrafo: ele diz apenas ou que o fotógrafo se encontra lá, ou, de maneira mais simplista ainda, que ele não podia não fotografar o objeto parcial ao mesmo tempo que o objeto total” (*apud* FONTANARI, 2016, p. 153). Há em Barthes essa crítica as intencionalidades do fotógrafo, ao que este deseja mostrar na imagem e que o apelo em explorar raridades, bizarrices e provocar incômodo no espectador, acaba por não despertar efeito no sujeito que observa. Fontanari coloca os conceitos fotográficos de Barthes da seguinte forma:

O *studium* é a denúncia barthesiana da fotografia de arte, em que se faz notável e se mostra excessivamente o “desempenho” do fotógrafo, suas intencionalidades. A noção de *punctum* faz alusão àqueles fotógrafos sem estilo, isto é, aqueles que, por meio de suas imagens, simplesmente, apontam que o fotógrafo esteve lá onde a cena aconteceu e nada mais, sem comentário sobre o acontecimento (FONTANARI, 2016, p. 153).

Por fim, FONTANARI (2016) coloca que a estética barthesiana não busca a ausência de uma forma, mas sim uma forma que seja a mais próxima da realidade possível. É Barthes procurando por aquilo de mais puro que pode ter no signo. “Um significativo sem significado” (FONTANARI, 2016, p. 154).

Mesmo que os conceitos de Barthes nesse caso estejam voltados para a fotografia, é interessante pensar o mito nas HQs de Vilalba. Verificar como ele pretende atingir o leitor com os significados na criação de suas imagens.

Para pensar a relação da obra de Vilalba com o leitor, utilizo-me de Morin (1970), especificamente quando ele aborda a identificação do público com o cinema no livro *O cinema ou o Homem Imaginário*. Segundo Morin (1970, p. 105) “A projecção é um processo universal e multiforme. As nossas necessidades, aspirações, desejos, obsessões, receios, projectam-se, não só no vácuo em sonhos e imaginação, mas

também sobre todas as coisas e todos os seres”. Portanto, nós nos projetamos e nos identificamos em várias coisas, entre elas o cinema e os quadrinhos, influenciados pelo repertório e vivência pessoais.

No estágio automórfico de projeção, atribuímos a alguém, as nossas tendências e características. “Tudo é puro para os puros e impuro para os impuros” (MORIN, 1970, p. 106). Na fase do antropomorfismo fixamos traços de caráter de humano em outros seres vivos e coisas materiais. Há uma outra fase onde atinge-se o desdobramento, em que ocorre (“a projeção do nosso próprio ser individual numa visão alucinatória em que nosso espectro corporal nos aparece” (ibidem, 1970). Para Morin (1970), os momentos mágicos acontecem no antropomorfismo e no desdobramento que superam a alienação.

Já na identificação, ao invés de o sujeito se projetar no mundo, ele o absorve. Há uma incorporação do meio ambiente no indivíduo. A identificação por vir a aumentar e tornar-se um cosmomorfismo, em que o sujeito acredita que sinta e faça parte do microcosmo (MORIN, 1970). Para Morin (1970) projeção e identificação podem estar interligadas em um complexo global. “A mais banal (projeção) sobre outrem - o (eu ponho-me no seu lugar) - é já uma identificação de mim com o outro, identificação essa que facilita e convida a uma identificação do outro comigo: esse outro tornou-se assimilável” (MORIN, 1970, p. 107).

Morin não observa a projeção e identificação isoladas, mas sim como um *complexo projeção-identificação*. Segundo Morin, a projeção-identificação pode ser resumida em dois momentos: o estado subjetivo e a coisa mágica.

Um é o momento nascente, fluido, vaporoso, (inefável). O outro é o momento em que a identificação é tomada à letra, substancializada; o momento em que a projeção alienada, desgarrada, fixada, fetichizada, se coisifica: em que se crê verdadeiramente nos duplos, nos espíritos, nos deuses, no feitiço, na posse, na metamorfose (MORIN, 1970, p. 107).

Um exemplo do estado puro da projeção-identificação é o sonho. É nele que os processos internos “se podem alienar até à coisificação, e como esta alienação pode reintegrar a subjetividade” (MORIN, 1970, p. 108). Morin (1970) explica como se dá a subjetividade. Segundo o autor, o universo mágico é a visão subjetiva, mas que se crê real e objetiva. Para Morin, a magia é historicamente o primeiro estágio da visão, quando criança ou dos primórdios da humanidade, e o cinema trabalha com essa magia, que atua através da alienação (MORIN, 1970).

Com a evolução da humanidade, a magia foi interiorizada dentro do indivíduo. O avanço da ciência permitiu a desmistificação do universo empiricamente. Com o passar do tempo a magia passa de crença a sentimento. É a racionalidade que fez com que a magia fosse interiorizada, e para Morin (1970) essa mesma magia está ligada a afetividade. “O estágio da alma, a expressão afetiva, vem suceder-se ao estádio mágico. O antro-po-cosmomorfismo, que já não consegue suste-r-se no real, bate asas para o imaginário” (MORIN, 1970, p.109).

Morin apropria-se de Sartre para designar que a emoção pode tornar-se magia. Há na exaltação e no lirismo uma relação antro-po-cosmomórfica. Para ele, o lirismo que observamos através da poesia “serve-se naturalmente das mesmas vias e linguagem que a magia. A subjetividade extrema realiza-se, bruscamente, em magia extrema, da mesma forma que o cúmulo da visão subjetiva é a alucinação - que a objetiva” (MORIN, 1970, p. 110). Retomando a relação da magia com a afetividade, Morin (1970) coloca que há uma ligação entre os fenômenos do coração e as fetichizações, sendo o amor um exemplo cotidiano de projeção-identificação.

A magia se manifesta no cinema como um momento ingênuo da infância, mas além disso como “o *desabrochar primeiro e natural, no seio da imagem objetiva, das potencialidades afetivas*” (MORIN, 1970, p. 111). Para Morin, a projeção-identificação se desenvolve no indivíduo assim como no cinema:

Temos uma personalidade de confecção, *ready made*. Vestimo-la como se veste um fato e vestimos um fato com quem desempenha um papel. Representamos um papel na vida, não só perante os outros, mas também (e sobretudo) perante nós próprios. O vestuário (esse disfarce), o rosto (essa máscara), as palavras (essa convenção), o sentimento da nossa importância (essa comédia), tudo isso alimenta, na vida corrente, esse espetáculo que damos a nós próprios e aos outros, ou seja *as projeções-identificações imaginárias* (MORIN, 1970, p.112).

A projeção-identificação na tela do cinema se faz na medida em que identificamos as imagens com a vida real. A realidade das imagens cinematográficas nos dá um impulso de participação (MORIN, 1970, p. 113). O cinema proporciona ao espectador viver o perigo, mesmo que este seja praticamente impossível de se vivenciar na vida real. Para Morin (1970), no espetáculo (cinema) tudo passa do grau afetivo ao mágico facilmente. Para exemplificar o autor cita:

O espetáculo serve de ilustração a uma lei antropológica geral: todos nós nos tornamos sentimentais, sensíveis e lacrimejantes logo que nos vemos privados dos nossos meios de ação: o SS desarmado tanto soluça pelas suas vítimas como pelo seu canário, o criminoso de longa data torna-se, na prisão, poeta. O exemplo do cirurgião que desmaia perante o filme de uma operação revela-nos bem o sentimentalismo que a impotência, de repente, excita (MORIN, 1970, p. 117-8).

Morin atribui a obra de ficção como um grande amontoado de projeções-identificações. Há nela a subjetividade dos autores, transformada em um produto objetivado através de acontecimentos, personagens e autores. Para o autor o imaginário estético são as aspirações e necessidades humanas transplantadas para uma ficção (MORIN, 1970).

Morin declara que há um certo grau de passividade no cinema ao abrir as canalizações para a participação, porém é o espectador que proporciona a participação, se ele não estiver aberto, nada acontece. O espectador passivo mostra-se ativo; como diz Francastel, colabora no filme tanto quanto os seus autores (MORIN, 1970, p.125).

O cinema proporciona o fenômeno da identificação do espectador com uma personagem do filme (MORIN, 1970). Os aspectos da projeção-identificação demonstram que o sujeito observador tende a incorporar nele, e também no sentido inverso, semelhanças morais e físicas com as personagens de um filme. Para Morin, há no cinema uma movimentação para a contínua tendência e manutenção de personalidades consideradas *estrelas*. É um sistema que mantém personagens para identificação. (MORIN, 1970).

Existe ainda no cinema as *projeções-identificações polimórficas*. Segundo o autor, há uma identificação tanto com o que está próximo, quanto com o que é estranho, com personagens desconhecidos e ignorados (MORIN, 1970). Assim, o cinema é capaz de revelar revelações (aqui temos um pleonasma, talvez possa escrever assim: 'o cinema é capaz de revelar os mais secretos pendores) secretas quando o observador se identifica com personagens incomuns, como é no sonho. Esse caráter polimórfico se apresenta na diversidade dos filmes e também no gosto diversificado do público.

O *ego-involvement* tanto se pode aplicar aos chamados filmes de evasão - lendários, exóticos, inverossímeis - como aos filmes realistas. Noutra sentença, o entusiasmo universal pelos filmes de *cow-boys*, aliado ao fato de (os *westerns* serem os filmes mais populares nas Montanhas Rochosas) (Lazarsfeld), vem testemunhar da mesma dupla realidade: fugirmo-nos, reencontramo-nos. Reencontrar-se para se fugir a si próprio (os habitantes das montanhas Rochosas), fugir-se a si próprio para se reencontrar (o mundo inteiro) (MORIN, 1970, p. 129).

As características das projeções-identificações polimórficas permitem ao espectador a identificação com vários elementos do filme. A história, os romances, as ações fazem com que sejamos “apanhados num amplexo antroponómico e micro-macrocosmómico” (MORIN, 1970, p.130). O cinema supre uma necessidade do público de vivenciar coisas que não seriam possíveis na vida real. “Necessidade de fugirmos a nós próprios, isto é, de nos perdermos algures, de esquecermos os nossos limites, de melhor participarmos no mundo... ou seja, no fim de contas fugirmo-nos para nos reencontrarmos” (MORIN, 1970, p. 136).

Para finalizar, Morin faz um apanhado dos termos apresentados no texto e sintetiza que ao mesmo tempo que o cinema é mágico, é também estético e afetivo.

A magia é a linguagem da emoção e, como veremos, da estética. Só se pode, pois, definir os conceitos de magia e de afetividade em relação um ao outro. O conceito de estética insere-se nesta reciprocidade facetada. No estádio em que a civilização conservou o seu fervor pelo imaginário, tendo embora perdido a fé na sua realidade objetiva, a estética é a grande festa onírica da participação. (MORIN, 1970, p. 138).

Esse apanhado da obra de Morin, apesar de estar relacionada ao cinema, será aplicada aplicado na condição de projeção-identificação com o leitor de HQ. O público tem um papel fundamental para pensarmos em crítica, pois para sua efetividade, ela precisa alcançar alguém. A projeção-identificação proposta por Morin, principalmente a polimórfica, vai permitir observar como o observador se identifica com a obra e de que modo agrega significados pensados para além dela quando a interpreta a partir de seu próprio repertório, que é apenas parcialmente compartilhado com o do artista, visto estarem ambos em mesmo contexto histórico social.

### 3 MÉTODO

A metodologia escolhida para análise dos quadrinhos de Robson Vilalba se dá em três etapas: (1) Análise de Conteúdo dos quadrinhos; (2) Entrevista em profundidade com o autor; (3) Rodas de percepção. Os resultados da recepção das HQs obtidos nas três etapas serão triangulados na conclusão, a fim de identificar pontos de encontro da minha análise como pesquisador, com as falas do criador da obra e a opinião do público.

A pesquisa se debruça na análise de quatro reportagens em quadrinhos escolhidas pelo próprio autor. O método do processo de escolha foi informado pelo artigo da pesquisadora Fabiana Bruno (2010) sobre *Fotobiografia*. Ao deixar o próprio autor escolher quais quadrinhos serão analisados, é possível descobrir durante a entrevista em profundidade qual o sentido dado pelo mesmo nessa seleção. Assim como em *Fotobiografias* em que a autora aplicou a metodologia de seleção para que idosos selecionassem fotos que contassem suas histórias:

As fotografias puderam diferentemente do verbal, “refletir”, “pensar” e “redescobrir” a memória e representar a trajetória de um idoso como um pequeno filme, que ele monta, desmonta e remonta, a partir de etapas metodológicas que partiram de arranjos visuais compostos por 20, 10 e três fotografias (BRUNO, 2010, p. 28).

No artigo a pesquisadora utilizou-se da técnica para investigar, sobretudo, de que forma os idosos organizam e montam através das fotografias suas próprias histórias. O objetivo de aplicar tal método na pesquisa ora realizada é verificar por que algumas obras entraram e outras não, tornando possível verificar se as escolhas de Vilalba constituem narrativas pessoais e profissionais.

Quanto à análise de conteúdo, ela foi escolhida como técnica de pesquisa por tornar possível o processo analítico em diferentes tipos de produtos comunicacionais. Em artigo sobre a análise de conteúdo, Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2010) difere essa técnica da análise semiológica e da análise do discurso, pois apenas a análise de conteúdo possui os requisitos de sistematicidade e confiabilidade.

Assim como coloca Bardin (1970), a análise de conteúdo pode ser sintetizada em dois objetivos:

*a ultrapassagem da incerteza*: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta «visão» muito pessoal, ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável? e o *enriquecimento* da leitura: Se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não detínhamos a compreensão (BARDIN, 2002, p. 29).

A aplicação da análise de conteúdo nos quadrinhos é interessante porque torna possível a compreensão da obra como um todo: tanto no texto quanto na imagem. Bardin (2002) coloca que a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2002, p. 42).

Assim, segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p. 14) a análise de conteúdo: “compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados”. A escolha da técnica faz-se necessária diante da possibilidade de vencer incertezas oriundas das hipóteses e pressupostos, pela leitura analítica das significações e pelas conexões estabelecidas além do texto. Porém, a minha subjetividade interfere na análise, pois a minha visão de mundo e o meu histórico são inerentes ao que analiso. Portanto estou ciente que a minha interpretação dos quadrinhos está sujeita a minha subjetividade.

O jornalismo em quadrinhos apresenta-se como produto comunicacional capaz de aliar imagem em texto na construção da narrativa, portanto uma avaliação precisa ser feita sob a luz de metodologias que possam compreender essa interação de linguagens. Os quadrinhos selecionados por Vilalba serão analisados em quatro aspectos:

- 1) Semiótica: utilizada na leitura das imagens e observando enquadramento, luz, temperatura e cor;
- 2) Análise da expressão: construção do sentido;
- 3) Circulação: em qual meio os quadrinhos são publicados (jornal, revista, online offline); analisando os veículos como sujeitos semióticos;

- 4) Relação de Poder: tratando-se de quadrinhos de cunho político, constatar o direcionamento do discurso e como o autor utiliza os quadrinhos como forma de pautar certos assuntos. Estabelecimento de relação com conceitos de Bourdieu (1989) e Foucault (1984).

Pensando nas diferentes formas de poder na sociedade, Bourdieu (1989) aborda o poder simbólico e coloca que este é: “com efeito, esse poder invisível o que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8). Para o autor, o poder simbólico é um poder de construção da realidade e utiliza os sistemas simbólicos como instrumento de imposição. Os meios de comunicação tem a estrutura necessária para legitimar o poder e através dos símbolos, que são instrumentos de conhecimento e comunicação, torna-se possível um: o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para reprodução da ordem social: a integração <<lógica>> é a condição da integração <<moral>> (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Foucault também se debruçou sobre o poder e suas relações com a sociedade. Em *Microfísica do Poder* (1984), o autor não trata o poder de forma genérica ou absoluta, mas como observa Renato Machado (2013), Foucault pondera o poder como um: aspecto fundamental no desenvolvimento das relações, especialmente aquelas de natureza política. (*apud* ZEIN; KNOERR, 2014, p. 10). Foucault analisa as formas de poder em diferentes situações, escapando do generalismo político do poder. São exemplos seus escritos sobre o poder na saúde pública, na educação e na sexualidade.

Em “O Nascimento da Medicina Social”, Foucault (2013) realiza um resgate da evolução histórica da medicina na Alemanha, França e Inglaterra e analisa como a ciência médica: assume um aspecto social e de incursão na estrutura de controle estatal e, via de consequência, de poder (*apud* ZEIN; KNOERR, 2014, p. 8). Quanto ao tema de *Microfísica do Poder*, Renato Machado (2013, p. 14) conclui que:

O que Foucault chamou “microfísica do poder” significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, à medida que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos (*apud* ZEIN; KNOERR, 2014, p. 11).

Visto as relações de poder na sociedade, utilizo-me da obra de Bourdieu e Foucault para analisar o papel de Robson Vilalba como formador de opinião através de sua obra. O autor tem visibilidade em grandes meios de comunicação no Brasil, como é o caso dos jornais Gazeta do Povo, Folha de São Paulo e *Le Monde Diplomatique*. o trabalho de Vilalba permite pautar determinados assuntos e dar visibilidades a eles. Portanto, ele tem o poder de selecionar temas e incorporá-los nos meios de comunicação.

Dentro da Análise de Conteúdo foi selecionado a subcategoria de Análise da Expressão, porque como coloca Bardin (2002, p.185): “existe uma correspondência entre o tipo do discurso e as características do seu locutor ou do seu meio”. Portanto o conteúdo será avaliado em conjunto com características do próprio autor, sua ideologia e motivações na escolha e desenvolvimento da pauta. O discurso do interlocutor, tanto na forma como no conteúdo, está passível do estado do autor e de sua reação a determinada situação.

Segundo Bardin (2002) a análise da expressão também permite observar os indicadores não de forma semântica (plano dos significados), mas sim de ordem formal (plano dos significantes e sua organização). Portanto me debruço mais sobre aspectos do sentido, presentes nos textos dos quadrinhos, do que na linguística em si. Apesar de todos os pontos positivos, a Análise de Conteúdo apresenta suas limitações. Como colocam Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) pela proximidade com o objeto de estudo e pela abordagem subjetiva requeridas na pesquisa qualitativa, o pesquisador pode refletir seus pré-conceitos no objeto estudado. Muitas vezes os fenômenos analisados estão em proximidade com o observador, portanto é um desafio fazer a análise sem se aproximar e impregnar com o ponto de vista do pesquisador os eventos analisados.

Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) sugerem a utilização de entrevistas para suprir essa limitação da pesquisa qualitativa:

Para contrapor a esta limitação, o pesquisador, ao utilizar-se de entrevistas, necessita refletir intensamente sobre a elaboração do instrumento de coleta. Essa construção necessita contemplar questionamentos que possam levar o sujeito à manifestação de suas percepções, independente de suas dificuldades de verbalização ou outros incômodos. Ainda é importante destacar que a condução das entrevistas também é fundamental para extrair ao máximo as subjetividades (CAVALCANTE, CALIXTO E PINHEIRO, 2014, p. 17).

Com o objetivo de preencher essa lacuna, utilizo a Entrevista em Profundidade com Robson Vilalba como metodologia complementar. Com base no artigo de Jorge Duarte (2010), a entrevista em profundidade é:

um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira como na análise de Demo (2001, p. 10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade (DUARTE, 2010, p. 62-63).

A entrevista em profundidade é utilizada visando a compreensão do universo que circunda o autor. Entender o que motiva, quais as influências, o que ele tenta transmitir através da ilustração e o método de produção de Vilalba, ajuda a enriquecer a análise como pesquisador, e torna possível mensurar aproximações e distinções entre a percepção do pesquisador e a do próprio autor. Duarte (2010, p.63) coloca que a entrevista em profundidade é capaz de aprofundar um assunto, compreender fluxos e processos, bem como entender o passado do autor. Ainda é possível constatar problemas, padrões, fazer interpretações, explicar fenômenos e explorar a riqueza de um tema, ou seja, compreender a subjetividade do autor.

A entrevista em profundidade como observa Duarte (2010, p. 63-648) é capaz de: “explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço [...]. Saber como e por que as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está ocorrendo”.

A entrevista em profundidade é tanto uma técnica útil para a apreensão de uma realidade, quanto para tratar de questões ligadas ao íntimo do entrevistado. (DUARTE, 2010, p. 64). O modelo de entrevista adotado é o semi-aberto. Como proposta por Duarte (2010): as perguntas da entrevista semi-aberta partem do

problema de pesquisa e buscam tratar o tema de forma mais ampla, deixando as perguntas mais abertas. Juntando um roteiro de perguntas com uma flexibilidade na estrutura, tornando possível adicionar mais questões e interrupções da ordem, caso necessário e conforme o andamento da conversa. Duarte observa que:

O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador (DUARTE, 2010, p.66).

Segundo Duarte (2010), o modelo semi-aberto oferece vantagem por permitir uma estrutura para comparação de resposta e uma análise de resultados. Possibilitando a criação de categorias para agrupar as perguntas e respostas obtidas. Duarte orienta que na preparação do roteiro-guia seja feito em conjunto uma relativização com tópicos importantes para as perguntas. O autor também orienta que se mostre ao entrevistado a relação de perguntas, depois de esgotadas as perguntas do roteiro, para verificar em conjunto com o entrevistado se algum tema relevante deixou de ser abordado.

Em consonância com as respostas do entrevistado também são observadas questões relacionadas ao ambiente da entrevista, bem como o comportamento do entrevistado diante das perguntas, a fim de poder descrever melhor o contexto da entrevista e relativizá-la no momento da triangulação de resultados.

A confiabilidade e a validade da técnica estão ligados aos objetivos que o pesquisador se propõe a obter com a entrevista, segundo Duarte (2010, p. 67). No caso da pesquisa ora realizada, a entrevista em profundidade é complementar, pois não opera isoladamente. O objetivo dela é fornecer informações obtidas diretamente do autor para a triangulação em conjunto com os resultados da análise de conteúdo e da roda de percepção com o público. A seguir coloco na íntegra o roteiro de perguntas para a entrevista em profundidade com Robson Vilalba, bem como os tópicos para questão realizados em conjunta com a orientadora da pesquisa:

1) Como o jornalismo em quadrinhos entrou na sua vida?

Essa pergunta vai certamente ter na resposta qual a influência e o porquê ele resolveu seguir a carreira nessa direção.

2) Em termos editoriais, já existe uma boa aceitação dessa linguagem no mercado?

Essa pergunta permite que ele revele algumas estratégias comunicacionais que o motivaram a seguir na carreira.

3) Qual a sua compreensão do aspecto artístico na composição dos quadrinhos relacionado à temática que o senhor escolhe abordar?

Essa pergunta vai introduzir a resposta da temática política, talvez traga já elementos da cor e do enquadramento e também vai revelar se ele considera uma arte o quadrinho ou apenas um meio de expressão.

4) O senhor tinha comentado comigo que gosta de usar o humor de forma irônica em seus trabalhos. Aplica isso em todas os quadrinhos?

Espera-se que ele responda a partir do vivido o que o influenciou para atuar com o humor ou se teve influências de outros autores nesse processo.

5) Qual a função do humor na obra?

Aqui espera-se algo do gênero relacionado ao aspecto ideológico, de valores a partir de onde ele parte. Essa pergunta é importante para contrapor com o grupo de percepção, explore bem caso ele responda muito rápido, aprofunde o assunto. E também sonde se ele vai falar sobre a relação de poder. Se falar peça para explicar melhor.

6) Vindo das ciências sociais e em nossa conversa anterior, observo que o senhor aplica métodos rigorosos em seu trabalho, que começa muitas vezes na pauta. Isso tem relação com a sua formação superior? Quais autores mais o influenciaram?

Aqui fecha a questão das repostas de influências tanto pessoais quanto profissionais, se ele não falar alguma delas pode perguntar diretamente, mas sem usar a palavra ideologia, que pode ser recebida de forma pejorativa.

7) Como tem sido para o senhor a devolutiva do seu trabalho, em termos de comentários e apropriações nas redes sociais. Esse ambiente de internet modificou seu modo de produzir quadrinhos?

Aqui você irá verificar se ele tem acompanhado o retorno ou feedback da produção dele ou se ele é alguém que produz e não se importa com o restante do processo de recepção.

8) Caso ele não acompanhe a devolutiva - Como o senhor considera que as pessoas recebem o seu trabalho, que expectativa de identificação o senhor propõe?

Aqui irá aparecer muito da ideologia política dele.

9) Já ocorreu de algum leitor tecer elogios ou desagrvos em relação ao seu trabalho? Qual foi sua reação?

Aqui ele vai contar causos, também uma parte importante para revelar valores norteadores da relação de produção e de inter-relacionamento.

10) Ao escolher essas quatro HQs para avaliação qual foi a sua motivação ou processo de escolha? Eu havia informado o período de abrangência e o viés político da pesquisa, mas tem mais algum motivo especial para selecionar essas obras?

Deixe-o responder aqui primeiro depois faz a pergunta abaixo. Ele pode ter motivações que ainda não mencionou anteriormente, dê atenção aos motivos afirmativos de uma escolha e também porque ele não selecionou outras - os critérios de exclusão são tão importantes quanto os de inclusão.

11) De alguma forma elas constituem uma narrativa?

Essa pergunta permite investigar melhor a escolha das obras e permite o exercício do autor pensar sobre suas próprias escolhas.

12) Como? (atente que perguntar como te dá mais informações do que se perguntar qual, até porque você já parece ter percebido que forma uma narrativa e de qual se trata).

13) Teria mais algum aspecto que o senhor considera importante colocar que não foi abordado anteriormente? Qual?

A última pergunta dá poder ao entrevistado de pautar assuntos que possam ter ficado de fora do roteiro de perguntas.

Como observa Duarte (2010) é importante entender o contexto das perguntas e das respostas nos momentos de redação da entrevista em profundidade. Por tratar da subjetividade do entrevistado, podem ocorrer alguns desvios, ou enganos por parte do entrevistado, então esses acontecimentos devem ser levados em consideração. Segundo Duarte (2010, p. 80): “A entrevista é sempre uma discussão subjetiva, mas é importante tentar separar informação objetiva de interpretação e análise”.

Assim como propõe Duarte (2010), trechos literais da entrevista são marcados em itálico, para reforçar, dar suporte e esclarecer as partes destacadas. “O resultado em geral é mais descritivo, analítico, reflexivo do que conclusivo”. Assim, a entrevista em profundidade é usada para complementar os outros métodos e permitir descobrir as percepções do autor sobre o seu próprio trabalho.

No intuito de auxiliar o processo de condução da entrevista em profundidade, esta técnica foi ampliada com conceitos da entrevista compreensiva de Ferreira (2014). O autor propõe que a entrevista compreensiva é:

...o culminar técnico e epistemológico do processo de criativização a que o uso das técnicas de entrevista tem sido recentemente sujeito na pesquisa social. Já não é necessariamente concebida como uma técnica neutra, estandardizada e impessoal de recolha de informação, mas como resultado de uma composição (social e discursiva) a duas vozes, em diálogo recíproco a partir das posições que ambos os interlocutores ocupam na situação específica de entrevista (de interrogador e de respondente). A aplicação da entrevista de tipo compreensivo pressupõe a obtenção de um discurso mais narrativo que informativo, resultado da intersubjectividade que se desenrola entre entrevistado e entrevistador. Tal exercício pressupõe da parte do entrevistador uma postura criativa e de improvisação na condução da entrevista, que requer artes e manhas específicas (FERREIRA, 2014, p. 979).

O objetivo da entrevista compreensiva é superar a herança estrutural-funcionalista na pesquisa qualitativa, que requer uma recolha de dados mais estandardizada (FERREIRA, 2014, p. 981). Para Ferreira, a posição de entrevistador não é impessoal. Essa posição se dá através do comando, do ato de perguntar, o que faz com que o entrevistador assuma uma posição. Perguntar implica em um ponto de vista, e a ação delimita os domínios da relação entre entrevistador e entrevistado. Portanto, é dever do pesquisador:

paradoxalmente, gerir essa posição de entre-ver por forma a ser o menos impositiva possível sobre o ponto de vista do entrevistado. Uma entrevista bem improvisada exige da posição de entrevistador conhecimento (sobre a temática a abordar), planeamento (sobre os tópicos interessantes para ambos, quem pergunta e quem responde) e experiência (em gerir encontros sociais deste tipo com algum à vontade e coloquialidade). Mas, sobretudo, implica a constante capacidade do entrevistador em se colocar, dialógica e reciprocamente, diante do ponto de vista do entrevistado, para que o exercício de com-posição improvisada resulte da melhor maneira para ambos (FERREIRA, 2014, p. 982).

Segundo Ferreira (2014), a “boa pergunta” não é aquela preparada previamente, mas sim aquela que provoca o entrevistado a tomar uma posição, que faz o entrevistado responder com densidade narrativa. A melhor pergunta é aquela que promove a “boa resposta” em um processo de exercício criativo de composição improvisada (FERREIRA, 2014, p.982). O pesquisador precisa estar ciente que existem “fatores perturbadores” na situação de entrevista, e eles podem interferir na resposta do entrevistado, portanto todas as respostas precisam ser colocadas em contexto.

O autor observa que o ato de resposta é uma narração reflexiva, portanto: “mais do que recolher informação realista sobre factos, permite o acesso a uma narração que os comenta, valoriza, interpreta, relaciona e contrasta com outros factos” (FERREIRA, 2014, p. 984). A construção da resposta está ligada a situação de interatividade entre entrevistador e entrevistado, visto que a posição de ambos não é neutra. Parte do pesquisador deixar o entrevistado a vontade e estimulá-lo a dar resposta que superem a simples narração de um fenômeno e faça com que exponha seus pontos de vista durante a fala.

As entrevistas resultam em: “dados discursivos que não refletem objetivamente uma realidade, mas que resultam de uma com-posição discursiva e intersubjetiva” (FERREIRA, 2014, p. 984). Geralmente essa interação se dá de forma improvisada de ambas as partes, criando algo como uma situação experimental, ainda segundo o autor, a A entrevista, propõe em algumas situações, um discurso que muitas vezes o entrevistado nunca foi convidado a refletir, como situações que envolvam seu trabalho ou sobre sua vida (FERREIRA, 2014).

Ferreira (2014) observa ainda que há a situação de entrevista extraordinária e cabe ao entrevistador trabalhar essa excepcionalidade, a fim de fazer o interlocutor acreditar que esteja em uma simples conversa a dois, agindo com simplicidade e descontração para melhor condução da entrevista. Tais características e requisitos do

entrevistador, são considerados por Ferreira como artes e manhas da entrevista. Sendo a criatividade e a capacidade de improvisação as principais ferramentas para uma boa condução da entrevista. É papel do entrevistador, segundo Oliveira (2000, p. 23):

...fazer entrever e fazer emergir o ponto de vista a partir do qual o entrevistado, ele próprio, se coloca perante determinados tópicos. Isso pressupõe tratá-lo não apenas como um informante – através da colocação de “perguntas feitas em busca de respostas pontuais” que “criam um campo ilusório de interação” – mas como um verdadeiro interlocutor, ativamente ouvido e interpelado numa relação de diálogo permanente e mutuamente significativo (*apud* FERREIRA, 2014, p. 986).

O entrevistador deve ter empatia durante o ato de entrevista e promover confiança. Segundo Ferreira (2014) isso contribui para entender melhor o interlocutor e compreender o universo em que este está inserido. O pesquisador precisa se manter atento ao que o interlocutor está transmitindo e demonstrar interesse na narrativa, deixando o entrevistado confortável para seguir com a resposta (FERREIRA, 2014, p. 988). Neste presente trabalho a entrevista compreensiva compõe a entrevista em profundidade, no sentido de melhor conduzir a conversa com Robson Vilalba. Compreender o contexto da entrevista, bem como ficar atento para realizar interpelações, quando necessárias, para agregar qualidade na entrevista em profundidade.

Para destacar as falas de Vilalba obtidas a partir da entrevista em profundidade, deixo os trechos em itálico. Também deixo em itálico trechos retirados dos quadrinhos que estão dentro das caixas de texto, ou representam a narração. As falas obtidas durante as rodas de percepção e os trechos retirados dos balões do quadrinho são deixados entre aspas.

A terceira etapa da metodologia está interessada na obtenção de dados de recepção do material pelo público por meio das rodas de percepção. O ideal seria realizar um grupo focal com um universo amostral mais científico, mas pelo tempo disponível para realização da monografia e pela utilização em conjunto com outros métodos de pesquisa em comunicação, fica inviável a realização de um grupo focal rigoroso. Inicialmente a ideia era realizar as rodas de percepção com alunos de todos os cursos do SACOD (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Música, Artes Visuais e Design) da UFPR. Uma das motivações é integrar os alunos

do SACOD através da pesquisa científica. O objetivo é incorporar a análise do público quanto às obras de Vilalba e fazer um contraponto entre quem faz e quem recebe as reportagens em quadrinhos.

O método de seleção do público é aleatório e foram disparados para e-mails para os centros acadêmicos dos curso desse setor, pedindo que fosse divulgado a roda de percepção. O ideal é que houvesse pelo menos dois alunos de cada curso do Setor de Artes, Comunicação e Design. O público escolhido foi desse setor, pela facilidade em divulgar a atividade e pela possibilidade de realizar as mostras dos quadrinhos nos espaços onde esses alunos circulam habitualmente. Outro fator importante pela escolha desse público é pela proximidade do jornalismo em quadrinhos com áreas afins dos cursos do setor. No geral os estudantes de artes, comunicação e design tem um conhecimento de leitura de imagens e processos comunicacionais.

Não obtive resposta dos centros acadêmicos dos cursos do setor, exceto pelo CACOS, Centro Acadêmico de Comunicação Social que divulgou a atividade. Através do Paulo Reis, chefe de departamento do Deartes, a minha orientadora, Eveline, conseguiu o horário de uma aula do curso de Artes Visuais para realizar a vernissage. A atividade foi realizada na manhã do dia 29/10/2018 (segunda-feira) dentro de uma aula prática de gravura, disponibilizada pelo professor do Departamento de Artes. A sala era grande e os quadrinho foram expostos de duas formas: em formato A3 com dois dos quadrinhos deixados em colunas da sala e outros deixados na mesa do professor. Todos os quadrinhos também foram disponibilizados em tamanho A4 e deixados em uma das bancadas, para que os alunos não precisassem se concentrar todos no mesmo local.

No dia 30/10/2018, também no período da manhã, a vernissage foi realizada no auditório do SACOD, localizado no campus de comunicação, com alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Jornalismo e Pu. Os quadrinhos em formato A3 foram anexados em dois murais, enquanto os A4 deixados numa mesa. As duas rodas de percepção foram gravadas inteiras em áudio. Não foi possível analisar a recepção com estudantes dos cursos de Música e Design, como previsto inicialmente. Como não obtive resposta dos centros acadêmicos, ficou inviável por questão de tempo, tentar realizar as rodas de percepção depois das datas previstas inicialmente.

Realizei por primeiro a entrevista em profundidade com o autor no dia 5 de outubro, na sequência vieram as rodas de percepção nos dias 29 e 30 de outubro. A análise foi feita depois dessas atividades, portanto é provável que eu tenha sofrido influência da percepção de terceiros sobre a obra. Organizei todos os dados e informações obtidas em pastas no *Google Drive*, sistema de armazenamento de arquivos em nuvem. Os resultados obtidos nas rodas de percepção e na entrevista em profundidade com o autor aparecem na aplicação do método, logo na sequência. Enquanto as considerações finais foram reservadas para a discussão dos resultados e triangulação dos dados obtidos.

### 3.1 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

A entrevista com Robson Vilalba, autor das reportagens em quadrinhos, foi realizada em 05/10/2018. Vilalba é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Trabalha com jornalismo desde a faculdade e coleciona prêmios, destaque entre eles o 35º Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, em 2016, e o Prêmio VI Herzog (36ª Edição) na categoria arte, em 2014.

Coincidentemente a entrevista em profundidade aconteceu no mesmo dia do aniversário. Gravamos por áudio a conversa no Talheres Gastronomia, um restaurante com café e bar, no final de uma sexta-feira. O local foi escolhido por Vilalba e fica próximo do trabalho dele. Durante a entrevista ele se mostrou bastante à vontade, conhecia os funcionários do estabelecimento, demonstrando que escolheu um lugar onde se sentia confortável para dar a entrevista. Como o objetivo da pesquisa foi o de investigar a fundo os processos de produção dos quadrinhos e as influências do autor, comecei por perguntar como o jornalismo em quadrinhos entrou na vida dele. O autor respondeu que fazia charge aos 18 anos e que sentia que seu trabalho era imaturo. Durante a faculdade descobriu a existência do quadrinista Joe Sacco e leu o livro dele chamado “O Derrotista”, sobre as primeiras obras. A obra de Sacco fez Vilalba pensar que ele poderia unir as ciências sociais com o desenho. Desde esse momento (2003/2004) Vilalba comenta que ficou obstinado a realizar esse tipo de trabalho e publica a primeira reportagem em quadrinho em 2013.

Perguntei se ele sabia, em termos editoriais, se há uma boa aceitação do jornalismo em quadrinhos como linguagem, se ele percebia que tem um bom retorno.

O objetivo foi o de desvendar algumas estratégias comunicacionais que o motivaram a seguir na carreira. Vilalba respondeu que percebia um bom retorno e uma boa recepção das reportagens em quadrinhos. Ele diz que sempre se preocupou com o tema e com a pauta, para ele esses pontos estão mais ligados com um bom retorno, do que o fato de ser propriamente em quadrinhos. O quadrinista reparou que temas mais abrangentes e a forma de tratá-los dão mais repercussão. Ele citou matérias que eram mais fechadas não tiveram tanto repercussão quanto as que tinham temas nacionais, como a publicada na Folha de São Paulo. Para ele o alcance da matéria está ligado com a pauta. O quadrinho “Ninguém ama Rubens Bohlen” que trata do ex-presidente do Paraná Clube, ele usou de exemplo como matéria de baixa repercussão, assim como a primeira reportagem sobre a primeira manifestação dos professores, em 2015. Ele citou então que os quadrinhos políticos têm uma melhor recepção nos jornais, nesse momento o questionei se ele considerava a política uma temática de maior fôlego. Vilalba afirmou que sim, tanto pelo tema quanto pela apresentação dele. A resposta de Vilalba torna evidente que ele se preocupa com a pauta e associa o bom retorno aos temas mais abrangentes e políticos, como os quadrinhos que ele selecionou para análise.

Aproveitei a fala sobre a repercussão de seus quadrinhos e questionei se ele tem conhecimento sobre os comentários que cercam sua obra, porque elas circulam tanto no *online*, quanto no impresso. Sobre isso ele comentou que uma publicação, que ele não me mandou, publicada na Folha de São Paulo teve comentários tanto chamando ele de petista quanto de coxinha. Do “Amigo Secreto” ele não chegou a procurar e os quadrinhos publicados na Gazeta não tinham o espaço para comentários disponível. Porém, “Eduardo Cunha tem um plano”, segundo ele, foi um fenômeno, porque ele publicou em sua *fan page* no facebook e na época teve um alcance de 9 mil pessoas, aproximadamente. Ele frisa que a página tinha apenas 150 seguidores e que teve uma repercussão muito alta se considerando o número de seguidores. A resposta desvelou que a obra atinge tanto (generalizando) a esquerda quanto a direita, mas o entrevistado parece não se atentar muito aos comentários sobre suas reportagens.

Partindo para os processos de criação, questionei sobre a ilustração querendo saber se ele adotava aspectos artísticos na composição dos quadrinhos em combinação com o tema. O autor comentou que realiza uma pesquisa como artista com relação ao seu desenho. Quanto à composição, ele diz que tem que criar efeitos

visuais com a escolha da imagem, às vezes utilizando algo mais irônico para determinada situação, é uma escolha do simbolismo da figura, segundo ele. Em referência a pesquisa sobre o traço ele continuou explicando que a busca é por um traço com pincel que fique entre o borrão e o figurativo, nas palavras do próprio: *Por exemplo, você vê uma multidão, você vê que é um borrão, que forma aquela multidão. Mas quando chega bem perto de um rosto, como se fosse close, aí você que tem uma figura humana ali, assim. Teve um acabamento maior, e tudo mais. Essa é minha busca, assim. Por que eu acho que isso tem questões práticas, assim. Eu consigo fazer mais rápido, produzir mais. Eu não preciso ficar com aquele preciosismo em tudo assim. Mas ao mesmo tempo, eu acho assim que, o leitor não pode perceber que uma coisa eu tratei melhor que a outra, assim. Então o desenho tem que ficar entre esses dois pólos. Essa é a minha busca pessoal em termos de arte.*

Questionei se ele adaptava o traço em alguns quadrinhos, ou tentava manter mais uniforme. O entrevistado explicou que sua pesquisa é constante, então é perceptível que o traço é diferente com o tempo. Vilalba mencionou o livro que está fazendo para ilustrar como ele busca dar homogeneidade na obra, que passa por dois tratamentos estéticos, um em primeira e outro em terceira pessoa, e que a relação entre borrão e figurativo já está melhor estabelecida. Ainda falando sobre a arte no trabalho de Vilalba, afirmei que era perceptível em alguns quadrinhos que as cores se referem à partidos políticos, como em “Precisamos falar sobre o lulismo” colorido em o vermelho e azul, e no “Eduardo Cunha tem um plano” onde há predominância do azul. Perguntei se ele usa a cor para relacionar o contexto do quadrinho. Enquanto falava sobre as cores, o autor explicava que o vermelho é uma cor quente, enquanto o azul é frio. Ele comentou que não se acha um bom colorista, mas a cor tem duas funções para ele no desenho: pode estar associada a um partido, como reparei, ou ligado a um sentimento. Para explicar seu entendimento sobre o uso das cores, cita o pintor francês Paul Gauguin: *eu não pinto a luz, eu não pinto a representação da figura. Eu pinto uma sensação. Desde que eu li isso, quando eu comecei a estudar um pouco mais sobre cor, eu falei: putz, acho que eu vou fazer isso que Gauguin falou. Eu vou escolher uma cor, e aquela cor é uma sensação assim, sabe. Então normalmente, eu uso uma cor, duas cores. Além de ter essa coisa da sensação, elas também ajudam a fazer uma separação entre figura e fundo. Então ou eu pinto a figura, e assim separo ela do fundo. Ou eu pinto o fundo e deixo a figura, sem cor sabe.*

Aproveitei a situação e questionei se a parte em que ele colore é onde quer chamar mais a atenção do leitor. O entrevistado diz que depende, porque às vezes ele pode pintar toda a cena e deixar só uma parte sem colorir, portanto, vai ser esse lugar que vai chamar a atenção. Para exemplificar como ele trabalha com a cor na prática ele afirmou que se espelha na técnica da gravura: *você trabalha assim: branco, cinza, preto. Branco, cinza, preto. Branco, cinza, preto. Eu tento fazer assim com as cores: mais cor, menos cor, mais cor, menos cor. Então eu tento dar um pouco desse movimento.*

Depois de conversar sobre as cores em sua obra perguntei como ele usa luz e sombra para causar sensações. O autor falou que não muda as figuras, nem as caricaturiza, portanto usa luz e sombra para causar um efeito, explicando que é algo que usa sempre e vem do expressionismo alemão. Para o quadrinista é um recurso para transmissão de informação. Como exemplo, ele comentou um desenho que fez do Temer em “Amigo Secreto”: *acho que é o último quadro que aparece o rosto do Temer, tem uma luz assim, sabe. Ele não tá falando nada, ele não tá dizendo nada, entendeu, só aquela luz tá dizendo. Isso também é uma forma de burlar um pouco assim a censura. A fim de entender melhor, perguntei se quando ele não trabalha alguma sensação no texto ele preenche isso com a imagem. Vilalba respondeu que sempre tenta aliar os dois: *eu sempre tento trabalhar essa sensação na imagem e tento deixar o texto mais perto do jornalístico, assim aquele informativo. Tanto que eu to contando uma coisa, tentando não me envolver com ela, mas a ilustração não, a ilustração ela é muito, desde assim a escolha do quadro, da escolha do corte, da escolha do ângulo, da escolha da luz, assim. A ilustração ela é totalmente arbitrária. Tem uma arbitrariedade, assim, tem uma intenção ali, só que é uma intenção que ela não é caricata, ela é uma intenção artística, vamos dizer assim. Então tipo assim, eu não caricaturizo, não to também colocando uma em relação a superioridade, prioridade a outra, mas eu acho que ali é uma forma de contar uma outra coisa, que vai também depender um pouco do filtro do leitor. Como ele vai sentir aquilo tudo.**

Pelas respostas de Vilalba fica evidente que ele trabalha com a subjetividade na imagem, enquanto trata das informações no texto. Quando o quadrinista respondeu sobre o uso de luz e sombra, ele comenta que o faz como uma forma de burlar a censura. Aproveitei que ele faz esse comentário e comentei que mesmo que não haja uma censura de fato, mas ele trabalha com diversos veículos de comunicação e cada um tem uma posição ideológica. Questionei se o autor acha que por fazer jornalismo

em quadrinhos é mais fácil quebrar a barreira e tratar de temas que normalmente não seriam trabalhados na reportagem comum. Ele acredita que é mais fácil porque pode trabalhar com reportagens mais extensas. A impressão que ele tem como leitor, é que hoje em dia os jornalistas são contratados para fazer matérias factuais, mais imediatas. Dificilmente esses jornalistas são contratados para fazer reportagens em que vão fazer uma imersão, mergulhar no assunto. Para ele, o quadrinho permite fazer matérias mais imersivas. Quanto a censura, ele respondeu: *agora com relação à censura ou não do perfil editorial do jornal, às vezes por conta dessa coisa mesmo da luz e sombra e tudo mais, às vezes o editor fica encucado só com a figura, de pensar assim: putz será que tão dizendo alguma coisa que eu não tô vendo. Será que tem alguma mensagem subliminar aqui e eu não to achando. O que dificilmente aconteceria num texto. Texto é o que tá ali, se te incomoda corta aquele trecho e vai.* Portanto, Vilalba usa a subjetividade da imagem para ilustrar sua opinião.

De forma espontânea, o quadrinista fez uma análise sobre o espaço de publicação dos quadrinhos: quando eu trabalhei na Gazeta do Povo, todos os jornalistas que trabalham na Gazeta do Povo tinham, têm, tinham a ambição, na época que tinha um jornal diário, de publicar uma página inteira de reportagem. Porque a página é dividida entre vários espaços e matéria, outras matérias, tudo mais. Manchete das páginas, outras páginas, notas. Dificilmente um jornalista conseguia publicar uma página, sabe. Duas então, nossa né, cara. Então assim, eu conseguia, tanto que eu me condicionei também a publicar no máximo uma página. A minha primeira reportagem foram quatro páginas, aí eu me lembro que tinha um amigo comentando: cara uma página de jornal é muito cara, você sabe disso. Aí eu falei: poxa é verdade. Então, eu também vou ser um pouquinho mais humilde. Poxa eu sei que o jornal tem um preço, pra existir né, então eu vou condicionar minhas reportagens pra ter uma página. Então os textos têm mais ou menos o mesmo tamanho, já pra ter uma página de jornal. A fala demonstra a preocupação de Vilalba em adequar suas obras às necessidades do mercado.

Os quadrinhos produzidos por Vilalba circulam tanto no *online*, quanto em meio impresso. Aproveitando para me manter no tema conduzido pelo autor, questionei se eles saíam ao mesmo tempo nas duas mídias. Vilalba respondeu que sim, e no caso dos quadrinhos publicados na Gazeta do Povo foi criado um *plug-in* para celular, para que o leitor conseguisse ir apertando e passando quadro a quadro. Já a reportagem publicada na Folha de São Paulo (Amigo Secreto) foi transformada em vídeo. Para

ele o vídeo representa algo diferente ao seu trabalho: *Tanto que quando eu fiz ele [o quadrinho] fui mandando as artes pro pessoal do vídeo e eles foram animando por conta. Eles animaram, aí é uma releitura do meu trabalho. Não posso nem dizer que aquele é o meu trabalho. Isso foi uma releitura, eles fizeram uma outra coisa diferente do meu trabalho, sabe, mas que tem a haver com isso. Hoje em dia os jornais trabalham muito pensando no online, já faz alguns anos que isso acontece. Então, pra mim não tinha como desconsiderar isso.*

Vilalba se preocupa com os dois formatos já no momento em que está produzindo: inclusive o tamanho do quadro se você reparar assim nas páginas, nenhuma tem um quadro muito grande. Porque o quadro já é pensado pra que ele caiba dentro de uma tela de celular. Então tudo foi meio pensado nisso assim, sabe. Até por exemplo o caso do “Precisamos falar sobre o Lulismo”, os quadros têm no máximo o tamanho de uma tela de celular. Por isso tem muitos quadros.

Quanto às diferenças entre os jornais em que foram publicados os quadrinhos analisados, comentei com Vilalba que a Gazeta do Povo tem um editorial conservador, o Le Monde mais de esquerda, enquanto a Folha de São Paulo está ali no meio. Então o questionei se havia alguma mudança na preparação da pauta para se adequar aos jornais. Vilalba responde que sim: *o do Le Monde eu fiz pensando no Le Monde que eu já tinha publicado uma matéria lá, e pensei: poxa vou falar sobre o golpe. Dificilmente eu falaria sobre o golpe na Gazeta do povo. Até porque eles entendem que foi impeachment. Então assim, eu fiz uma matéria, eu produzi a matéria pensando na ideia de golpe e mandei para o Le Monde mesmo, sabendo que eles publicariam. E até aconteceu uma coisa engraçada. Como o texto tava muito contido com relação ao perfil editorial da Gazeta, eles pressionaram para que ele ficasse mais à esquerda assim, sabe.*

O autor ressaltou que a experiência de escrever um texto mais voltado à esquerda foi completamente diferente. Ele também explicou o motivo de ter publicado “Amigo Secreto” na Folha de São Paulo: *aquela reportagem [Amigo Secreto] que saiu na Folha, sairia na Gazeta, só que como eu tava... a Gazeta tava meio reticente a publicar ela. E eu tinha sido mandado embora da Gazeta e eu pedi permissão pra eles, pra publicar essa matéria em outro jornal. Aí eles disseram que não teria nenhum problema, que eu podia publicar, e foi aí que eu publiquei na Folha de São Paulo.*

Com essas últimas respostas, o autor assume que seu entendimento sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff é de que foi golpe. Fica claro que é um tema que

chama sua atenção e ele transforma isso em pauta para investigar o assunto. Depois de perguntar sobre os aspectos artísticos da obra de Vilalba, deixei de seguir o roteiro de perguntas, porque percebi que a conversa estava sendo conduzida para outros caminhos. Retomei o roteiro planejado e perguntei sobre o uso do humor na forma de ironia nos quadrinhos do entrevistado, se ele conseguia aplicar isso em todos ou depende. Para Vilalba a compreensão da ironia também depende do receptor. Vilalba se vê como uma pessoa irônica: *eu converso com as pessoas e eu tenho sempre uma ironia sabe. Eu gosto do humor ácido, assim, sabe. Aquele humor assim, meio que inglês assim. E aí, eu sempre tento fazer uma coisa ou outra, sabe. Por que é quase involuntário, a coisa vai indo e vai virando aquilo. Eu to escrevendo tem uma coisa meio involuntária, quando você tá escrevendo e tal. O consciente e o inconsciente, assim. O ambiente da palavra é meio que isso.*

Vilalba afirma que tenta colocar de forma sutil a ironia tanto no texto quanto no desenho. Algo que lhe dá prazer é quando identificam as sacadas que ele introduz na obra. O quadrinista observa que a ironia é: *uma covardia, né. Você faz uma acusação de maneira covarde. Pra que a pessoa não diga que você fez aquilo. Então assim, sempre tem isso no meu trabalho, e eu gosto, acho muito legal. Gosto de autores que são irônicos. Na obra de Vilalba, a ironia é uma extensão do próprio autor que insere uma característica dele em seus trabalhos.*

Continuamos no tema e perguntei sobre as influências do autor nos quadrinhos e no humor. Vilalba se inspira em escritores como Dostoiévski e Camus e deles herda a ironia. *Eu sempre leio do Camus A Queda, assim, que é um livro extremamente irônico, ácido, assim sabe. O próprio Dostoiévski também é extremamente ácido. Aí recentemente eu descobri o Michel Houellebecq que também, eu acho muito... que também tem essa coisa da acidez, assim sabe. Aquela ironia, provocativa, eu gosto disso assim, sabe. Eu acho que pra mim, eu tenho um pouco mais disso, assim. Eu tenho trazido um pouco mais disso pro... acho que essa é a minha principal influência, assim. Agora dentro dos quadrinhos... dos quadrinhos eu sempre tento... na verdade eu tenho uma dificuldade muito narrar a história com as linguagens, sabe. Então quando eu procurava referência em quadrinhos, assim, eu procuro muito mais pensando em como eu vou narrar, do que se aquilo é irônico ou não, sabe. Eu penso muito mais na poética, assim, nessa narrativa da arte do desenho, do que propriamente na ironia, sabe.*

Quanto ao traço, o autor se inspira em Marcello Quintanilha, Marcelo D'Saete e o argentino Alberto Brecha. Os quadrinistas mencionados por Vilalba também trabalham com pincel e neles o autor viu a possibilidade de fazer uma coisa menor, um menor que era maior. Segundo Vilalba, o Quintanilha e o Brecha têm suas obras próximas da crônica, enquanto o D'Saete trabalha mais com a temática histórica. Vilalba não lembrava do nome de um quadrinista que o influencia, mas fala sobre ele: *esse outro que eu comentei que não lembro o nome dele, é um quadrinho sobre a Itália na segunda guerra mundial, sobre o fascismo na Itália e é muito bom. Do jeito que ele trabalha é que eu acho que o desenho, quando ele vai ficando menor, assim, ele não te informa, aí ele se parece com aquela ideia da cor, ele te causa algo, sabe, e esse cara faz um desenho que...*

Interrompi para saber se ele estava falando no sentido de o desenho ser mais detalhado. Ele me respondeu: não, é com pouco detalhe, mas que te causa uma sensação entendeu. Então é esse sentido quando eu falo do borrão, eu quero que o borrão cause uma sensação, assim, o gesto, a pincelada.

Antes de realizar a entrevista em profundidade com o Robson, nós havíamos almoçado algumas semanas antes. Nesse almoço, ele me contou que tinha formação em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia. Na entrevista pontuei que eu havia percebido que ele possui um rigor metodológico para realizar seu trabalho e questionei se isso é influência das Ciências Sociais. Vilalba respondeu que com certeza há uma influência disso. *Eu me formei na UEM, e a UEM é uma universidade muito voltada para o ensino, então ela é muito clássica. Então ela é mais, vamos dizer assim, quadradona, então ela é bem rigorosa com o método. Então, eu acho que com certeza sim.*

Saindo um pouco do roteiro, comentei que percebi que o autor se coloca nas obras, quando está realizando entrevistas. Questionei se isso faz parte da metodologia dele e se ele sabe o quer mostrar ao leitor se colocando na obra. Vilalba fala que vê seus quadrinhos muito próximos do documentário, e que sempre quando aparece é entrevistando, ao lado de um balão de pergunta, portanto quando ele está presente é como se fosse a parte em que aparece entrevistando no documentário. O autor também explicou seu posicionamento nas cenas: *agora desses quadrinhos que você viu, eu imagino que eu apareço de perfil assim, um pouco meio de perfil. Agora eu to caminhando em uma outra forma que é de aparecer de costas. No livro eu apareço mais de costas do que de perfil. E quando eu apareço de perfil é um perfil*

*visto pela nuca. A minha ideia é como se o narrador, a pessoa que tivesse lendo tivesse atrás de mim me acompanhando fazendo a história. Então ela sempre me vê pela nuca. Então é como se ela tivesse olhando pelo meu ombro e vendo o que eu to vendo.*

A inspiração ao se colocar na obra parte de Joe Sacco: foi uma coisa que eu ouvi do André Conti, que é um dos editores que publicou o Joe Sacco no Brasil, dele falar que o Joe Sacco não desenha os olhos, que era uma forma dele se diferenciar dos outros personagens. Então assim, os olhos do Joe Sacco eram do leitor, então ele não desenhava os olhos. Eu pensei, poxa, eu preciso inventar uma coisa dessa pra mim. Aí o que eu inventei pra mim é assim, eu to de costas, então a pessoa sempre vê eu, ela tá me acompanhando assim.

Durante o almoço, que ocorreu semanas antes da entrevista, Vilalba já havia me informado que seu posicionamento política é de esquerda. Questionei, então, como ele como ele coloca isso no trabalho dele, se ele tenta mostrar essa visão. Vilalba é categórico ao responder que seu posicionamento político aparece na formulação da pauta: *eu acho assim, que na verdade, acho que existe um ponto de vista, a ideologia como ponto de vista, e isso é uma coisa. Uma outra coisa é o critério metodológico que é aquele que você perguntou antes. A escolha da minha pauta, eu acho que é uma escolha do campo da esquerda. Mas eu não tento fazer disso um panfleto. Eu não uso jornalismo em quadrinhos pra dizer que as ideias de esquerda são as melhores ideias. Isso tem muito mais a ver com a minha escolha do que sobre o que falar, do que propriamente de como falar. Quando eu entro no como falar, aí eu tento manter algum o rigor dentro do possível metodológico. Mas é mais nesse sentido mesmo, mais da escolha do tema, se existe uma... eu tento assim, é claro que é sempre um exercício constante de você não se deixar tomar pela sua visão de mundo, mas é mais a escolha do tema do que a forma com que é tratado o tema assim.*

Para deixar claro perguntei se depois que ele escolheu a pauta ele tenta manter uma objetividade, um rigor. Ele respondeu que: a escolha do objeto é arbitrária, mas o tratamento dela é um pouco mais objetivo. A escolha do objeto é subjetiva, a escolha do tema é subjetiva, mas o tratamento do tema é objetivo. Com essa resposta Vilalba confirmou que tenta ser objetivo no texto, e deixa seu posicionamento político interferir apenas na escolha do tema.

Aproveitando que o tema é posicionamento político, conversamos mais um pouco sobre o *impeachment*. Perguntei se ele achava que tem uma condição

privilegiada para tratar o tema com jornalismo em quadrinhos. Para ele o quadrinho não tem a ver com isso. Está mais ligado com a possibilidade de fazer algo em que o autor também se coloque em dúvida: *ao mesmo tempo que eu tô interpretando que o que se tratou não foi um impeachment, mas sim um golpe, tem uma dúvida ali, tem um esforço, entendeu? Eu acho que o quadrinho me permite essa insegurança vamos dizer assim. Que talvez num texto jornalístico formal mais rigoroso, eu tenho que tomar uma... ser mais taxativo: sim, foi. Não, não foi. Então ali tem uma coisa meio que tateando, assim, descoberta, assim sabe. Eu sei que eu to sendo meio repetitivo em falar do livro que nem existe de fato, mas o livro é isso, o livro é sobre isso, o livro é um livro inteiro sobre a minha vontade de entender o que foi que acontece. E o livro vai desenhando um caminho que vai chegando numa ideia de que foi um golpe, mas aí o que o quadrinho me permite ali, é a possibilidade de eu ficar em dúvida: será que foi? será que não foi? Eu sei, ou não sei. Tenho as minhas limitações e elas ficam mais expostas no quadrinho. Ele permite mostrar mais os meus limites, acho que essa é a melhor resposta.*

Assim que Vilalba termina de falar sobre deixar essa dúvida, questionei se para além de informar ele queria causar alguma outra coisa no público, deixar essa dúvida. O quadrinista respondeu que quer que o leitor se identifique com sua condição humana de ser uma pessoa humana limitada. Alguém que acredita numa resposta, que tá tentando entender qual é a resposta, mas tem suas limitações. Aproveitei o gancho e perguntei então se ele queria mais abrir diálogo de que dar certezas. Ele respondeu que sim e que em todos os trabalhos ele tenta abrir esse diálogo e não fechar com uma certeza.

Retomei o tema da recepção do público, para sondar se ele já obteve algum retorno sobre se os leitores percebem que ele está propondo uma pauta. Vilalba informou que sim, de forma positiva e negativa. Ele exemplificou com o quadrinho “Eduardo Cunha tem um plano”, falando que ele deixa o final em aberto: teve gente que falou nossa, terminou de maneira brilhante, e teve gente que falou: *como assim você não vai propor uma resposta? Você não acha que isso significa blá blá blá? Então o que eu acho é que você pode concluir, sabe. Você deixa se envolver, se eu levanto bola e o leitor conclui ela, é meio que isso. Por exemplo, o meu amigo secreto, o “Amigo Secreto” é uma página inteira insinuando que o Cunha tem a possibilidade de longa data com o Temer. Se você acha que ele tem problema seu, assim. Eu dou várias pistas, assim. Mas não é conclusivo.*

Interrompi a fala dele para saber se ele queria criar uma provocação. Para o autor é exatamente isso. A pessoa que está lendo pode se perguntar se é isso mesmo que está no quadrinho. Ele tenta dar sustentação para os argumentos: *não são argumentos do nada*. Sobre o fim da reportagem “Eduardo Cunha tem um plano” que o autor comentou que tiveram pessoas que gostaram e outras que não, questionei se isso aconteceu nos outros também. Vilalba disse que observou isso mais no do Eduardo Cunha, que foi o que teve mais retorno e uma grande repercussão. No encontro anterior, durante o almoço, Vilalba comentou que na reportagem sobre o Cunha, ele buscou inspiração em Gay Talese com “Frank Sinatra está resfriado”. Ele comentou que acompanhou Cunha através de pessoas próximas a ele durante um mês, de outubro até o início de dezembro de 2015. Vilalba teve o *timing* de conseguir publicar a reportagem no dia seguinte à abertura do processo de *impeachment* na Câmara do Deputados. Perguntei se ele atribuía a grande repercussão ao processo de criação do quadrinho. Ele respondeu: *Por que também, eu acho... não sabia o que ia acontecer. O que que vai acontecer? Sei lá, né, o que vai acontecer. Até hoje se a gente viu o que aconteceu, ainda fica sei lá o que que aconteceu, né*. A resposta revelou que ele não sabia o que ia acontecer, se Cunha iria abrir ou não o processo, e que até hoje é meio nebuloso como aconteceu a abertura do *impeachment*.

Procurei saber se tem alguém da confiança de Vilalba pra quem ele mostra seus trabalhos antes de publicar, ou se é somente o editor. Ele afirmou que é o editor, mas com o livro que está produzindo é diferente: *pro livro tem amigos, porque eu tenho uma dificuldade muito grande com gramática, sabe. Eu tenho muita dificuldade nisso. Então o livro eu to usando, usando né um ato falho, mas eu tenho usado muito assim, a ajuda de alguns amigos pra corrigir, fazer uma revisão ortográfica. E eles encontraram milhares de erros. Mais normalmente eu... é porque é o seguinte assim, os editores querem participar, sabe. Dificilmente um jornal... eles... não há uma boa recepção de um editor que você entrega um material inteiro pra ele e fala só publica. Eles querem olhar, eles querem pensar, querem mexer, querem dar sugestão. E eu sei que o jogo é assim. Então também tenho um pouco disso. Fica a vontade, manda ver, é nosso assim sabe. Ele quer se sentir um pouco ter participado daquilo de alguma forma*.

Voltei a perguntar sobre o feedback, se ele já havia recebido comentário de pessoas que nunca teve contato. Ele falou que já aconteceu algumas vezes, mas não de forma negativa quanto às reportagens. O quadrinista contou que quando lançou o

livro “Notas de Um Tempo Silenciado” houve certo retorno negativo: *as pessoas ficaram mais bravas comigo quando eu publiquei o livro lá que falava sobre a ditadura, que supostamente não existiu, mas assim negativa ninguém me procurou não, sempre de maneira positiva, assim.* Vilalba foi irônico ao falar que a ditadura supostamente não existiu, mostrando uma de suas características, destacada por ele mesmo. Ele também relatou que pessoas o procuraram para pesquisar sua obra, assim como eu.

Partindo para o final da entrevista, relembro Vilalba que eu havia informado o período de abrangência e tema da pesquisa e perguntei para a ele, baseado no artigo *Fotobiografia*, por que o autor achou pertinente escolher essas quatro HQs para a análise. Ele respondeu que: *tem a ver comigo hoje também, sabe. Eu conclui um livro, estou em vias de concluir. Preguei de novo né, já tinha feito uma entrega pro editor e ele pediu pra eu refazer várias páginas. Depois eu fiquei meses refazendo, entreguei essa semana novamente, assim. Acho que até por isso que eu tenho falado bastante do livro e o livro é justamente sobre o que... muito do que tá ali tá no livro. Vários trechos inteiros, a entrevista do “Precisamos falar sobre o lulismo ta inteira no livro, sabe. A do Eduardo Cunha tá quase inteira, o outro também tá quase inteiro. Então assim, essas quatro reportagens, são reportagens do momento que eu vivi recentemente e tem muito a ver com o que eu to vivendo agora, assim. To expurgando isso.* Tema recorrente durante a entrevista, Vilalba explica que está terminando as alterações do livro que envolve o *impeachment*, portanto esse tema está envolto na vida do autor.

Perguntei se o tema do impeachment o persegue de alguma forma, fazendo com que ele vá atrás disso. Vilalba respondeu: com certeza, cara. Por muitas razões, né. Estamos às vésperas de uma eleição que a gente pode eleger como... mais um fascista, então é muito presente assim, eu acho que sou bem daquela percepção de que é importante entender o passado pra entender o presente. Então eu acho que talvez um pouco desse esforço pra entender o passado pra entender o presente. Ainda no tema pergunto se ele considera que as quatro reportagens que ele selecionou, formam uma narrativa. Para ele as HQs são quatro partes separadas que formam uma narrativa: eu acho que um erro que eu cometi no livro foi de juntar elas e achar que elas iam dar certo, e depois eu reeditei elas dentro do livro. Porque eu acho que elas têm... elas funcionam bem isoladas, e juntas é só um pedaço de uma que cola no pedaço da outra, sabe. Mas elas precisam de mais pedaços pra virar uma coisa só.

Complementei, pretendendo confirmar uma suspeita, que então se tapando os buracos, as HQs formariam uma narrativa linear. Ele confirma, que sim. São peças isoladas e que simplesmente juntando elas não funcionam. Pra finalizar insisti então se ele achava que eram que são trechos que contavam uma história. Vilalba afirmou que sim: *como se fossem capítulos, aí acho que tem a ver com o livro que é Notas [Notas de Um Tempo Silenciado], como se fossem notas de uma coisa maior. Acho que elas são notas do livro, mas elas não são, elas precisam de mais coisa pra se encaixar, assim, e só juntar elas, também não faz muito sentido.*

Fica claro que Vilalba tem uma forte relação com o tema do *impeachment*, ou golpe, como ele prefere. As reportagens que ele produziu acerca do tema contam capítulos da história recente do Brasil e demonstram a obstinação do quadrinista em entender o processo. Ele deixa pontos em aberto nas reportagens, mostrando que ainda tem dúvidas quanto ao tema e convida o leitor a entender junto com ele, e suas limitações, esses episódios do país.

## 3.2 RODAS DE PERCEPÇÃO

### 3.2.1 ARTES VISUAIS

Os estudantes do curso de Artes Visuais que participaram da recepção são do primeiro e do segundo ano da graduação. A atividade foi realizada no campus DeArtes, na sala de aula prática de gravura no dia 29 de outubro, um dia depois da eleição de Jair Bolsonaro, candidato do PSL, no segundo turno das eleições. Isso influenciou na realização das atividades. Muitos alunos aparentavam tristeza ou preocupação com a situação e o futuro do país. Pelo fato de eu estar com um gravador de voz e a orientadora tirando fotos, alguns admitiram que se sentiram desconfortáveis. Portanto achamos melhor manter sigilo sobre a identidade dos estudantes.

Participaram da atividade 10 estudantes, sendo 7 mulheres e 3 homens. Duas professoras, um professor e um assistente também acompanharam o visionamento. De primeiro momento, passados aproximadamente 18 minutos para leitura, alguns estudantes reclamaram pela quantidade de texto nos quadrinhos e que estavam com dificuldades de se concentrar para a leitura. Também citaram que o quadrinho tem um conteúdo denso e que era difícil ler as quatro reportagens na sala da forma como foi

proposto. Embora tenham acontecido críticas, quase todos os presentes leram todos os quadrinhos.

Uma aluna começou falando que tinha bastante informação nos quadrinhos, e pelo tempo que tinham para ler (apesar de que não foi estipulado tempo) ficou confuso. A mesma moça falou que conseguiu entender os temas do quadrinho, mas não conseguiu prosseguir com uma leitura detalhada. Ela diz que Vilalba explica sobre o cenário político atual, o *impeachment* e sobre o lulismo e para ela, as imagens são bem trabalhadas, mas ficam escondidas atrás do texto.

Outra menina me questionou se os quadrinhos são reportagens adaptadas para essa linguagem, ou se são originais. Para ela a linguagem do texto está muito difícil para quadrinhos. Na concepção dela a linguagem para quadrinhos deveria ser mais fácil. Ela diz que tem um grande impacto visual, mas com a quantidade de texto, ela se perguntou se estava lendo um quadrinho mesmo, que deveria ser algo mais visual: “porque às vezes tem coisas que você escreve e não precisam estar colocados, porque no visual já tá explícito”.

Uma menina fala que gosta de como as imagens estão colocadas na página e que a “Amigo Secreto” destoa do resto. Fizemos uma pergunta, questionando se os quadrinhos eram uma sequência, e a Eveline disse que queria saber deles, se eles achavam que era uma história só. Uma menina responde que pelo visual são histórias distintas, porque a paleta de cores influencia então ela assumiu que eram diferentes (exceto a “O velho novo liberalismo” que possui duas páginas).

Eu e a Eveline havíamos organizado os quadrinhos da seguinte forma: “Precisamos falar sobre o lulismo”, “Eduardo Cunha tem um plano”, “Amigo Secreto” e “O velho novo liberalismo”. Observamos que os estudantes alteraram a ordem dos quadrinhos e colocaram a página de “Amigo Secreto” entre a página 1 e a de “O velho novo liberalismo”. Perguntamos porque ele havia alterado a ordem e uma aluna respondeu que é algo comum no curso que eles fazem. Quando eles vão apresentar alguma série de desenhos, ou pinturas, eles mudam a sequência porque vai mudar o significado. Segundo eles a alteração na ordem dos quadrinhos foi feita apenas pensando nos aspectos visuais.

Outra estudante falou sobre como “Amigo Secreto” é diferente das outras reportagens, por que parece que foi feita baseada em fotos e que até a fonte do texto é diferente das demais. Uma professora que estava presente, fala que esse quadrinho para uma fotopintura, o que dá veracidade pra HQ. Eveline provocou perguntando se

o desenho dá mais um ar de ficção, e ela respondeu que sim, que o desenho lembra mais ficção. A professora também falou que é interessante que o quadrinho permite que o quadrinista dê um *zoom*, em determinado momento da entrevista, diferente de um texto em que não há essa possibilidade.

Uma estudante interrompeu para dizer que ela achou que isso não foi bem utilizado nos quadrinhos. A professora voltou a falar e disse que achou interessante que o autor desenha o cenário em algumas cenas, situando as pessoas naquele local e dá um sentido geográfico. O professor Ricardo também se pronunciou e disse que: “o quadrinho tem uma linguagem bem desenvolvida que é visual também visual. Aqui você tem muita informação, para que eles entrem quase como uma ilustração do texto. Então tem muita informação, aí tem quem tá falando. A imagem de quem fala e talvez, por causa do jornalismo é um pouco mais difícil de fazer uma sequência, como se conta uma história através da imagem. A ação, ela pra mim parece um pouco ausente, até porque as pessoas estão falando.” Para ele o texto é algo muito importante, e a ilustração acompanha.

A Eveline fez outra provocação falando sobre aspectos emocionais ao olhar para obra, para ver o que os estudantes tinham refletido sobre isso. Uma aluna responde: “eu achei nem estimulante, nem gostoso”. Ela achou muito carregado e muito pesado, algo que não dá se prender pra ler, difícil de digerir. Depois que expliquei que a reportagem “Amigo Secreto” tinha saído na Folha de São Paulo em formato de vídeo, pergunto a eles se eles perceberam alguma coisa sobre ideologia, alguma predominância de posição. O professor me questionou se era no sentido de pender para algum lado, de demonstrar uma tomada de posição. A professora disse que pelas cores ela não sente nada nesse sentido. Uma menina acha que em alguns casos Vilalba representa os personagens (Cunha e Temer) como vilões da história. Para ela um dos indícios é a cor de fundo e que quando o quadrinista representa a Dilma ela parece a heroína da história.

Sobre qual quadrinho dá mais uma sensação de realidade, a professora presente disse que o “Amigo Secreto” remete mais a realidade pelo desenho. Para o professor Ricardo o jornalista tem um lado, e quando ele for montar uma narrativa vai ter a interpretação do jornalista. Perguntei se por aliar o jornalismo com a imagem dá essa noção de distinção, para que a ilustração possa trabalhar mais com a interpretação. O professor Ricardo responde que a interpretação também está ligada

com o fato de conhecermos os personagens. Se fosse com pessoas que não conhecem, poderia ser diferente.

Uma estudante falou que para ela os quadrinhos não ajudam muito a informar, porque a linguagem é muito difícil: “apenas um grupo seletivo de pessoas vai entender o que tá escrito aqui” Ela vê os jornais *onlines* como oportunidade de alcançar mais pessoas, mas que se a linguagem não for inclusiva isso vai afastar as pessoas de lerem a reportagem. Para ela: “o quadrinho tem que ser algo mais visual, mais interessante, mas daí tem um texto que contradiz esse ponto”.

Um dos estudantes questionou se o quadrinho “O velho novo liberalismo” tinha saído na versão impressa do *Le Monde Diplomatique*, porque esse jornal tem as páginas grandes e também perguntou se saiu uma página ao lado da outra por serem duas. A orientadora fez uma provocação perguntando se tem impacto fazer o visionamento depois de uma eleição. Uma menina falou que ela se sentiu um pouco invadida porque nós chegamos gravando e perguntando o nome. Ela diz que entende que trata-se da pesquisa, mas pelo momento político que coincidiu com a atividade, ela ficou um pouco desconfortável. A Eveline também confirmou que nós garantimos o anonimato dos alunos.

O professor Ricardo fez uma observação, diferenciando os quadrinhos de Vilalba das charges. Ele comenta que a charge faz a crítica através do riso e é necessário ter um conhecimento prévio sobre o contexto, para entender a charge. Enquanto nas reportagens em quadrinhos o texto acompanha as cenas e vai nos situando sobre o tema e o contexto. A professora faz uma hipótese que talvez pela linguagem visual, o quadrinho atrai pessoa que não tenham o hábito da leitura. Para ela a imagem está ali para ajudar na compreensão do texto e enfatizar certos personagens que tenham mais importância.

A orientadora colocou na roda novamente uma perguntando sobre os aspectos estéticos, questionando o que as cores escolhidas pelo autor causam neles. Uma aluna responde que no quadrinho “Precisamos falar sobre o lulismo” é visível que o vermelho representa a esquerda, e o azul a direita. Um estudante fala que as cores em “Amigo Secreto” dão um tom de sombriedade, dá pra entender que é um quadrinho sério. Sobre o “Eduardo Cunha tem um plano” ele achou que foi a intenção do autor de deixar poluído, de causar confusão, porque o autor sempre muda a direção de onde vem o balão. Mostrando assim que as informações vêm de vários locais, como no cenário político, que é meio caótico. Ele reparou que o tamanho do quadrinho

também nunca é repetido pelo quadrinista e que as cores aparecem em borrões como se fossem acidentes, mas dando um destaque.

O professor citou que viu dos coloristas que ele acompanha que a cor é importante na visualidade, nos quadrantes de visualização. Usar a cor nos ambientes para separá-lo e tornar mais visível. O estudante voltou a falar e disse que acha que a poluição com das palavras (caixas de texto) foi uma escolha intencional do autor, justamente pra mostrar que existe uma poluição de informações. Já a professora achou que o texto tinha que estar no quadrinho de alguma forma.

Por fim um estudante observa que a ilustração de Cunha em “Eduardo Cunha tem um plano” dá um tom maléfico para ele, e que a cor é suja nele. A professora comentou que o quadrinho permite colocar expressões nos personagens, que causam interpretações.

### 3.2.2 PUBLICIDADE E PROPAGANDA, JORNALISMO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Diferente da mostra realizada com os alunos de Artes Visuais, nos cursos de comunicação elas foram feitas no auditório do SACOD e a participação foi espontânea. O visionamento foi feito às 10h00 da manhã do dia 30 de outubro (terça-feira) e o local onde ocorreu atividade é de passagem dos alunos. Participaram três homens e uma mulher. Como foi no intervalo das aulas, muitos ficaram curiosos e pararam para ver do que se tratava. Também foi disponibilizado um cartaz no centro acadêmico de comunicação, convidando os alunos para participarem da atividade. Pelos menos um estudante de cada curso participou da atividade.

Conforme os participantes iam terminando de ler os quadrinhos, eu ia até a pessoas e fazia algumas provocações para captar a recepção do público. O primeiro aluno que falou sobre a obra é do curso de jornalismo. Ele começou dizendo que achou criativa a forma de contextualização do tema usado por Vilalba. Para ele o quadrinho auxilia na compreensão de um fenômeno, porque quando estamos vivendo ele fica difícil de ter uma visão ampliada, e os quadrinhos de Vilalba permitem isso. As ilustrações auxiliam na compreensão.

O estudante de jornalismo percebeu que no quadrinho a interpretação pode mudar a cada nova leitura, diferente de um texto de jornal que geralmente a interpretação se mantém desde a primeira leitura. No quadrinho “Eduardo Cunha tem

um plano” ele sentiu que tem um tom sombrio: “que nem na do Eduardo Cunha que você consegue reparar melhor essa coisa de escuridão, que é algo que a gente sente por tudo isso que... quando a gente lê notícia sobre o Cunha e o Temer... de você não saber direito. E ele termina o texto assim, sem uma certeza. Então essa escuridão que ele coloca na ilustração fala da incerteza do que acontece nos bastidores, no escuro.”

Para o estudante, o autor buscou certa isenção nas obras, porque Vilalba não faz afirmações, ele termina deixando a dúvida. O aluno percebeu que o autor deixa os fatos falarem por si só, não precisando impor sua opinião para o leitor. Ele também relatou que não percebeu traços de humor nas HQs de Vilalba.

Para um estudante de Relações Públicas, o quadrinho torna-se imersivo porque possui vários elementos que atraem a atenção do leitor. A Eveline questionou se então é algo pra não ser consumido rápido. O estudante respondeu que é algo para ser consumido com calma, que o autor trata dos anos 90 e do governo do Lula de forma mais afastada e contextualizada, demandando da atenção do leitor. Ele considerou os quadrinhos mais isentos, até mesmo porque o autor se coloca na obra.

Quanto às ilustrações, o estudante considerou que elas conseguem representar bem a cena que autor está explicando no texto. Questionamos se ele tinha sentido algo com relação as cores, se elas lhe causavam algo. Ele informou que não conseguiu associar muito sentimento às cores, mas sentiu que o do Cunha (“Eduardo Cunha tem um plano”) é mais sombrio, enquanto o quadrinho sobre o lulismo é mais sóbrio.

O estudante de Relações Públicas também acredita que Vilalba trabalha mais com fatos, e está mais próximo da isenção. Ele percebeu traços de humor no quadrinho onde Eduardo Cunha aparece tocando bateria. O aluno viu nisso: “uma tentativa de humanizar um burocrata.” Para ele as HQs constituem uma narrativa, elas se complementam dentro do contexto do tema que estão tratando: “porque todas as tentam entender, olhando para trás, o que está acontecendo agora.”

Uma estudante de Publicidade e Propaganda relatou que recebeu os quadrinhos de uma maneira diferente do que receberia uma matéria normal de jornal. Os quadrinhos são mais didáticos para ela, e a forma como o autor trabalha com a forma e com as cores interferem na forma de ler o quadrinho. No final do quadrinho “Eduardo Cunha tem um plano”, ela reparou que o autor quis deixar confuso e fez a conclusão em aberto. O visionamento foi o primeiro contato da estudante com jornalismo em quadrinhos.

Para ela “Amigo Secreto” é o quadrinho mais sério, por causa das cores. Já os outros parecem causar uma reflexão. Ela sentiu o posicionamento ideológico mais pelas imagens do que pelo texto. Não que seja claro o posicionamento dele nas ilustrações, mas ele dá indícios. Sobre o humor ela relatou: “acho que pelas imagens serem algo que quem tá vendo que interpreta, acho que pode levar pra esse viés, que nem aquela foto do Eduardo Cunha, pela fala dele pode ser um viés mais crítico-cômico, tipo charge. acho que depende muito de quem está recebendo.”

Um outro estudante de jornalismo gostou dos quadrinhos e achou eles diferentes uns dos outros. Sobre o “Eduardo Cunha tem um plano”, está claro para ele que o autor coloca Cunha como um vilão: “na última imagem parece que ele tá fazendo o Coringa do Batman. Não sei se é uma referência direta, mas parece.” Assim como outros estudantes, ele também percebe que houve uma intenção do autor em deixar o último quadro de “Eduardo Cunha tem um plano” confuso: “ele joga todas as informações praticamente num quadro aberto. Ele coloca só uns quadrinhos pequenos, acho que meio que pra tentar demonstrar toda a confusão que a situação política que tava no país. Eram tantas informações que vinham de todos os lados, que parece que ninguém sabia o que estava acontecendo, é isso que eu senti lendo aquela parte.”

Sobre o “Amigo Secreto” ele realizou uma comparação com filmes *noir*, por trabalhar com luz e escuro. O aluno também observou que a forma como Vilalba faz os quadrinhos é pra dar ênfase em mostrar Cunha preso. Para ele o posicionamento político do autor aparece no texto: “eu acho que nesse aqui [“O velho novo liberalismo”] ficou bem evidente quando ele usa a palavra presidenta. Que pra mim é uma palavra que define bem o posicionamento. A pessoa que fala presidenta, ao meu ver tá defendendo um posicionamento político.”

Ainda sobre “O velho novo liberalismo”, o estudante de jornalismo ponderou que escolha das cores verde e amarelo, evoca o espírito de patriotismo que vinha das ruas na época dos protestos *pró-impeachment*. Ele também observou que nesse quadrinho Vilalba foi mais racional, porque precisou de duas páginas para fazer a reportagem e que no final o quadrinista abre mão da organização para desembocar em um quadrinho maior com bastante informação.

O aluno comparou os quadrinhos em que Vilalba se coloca na história com “Maus<sup>9</sup>”. Ele disse que “Maus” também é um quadrinho com tema político e o autor se coloca como personagem na história. Para ele o autor se inserir na história, é uma forma de não se excluir da situação, que como artista ele tá acompanhando isso e faz parte disso. Não é só um olhar de fora.

Quanto às cores, para ele “Amigo Secreto” tem um tom mais *noir*, pela escuridão e o uso de luz e sombra. Já “O velho novo liberalismo” está ligado ao patriotismo que cercou o processo de *impeachment*. Em “Eduardo Cunha tem um plano”, para ele, o autor quis vilanizar Cunha e colocá-lo como um coringa no processo de *impeachment*. O estudante falou que acredita que quem conhece a história, consegue enxergar os quadrinhos como uma narrativa só. Porém, uma pessoa de fora ou que não tenha conhecimento sobre o tema pode achar que as histórias aconteceram ao mesmo tempo, ou em tempo muito espaçado.

Sobre humor, o aluno observou que Vilalba tem mais liberdade para brincar com Cunha: “acho que mais no do Cunha, ele meio que tira o Cunha... parece que ele tem mais liberdade com o Cunha, do que com as outras personagens. O próprio no Temer ali no final [“Amigo Secreto”], eu não consigo ver humor nesse quadrinho específico. Acho que esse quadrinho pra mim é muito mais sério. Agora ali naquele [“Eduardo Cunha tem um plano”], eu acho que ele quer brincar um pouco mais com isso, na hora que ele coloca que o Cunha recebeu a bateria dos filhos e essa trajetória dele, acho que ali talvez ele parta um pouco mais pra humor, um pouquinho mais irônico talvez.”

O quadrinho “Precisamos falar sobre o lulismo” foi interpretado pelo estudante como uma forma de autor apoiar o lulismo, de certa maneira”, porque para ele, o quadrinista não colocou o lulismo como algo necessariamente ruim. O aluno destacou que Vilalba informa o tempo da entrevista, mas que a entrevista acontece em poucos quadrinhos: “então dá pra ver que ele filtrou as informações que ele queria colocar no quadrinho, assim meio que pra falar que o lulismo pacificou socialmente a nação. Que depois teve consequências.”

Por fim, a Eveline questionou o estudante sobre como ele pensa em quadrinhos como linguagem em comunicação. Para ele é fundamental a arte do quadrinho em

---

<sup>9</sup> História em quadrinhos de Art Siegelman.

relação a comunicação, assim como um filme ou série de TV. E o quadrinho como forma de acessar o público de diferentes maneiras, para ele exige mais do leitor, porque ao unir texto e imagem, o recurso gráfico tem um papel e deve ser levado em consideração: “eu acredito que ele vai partir para miscelânea das cenas pra nos detalhes passar uma informação além do texto escrito.” Portanto, para ele, talvez seja necessária uma bagagem do leitor para que haja plena interpretação dos quadrinhos.

## 4 ANÁLISE

### 4.1 EDUARDO CUNHA TEM UM PLANO

O quadrinho analisado foi publicado no jornal paranaense Gazeta do Povo e saiu na edição impressa e no site do jornal em 03/02/2015. Com o título “Eduardo Cunha tem um plano” e gravata “A reportagem acompanhou Eduardo Cunha desde o início de outubro, pelas suas redes sociais e ouvindo deputados próximos a ele. O resultado é agora contado aqui, através de quadrinhos”. Analisando novamente em forma de tiras para depois comentar o conjunto, começo por apresentar a sequência:

FIGURA 1 - CUNHA 1



FONTE: Gazeta do Povo (2015)<sup>10</sup>.

O tema do quadrinho é articulação política de Cunha (presidente da Câmara dos Deputados na época) até a abertura do processo de *impeachment*. De primeiro momento e com uma olhada geral é perceptível o tom frio do quadrinho pela predominância quase total de tons de azul. A disposição dos quadrinhos é assimétrica na página e a ordem ocidental de leitura (esquerda para direita, de cima para baixo)

<sup>10</sup><https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/quadrinhos-eduardo-cunha/index.jpg>

fica um pouco alterada, porque em alguns momentos há uma dificuldade em saber qual é o próximo quadrinho. A HQ é bastante poluída com caixas de texto dispersas na página, como se o autor quisesse retratar a conturbação de informações do período. Um indício de que elas vinham de várias direções e várias fontes, ele como autor demonstra essa confusão.

1) Semiótica: O primeiro quadrinho é um plano detalhe de uma mão, colorida de azul, manipulando talheres e na sequência também um plano detalhe de um peixe. Os dois quadros são ilustrativos para as informações sobre os jantares de deputados. A técnica de retícula é também aplicada no quadrinho, assim como em “Precisamos Falar Sobre o Lulismo”, para separar os planos em cena. A cor já indica o regime de oposição de Eduardo Cunha quanto ao governo do PT. O quadro na sequência tem um comprimento maior que outros e coloca Cunha em primeiro plano com uma taça e uma garrafa nas mãos. O terno de Cunha é azul e sua expressão é a de quem está ouvindo algo. Uma forma de ilustrar a articulação dele.

A ordem de leitura para o próximo quadrinho é indicada pela extrapolação da caixa de texto do quadro anterior para esse. A cena coloca Cunha a partir dos ombros entre várias pessoas, algumas filmando ou gravando ele. Somente o rosto de Cunha é pintado de azul e sua expressão é de alguém que está vociferando. O quadro na sequência está na linha de baixo e apresenta um elemento de humor. Eduardo Cunha aparece de perfil em um plano médio tocando bateria. O ex-deputado está colorido em tons de azul e com técnica de retícula aplicada nele. O fundo é branco e não há linhas delimitando o quadro. Cunha se destaca do fundo pela retícula, enquanto a bateria aparece em forma de silhueta. Vilalba usa o hobby de Cunha de forma irônica. O ex-deputado participou do programa “Mariana Godoy Entrevista” da emissora Rede Tv<sup>11</sup>. Um trecho em particular da entrevista virou meme: a apresentadora prepara no final do programa uma surpresa para o então presidente da Câmara de Deputados e pede para que ele toque bateria. A atuação de Eduardo com as baquetas foi motivo de piada e viralizou na internet. Nesse quadro Vilalba explora o lado não político de Cunha e com isso também expõe o fracasso dele.

---

<sup>11</sup><http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/marianagodoyentrevista/videos/programas-na-integra/mariana-godoy-entrevista-com-eduardo-cunha-integra>

A cena no quadro seguinte explora o lado religioso de Cunha. São desenhadas mãos brancas, em posição de louvor, em contraste com um fundo azul claro. Esse contraste dá uma sensação de mãos limpas, como se Cunha se sentisse “limpo” por frequentar a igreja. Abaixo deste há um quadro com o plano aberto mostrando a câmara em pinceladas de azul. A cor ilustra a hegemonia de Cunha na Câmara.

2) Análise da Expressão: A primeira frase da HQ é: *Eduardo passou a dividir a mesa de refeições com outros deputados há mais de um ano. O local variava. Vilalba acompanhou a rotina de Eduardo Cunha por um mês como indica a gravata. Nessa HQ o texto se aproxima do jornalismo literário pela forma da escrita, pela descrição dos detalhes e pelo método de fazer um perfil de Cunha a partir do relato de pessoas próximas a ele. O quadrinista descreve os pormenores da rotina do então presidente da Câmara de Deputados próximo da abertura do processo de *impeachment*. Com o título “Eduardo Cunha tem um Plano”, Vilalba já dá indícios sobre um lado escuso de Cunha. No final de 2015, Cunha estava sendo julgado pelo Conselho de Ética da Câmara<sup>12</sup> e havia a especulação de que Eduardo daria continuidade no processo de *impeachment* caso o PT votasse contra ele<sup>13</sup>.*

Nos primeiros quadros, o quadrinista dá detalhes sobre as refeições e escreve no segundo e no terceiro quadrinho: *Às vezes comida típica. Como na casa do deputado peemedebista paraibano Manoel Junior. Nessa expressão há uma referência às atitudes políticas de Cunha e sua disponibilidade de vagar por vários meios. No fim do mesmo quadro há a expressão: Eduardo sempre presente. Aqui temos a confirmação de que Eduardo estava sempre presente nessas reuniões atrás de algum objetivo.*

O próximo quadro complementa com um dos objetivos das reuniões e do “blocão”, termo cunhado pela mídia para se referir ao grupo de deputados de Cunha. *O texto diz: A imprensa chamava-os de blocão. E no dia 1º de fevereiro de 2015, o blocão cumpriu seu primeiro objetivo: Elegeu com 267 votos, em 1º turno, Eduardo Cunha presidente da Câmara dos Deputados. Conquista que está ameaçada. A*

---

<sup>12</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/em-votacao-apertada-conselho-de-etica-aprova-cassar-eduardo-cunha.html>

<sup>13</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1713918-bancada-petista-decide-votar-contra-cunha-no-conselho-de-etica-da-camara.shtml>

introdução falando sobre os jantares de Cunha serve de abertura para demonstrar esse objetivo alcançado por ele. Vilalba escolhe por colocar o número de votos e mostrar como foi massiva a eleição de Cunha para a presidência da Câmara. A última frase remete ao processo de cassação do mandato de Cunha pelo Conselho de Ética.

Vilalba dedica um quadro aos *hobbies* do ex-deputado. O quadrinista escolhe colocar as bandas que o político gosta: *Fã de Led Zeppelin, Rick Wakeman, e Pink Floyd, teve uma banda na adolescência*. Nesse quadro utiliza a ironia como elemento humorístico. Como já explicado, a ilustração faz referência ao meme de Eduardo Cunha tocando bateria em um programa de Tv. No texto ele continua com a ironia para brincar com um lado pouco esperado de Eduardo Cunha: a de um homem com apreço pelo rock e que até já teve uma banda. Uma rebeldia rara em políticos como ele. O quadrinista continua com: *Hoje tem uma bateria, presente dos filhos para brincar. Eduardo não se dedica muito ao lazer. Nem aos vinhos e charutos que aprecia tanto*. O texto tem o sentido de mostrar a obstinação de Cunha quanto aos seus objetivos políticos. O ex-deputado deixou o lazer de lado para se dedicar exclusivamente à atividade política.

O quadro na sequência salta do lazer para a religião. *Religioso. Frequentava a Sara Nossa Terra. Hoje vai à Assembleia de Deus, onde deixa o dízimo e angaria votos*. Vilalba explica a troca de igrejas de Cunha e demonstra que ele também usava o espaço para palanque político. No mesmo quadro há o texto: *Corre a lenda nos corredores do congresso que Eduardo não dorme*. Mais uma referência à obstinação política de Cunha atrás de seus objetivos.

O próximo quadro mostra um plano geral da Câmara com a frase: *Economista, ríspido e... de uma capacidade inegável, domina o regimento parlamentar*. Aqui, Vilalba traça características do perfil de Cunha que fazem dele uma peça excelente no jogo político. No mesmo quadro o quadrinista afirma: *Com o poder de definir a pauta de votações, proclamou a “independência da Câmara”, apoiado principalmente pelos deputados do “baixo clero”, os quais, a exemplo de Cunha, nutriam forte aversão à presidente Dilma*. Vilalba exemplifica a influência de Cunha na Câmara e coloca *independência da Câmara* entre aspas. As aspas podem ter o sentido de citar a fala de Eduardo Cunha ou de questionar a independência. Mesmo o presidente da Câmara proclamando essa independência, ela não acontece de fato porque, como mostra a HQ, tudo acontece dentro de um jogo político. Vilalba também menciona o “baixo clero”, para ilustrar que Cunha firmou acordo com deputados fora dos holofotes e do

baixo escalão político, formando assim o “bloco”. O quadrinista ainda complementa com o texto: *Chegou a presidir 46 votações no mês maio deste ano. A presença dos deputados era obrigatória, sujeita a multa nos salários.* Vilalba insere um asterisco depois de mencionar o número de votações presidida por Cunha. No final da HQ ele cita a fonte que disponibilizou o dado (Laboratório *Analytics* da Universidade Federal de Campina Grande). O dado auxilia em mostrar a capacidade de articulação de Cunha. Quando Vilalba fala sobre a presença obrigatória dos deputados, ele quer mostrar o poder de Cunha e a influência que este mantém sobre a Câmara.

O próximo texto está fora de um quadro e trata-se de letras pretas em um fundo branco. O texto diz: Homem de palavra. Firmou acordos com sua política de “cargos e jabutis”: Distribuía cargos em comissões às lideranças e ao “baixo clero” jabutis. Até os tucanos há muito não se sentiam tão importantes, como sob a tutela do “malvado favorito”, como se referiam a Eduardo. Novamente tem um asterisco depois de jabutis para explicar o termo nesse contexto (Emendas estranhas aos temas principais das medidas provisórias encaminhadas ao Congresso Nacional<sup>14</sup>). O texto começa com Homem de palavra, tal expressão tem um tom irônico. Primeiro porque na explicação que vem na sequência se refere aos cargos que Cunha distribuiu para os aliados, porém o mesmo estava enfrentando processo no Conselho de Ética por ter mentido em uma CPI. O quadrinista coloca que cargos e jabutis fazem parte da política de Cunha. Por fim ele faz uma observação sobre a participação do PSDB no jogo político de Eduardo. Vilalba refere-se a eles como “tucanos” e com a expressão usada demonstra que considera o PSDB afastado dos holofotes políticos. Também menciona o termo adotado pelos tucanos para se referirem a Cunha: “malvado favorito”. Uma alusão ao personagem do filme mesmo nome. Ainda que a expressão esteja atribuída ao PSDB, o uso do termo evidencia a figura de Cunha que Vilalba pretende pintar.

---

<sup>14</sup><https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/quadrinhos-eduardo-cunha/index.jpg>

FIGURA 2 - CUNHA 2



FONTE: Gazeta do Povo (2015).

1) Semiótica: A primeira linha de quadrinhos desse trecho é simétrica: começa com um quadrinho de fundo preto apenas com um texto em branco, segue com um quadrinho mais “esticado” e volta com quadrinho na mesma estrutura do primeiro. O texto do primeiro quadro com o fundo preto fala sobre a situação complicada em que se encontrava Eduardo Cunha na época. O segundo quadro mantém o mesmo estilo, fala das manobras realizadas por Cunha para escapar da cassação: enquanto o primeiro fala qual é o problema, o segundo descreve uma tentativa de solução. O quadro que fica entre esses apresenta Eduardo Cunha com terno azul e uma expressão com sobrancelhas arqueadas. Enquanto em segundo plano aparecem silhuetas de homens vestindo ternos. Os planos são separados pela técnica de retícula. A expressão no rosto de Cunha é de alguém que está preocupado e atento, como se prestasse atenção nos políticos que estão em segundo plano.

A segunda linha deste trecho começa com dois quadrinhos que estabelecem uma oposição entre si. O quadro anterior a estes acaba falando sobre que a última semana de outubro começou em tom de guerra. Na sequência vem um quadro onde aparece a então presidente Dilma fazendo um discurso. Ela aparece em primeiro plano e o fundo é azul claro. O balão de fala está à esquerda do quadro, uma referência ao posicionamento político da ex-presidente. O quadro seguinte deixa

Cunha lado a lado com Dilma, separados apenas pelas limitações do quadrinho, que têm uma leve inclinação para a direita. Cunha também é desenhado em primeiro plano e o fundo está em azul escuro, mais um indício da oposição dos dois. O ex-deputado encontra-se em uma situação de entrevista evidenciada por mãos com microfone e gravador. O balão está do lado direito. É a primeira vez que aparecem os balões no quadrinho, colocando a fala diretamente na boca dos entrevistados. A situação de oposição criada também representa o discurso dos dois, enquanto Dilma faz referência a conta não declarada de Eduardo Cunha na Suíça, Cunha responde se referindo a corrupção no PT.

Os quadrinhos que vêm na sequência representam um protesto que ocorreu em 4 de novembro de 2015, em que Cunha recebe uma chuva de dólares com seu rosto enquanto dava uma entrevista na Câmara. No primeiro dos três quadrinhos sobre o caso, Cunha aparece com uma das mãos levantada enquanto as cédulas caem. Ele aparece em uma coletiva, não há cores no quadrinho e há a retícula no fundo para separar os planos. O quadrinho que vem na sequência tem um plano detalhe do rosto de Cunha que foi pintado de azul. Ele está cercado pelas notas e é possível ver que as cédulas têm a cara de Cunha, exatamente como foi no protesto<sup>15</sup>. Esse quadro reproduz a foto que foi veiculada na mídia sobre o episódio e há um balão de exclamação em vermelho, a única vez que a cor aparece em toda HQ. A mensagem do balão: *Trouxe sua encomenda da suíça*, foi a mesma dita pelos protestantes na Câmara. A cor vermelha representa o calor da manifestação, ao mesmo tempo que o azul no rosto de Cunha representa sua frieza diante da situação.

As cédulas extrapolam os limites do quadrinho em que aparece o detalhe do rosto de Cunha e indicam que a leitura deve continuar no quadrinho à direita deste. Esse quadro apresenta maiores proporções verticais e ilustra as cédulas caindo em fundo preto. É possível ver o rosto de Cunha nas cédulas e a cor azul em uma delas. Esse destaque para as notas mostra o papel do dinheiro na cassação de Cunha e na abertura do processo de *impeachment*.

No quadro seguinte é mostrado o deputado Carlos Sampaio do PSDB em uma situação de entrevista coletiva. Não há cores no quadrinho e o deputado anuncia o

---

<sup>15</sup><https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cunha-toma-banho-de-dolares-durante-entrevista-na-camara,10000001163>

rompimento do partido com Eduardo. A ausência de cores representa essa ruptura. O próximo quadro tem um fundo em azul e o deputado Fausto Pinato, na época do PRB-SP. O deputado aparece com a expressão e com as mãos de quem está argumentando, enquanto o texto retrata do cancelamento da leitura do seu parecer na sessão do Conselho de Ética sobre a cassação de Eduardo Cunha<sup>16</sup>.

2) Análise da Expressão: O texto começa nesse trecho com: As coisas não vinham bem para Eduardo, desde que a procuradoria geral da república confirmou as contas da Suíça, no fim de setembro. No dia 10 de outubro, uma nota... Vilalba vê a necessidade de explicar a situação de Cunha e coloca seu juízo de valor afirmando que as coisas não vinham para Eduardo. O texto continua no quadro seguinte com: ... assinada pelo PSDB, Solidariedade, PSB, DEM e PPS foi publicada. O parágrafo curto pedindo afastamento do cargo de presidente da Câmara nunca foi lido no Plenário. “Faltou coragem. Poucos o enfrentam frente a frente” disse Chico Alencar do Psol. O autor insere esse trecho para confirmar o poder de Cunha e ao mesmo tempo mostrar que o mesmo vinha cultivando uma oposição na Câmara, confirmado pela utilização de cor azul.

Novamente ocorre a presença do quadro preto com letras brancas. O texto diz: Eduardo Cunha passou a fazer concessões: tratar melhor os parlamentares, realizar menos votações, 17 em outubro, superando apenas fevereiro - nove votações e um carnaval. A penúltima semana de outubro começou em tom de guerra. Como Vilalba mencionou na gravata da publicação, ele entrevistou pessoas próximas a Cunha, portanto a informação sobre o tratamento de Cunha deve ter vindo de alguma dessas fontes. A expressão tratar melhor evidencia que Cunha não era solícito com seus colegas, e ao colocar isso no texto Vilalba opta por mostrar o lado pouco estratégico de Cunha. Pela segunda vez na HQ o quadrinista coloca dados sobre as votações do ex-deputado na Câmara, dessa vez para ilustrar o quanto elas diminuíram. Outra vez há um asterisco para informar no final da HQ qual a fonte da informação, que é a mesma do anterior sobre as votações. O autor acrescenta que o número de votações só não foi menor que fevereiro: nove votações e um carnaval. Colocando o feriado na

---

<sup>16</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/em-protesto-contru-eduardo-cunha-deputados-deixam-plenario-da-camara.html>

frase, ele indica que nesse mês há um motivo para ter menos votações e que em outubro o número baixo se justifica pela manobra política de Eduardo Cunha. A última frase do quadro é uma abertura para os quadrinhos seguintes que ilustram uma troca de farpas entre Cunha e Dilma.

Dilma diz em seu balão: “Eu lamento que seja um brasileiro, se é isso que você está perguntando.” A fala foi retirada durante uma entrevista coletiva de Dilma em Estocolmo, na Suécia em 18 de outubro de 2015<sup>17</sup>. A ex-presidente deu essa resposta ao ser questionada sobre as provas de contas na Suíça de Cunha. O comentário de Cunha sobre Dilma foi também colocado pelo quadrinista: “Eu lamento que seja com um governo brasileiro o mais escandaloso de corrupção do mundo.” Cunha deu essa resposta ao ser questionado em 4 de dezembro de 2015 sobre o comentário de Dilma acerca dele<sup>18</sup>. Esses são os primeiros balões que aparecem na HQ e um dos únicos. Vilalba escolhe colocar essas falas para ilustrar o clima de animosidade entre a então presidente do Brasil e o presidente da Câmara, que resultaria na abertura do processo de *impeachment*.

Vilalba insere a fala dos protestantes que jogaram as cédulas em Cunha durante uma entrevista: *Trouxe sua encomenda da Suíça*. Esse é o balão mais destoante de toda a HQ. Ela é preenchida com vermelho e é um ponto de atenção da HQ, os olhos são puxados para esse balão. Na sequência vem o texto: *Eduardo, mais um político casado com uma bela jornalista, Cláudia Cordeiro Cruz, dividindo a saúde e a doença, a tristeza e contas na suíça*. Vilalba usa da ironia no texto para contar sobre as contas na Suíça de Eduardo e Cláudia<sup>19</sup>. Ele utiliza os votos do matrimônio e adiciona a informação sobre as contas para indicar que o casal também estava junto nessa. No mesmo quadro o texto continua com: *Em entrevista, defendeu que seu dinheiro veio da carne enlatada... E que era beneficiário e não dono das contas*. O quadrinista usa as reticências para dar continuidade entre trechos que estão em caixas de texto separados.

---

<sup>17</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/10/1695443-lamento-que-seja-um-brasileiro-diz-dilma-sobre-denuncias-contracunha.shtml>

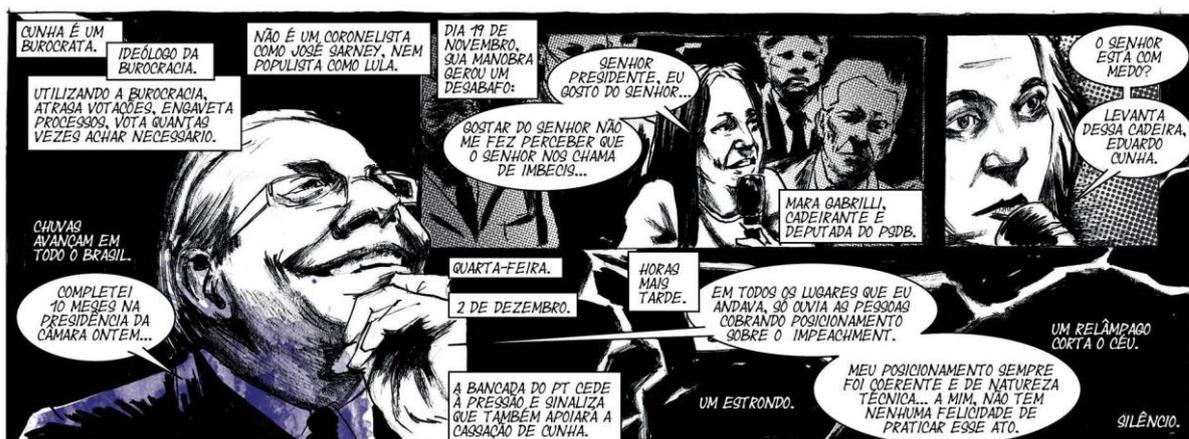
<sup>18</sup> <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2015/12/04/em-resposta-a-dilma-cunha-lamenta-corrupcao-na-maior-empresa-do-governo-dela.htm>

<sup>19</sup> <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,conta-suica-de-mulher-de-cunha-pagou-academia-de-tenis-e-cursos-no-exterior,1777392>

No quadro seguinte o texto faz referência aos aliados de Eduardo Cunha que passaram a fazer oposição: Fazia 32 graus em Brasília, na manhã do dia 11 de novembro, quando o deputado Carlos Sampaio, PSDB, declarou que o partido se afastaria de Eduardo. Desta vez a nota foi lida, à tarde. A temperatura faz alusão que as coisas estavam esquentando para Eduardo Cunha. Carlos Sampaio era um aliado de Cunha<sup>20</sup>, e o PSDB era um dos partidos que estava com uma forte empreitada para o impeachment de Dilma. Portanto era plausível a união deles com Cunha. A frase final do quadrinho remete a algumas votações e reuniões em que Cunha estava envolvido que aconteciam à noite ou de madrugada.

A cena que vem em seguida relata uma artimanha feita por Cunha e aliados: No dia 19, com uma carta tirada da manga, Cunha e seus aliados manobram para atrasar o andamento da sessão do Conselho de Ética... Cancelando a leitura do parecer que seria feita pelo relator Fausto Pinato. O quadrinista começa informando a data, nos últimos quadrinhos, assim ele cria uma espécie de agenda do período. Ele também usa a expressão com uma carta na manga para deixar explícito que Cunha agia por jogadas.

FIGURA 3 - CUNHA 3



FONTE: Gazeta do Povo (2015).

<sup>20</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/cunha-diz-que-e-de-bem-com-vida-e-nao-se-irrita-com-criticas-do-psdb.html>

1) Semiótica: A última parte do quadrinho é formada por um único quadro grande (o maior da HQ) com um fundo preto e quadros menores inseridos dentro dele. No canto mais esquerdo há uma ilustração de Eduardo Cunha em primeiro plano. Ele olha pra cima com um sorriso maquiavélico, lembrando o clássico vilão das HQs do Batman - o Coringa. A luz da cena está vindo de cima e pra baixo do pescoço há um sombreamento. A iluminação ajuda a dar o tom de vilão para o ex-presidente da Câmara. A coloração do quadro se concentra do pescoço de Cunha para baixo, também tingindo seu terno. O quadro trata do apoio do PT à cassação de Cunha e por sequência o posicionamento do ex-deputado quanto à abertura do processo de *impeachment*. A abertura do processo é vista como uma retaliação ao PT pelo apoio a cassação de Eduardo<sup>21</sup>. O último desenho que Vilalba faz de Cunha é para pintá-lo como um vilão, ele dá indícios durante a HQ, mas isso só fica evidente no último. O quadrinista dá ao leitor sua própria interpretação sobre Cunha depois de acompanhá-lo de longe durante um mês.

Há ainda no mesmo quadro, quadrinhos menores. No primeiro deles aparece a deputada Mara Gabrilli. Ela está diante de um microfone e fala diretamente a Cunha. A deputada aparece em primeiro plano enquanto demais pessoas aparecem em segundo plano com a técnica de retícula aplicada. O quadrinho não apresenta cores para representar o afastamento dos aliados de Cunha. O quadro seguinte mostra um plano detalhe de Mara com uma expressão serena.

A cena abaixo dos quadrinhos é composta por balões de Cunha e textos soltos enquanto um raio é representado ao fundo. O raio representa o impacto da abertura do processo de *Impeachment* no Brasil e o fundo preto a escuridão do período.

2) Análise da Expressão: O último quadro é desfecho do plano de Cunha que Vilalba vai contando na HQ. Ele começa com: Cunha é um burocrata. Ideólogo da burocracia. Utilizando a burocracia atrasa votações, engaveta processos, vota quantas vezes achar necessário. Em três caixas de texto ele faz referência a Cunha como um burocrata, alguém utiliza o sistema em prol de si mesmo. Pela repetição o quadrinista quer forçar a ideia de que Cunha é uma figura que conhece o sistema e

---

<sup>21</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1714020-em-retaliacao-a-pt-cunha-ameaca-deflagrar-impeachment-de-dilma.shtml>

sabe como usá-lo. Até se refere ao ex-deputado como um ideólogo da burocracia. Vilalba dá exemplos das artimanhas de Cunha e como ele se beneficia da burocracia. O autor compara o ex-presidente da Câmara de Deputados com dois ex-presidentes da República: Não é um coronelista como José Sarney, nem populista como Lula. Nesta comparação ele coloca que Cunha não chegou ao poder (presidência da Câmara) por essas formas. Ele conseguiu poder pelas alianças que fechou e por saber usufruir da burocracia estatal. Assim, o ex-deputado difere de Sarney e Lula que tem suas maneiras de conquistar o voto popular. Há também o sentido de colocar que Cunha não chegaria à presidência da República através de eleições gerais.

O quadro seguinte contém a fala da deputada Mara Gabrilli do PSDB: *No dia 19 de novembro, sua manobra gerou um desabafo*: “Senhor presidente, Eu gosto do senhor... Gostar do senhor não me fez perceber que o senhor nos chama de imbecis...” A escolha por representar esse desabafo é uma tentativa de Vilalba representar sua própria opinião.

Na porção inferior do quadrinho, fora da caixa de texto e com letras brancas, Vilalba insere a frase: *Chuvvas avançam em todo o Brasil*. E abaixo da frase há um balão com uma fala de Cunha: “Completei 10 meses na presidência da Câmara ontem...” A frase sobre as chuvas no Brasil tem uma continuidade no texto e dá um tom literário à reportagem. O balão de Cunha informando seu tempo na Câmara, em conjunto com sua imagem maléfica, dá um sentido de que o ex-deputado está há 10 meses na presidência mesmo com as dificuldades.

As caixas de texto ao lado direito de Cunha informam: *Quarta-feira. 2 de dezembro. A bancada do PT sinaliza que também apoiaria a cassação de Cunha. Horas mais tarde*. As falas de Cunhas no balão dizem: “Em todos os lugares que eu andava, só ouvia as pessoas cobrando posicionamento sobre o *impeachment*. Meu posicionamento sempre foi coerente e de natureza técnica... A mim, não tem nenhuma felicidade de praticar esse ato.” Vilalba informa sobre o apoio do PT à cassação de Cunha e coloca o pronunciamento de Cunha horas mais tarde. Pela última vez ele insere a data, que é a data de abertura do processo de *impeachment*<sup>22</sup>. Como já informado na parte referente a semiótica, a abertura do processo é tido como

---

<sup>22</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/eduardo-cunha-informa-que-autorizou-processo-de-impeachment-de-dilma.html>

uma retaliação de Cunha contra o PT. A parte da fala selecionada por Vilalba para HQ, dá um tom irônico a Cunha em conjunto com o seu semblante. O trecho: “Meu posicionamento sempre foi coerente e de natureza técnica... A mim, não tem nenhuma felicidade em praticar esse ato.” retoma o aspecto burocrata de Cunha, especialmente pelo termo “natureza técnica”, que o quadrinista já havia citado.

Simultaneamente aos balões aparecem as frases: *Um estrondo. Um relâmpago corta o céu. Silêncio.* Essas sentenças em conjunto com *Chuvvas avançam em todo o Brasil* dão o tom literário ao quadrinho e são usados pelo autor para deixar um final interpretativo ao leitor. Ao mesmo tempo as frases podem indicar o momento nebuloso do Brasil e a abertura do processo de *impeachment* como um relâmpago que vai causar impacto no país.

De uma maneira geral, é perceptível que Vilalba trabalha com informação no texto e deixa a subjetividade nos desenhos. O quadrinista deixa lacunas abertas para interpretação do leitor e a HQ exige do público um certo conhecimento sobre o cenário político em contexto no quadrinho.

3) Circulação: Assim como a HQ “Precisamos Falar Sobre o Lulismo”, a reportagem em quadrinho foi publicada no jornal Gazeta do Povo em 03 de dezembro de 2015. Como mencionado o jornal Gazeta do Povo tem um perfil editorial conservador. O quadrinho circulou tanto no meio impresso quanto no online. Durante a entrevista em profundidade, Robson Vilalba contou que esse foi o quadrinho com maior alcance. No *Facebook* a publicação alcançou aproximadamente 9 mil pessoas. Pensando no jornal como sujeito semiótico o quadrinho representa uma ruptura. Se for considerado que o jornal apoiou o *impeachment* de Dilma<sup>23</sup>, Robson Vilalba faz uma espécie de desafio ao investigar os passos de Eduardo Cunha até a abertura do processo. O quadrinista apresenta um bom *timing*, porque acompanhou Cunha até o último momento antes da abertura do processo (02/12/2015) e conseguiu publicar a matéria no dia seguinte. Por fim, ele deixa uma sugestão interpretativa para o leitor de que a abertura possa ser uma retaliação ao PT pelo apoio à cassação de Cunha na Câmara.

---

<sup>23</sup><https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-retorica-e-o-impeachment-0c1dhu1496ubfinb0t6rygex9/>

4) Relação de Poder: Nesse quadrinho a relação de poder se estabelece através da pauta. A reportagem tem um viés literário por escolher traçar o perfil de Cunha e acompanhar seus passos por meio de pessoas próximas e das redes sociais. Vilalba coloca as informações no texto, mas trabalha a subjetividade através das artes. Em alguns momentos ele ironiza a figura de Cunha e acaba por colocá-lo como um vilão no final. O nome do quadrinho “Eduardo Cunha Tem Um Plano” também ajuda na construção do personagem.

Não é possível determinar que a pauta é de esquerda ou de direita, pois o propósito é acompanhar o ex-presidente da Câmara, porém é possível uma leitura de que ao pautar algo que visa compreender o processo de *impeachment*, Vilalba tende à esquerda ao tentar entender se houve ou não um “golpe”. Pelo espaço que o quadrinista possui na mídia ele tem o micropoder de formador de opinião. Para Foucault (1984) as relações de poder são produzidas conforme o contexto e as realidades de cada local.

#### 4.2 PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO

O quadrinho “Precisamos Falar Sobre o Lulismo” foi publicado no jornal Gazeta do Povo em 20 de março de 2016. Os quadrinhos são acompanhados da seguinte gravata: “Numa conversa com o sociólogo Ruy Braga, professor da USP, o quadrinista Robson Vilalba procura entender qual é o papel do governo do PT na história do Brasil.” A análise foi realizada separando a HQ em três partes e lidas como tirinhas para facilitar a visualização e a descrição. Primeiramente são observados os pontos referentes a semiótica e análise da expressão. Depois de realizada essas análises nas três partes, a obra foi avaliada de forma geral quanto a circulação dos quadrinhos e as relações de poder presentes na HQ.

FIGURA 4 - LULISMO 1

## PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO

Numa conversa com o sociólogo Ruy Braga, professor da USP, o quadrinista Robson Vilalba procura entender qual é o papel do governo do PT na história recente do Brasil



FONTE: Gazeta do Povo (2016)<sup>24</sup>.

1) Semiótica: O primeiro quadro apresenta o ex-presidente Lula discursando com uma aparência jovem, relembrando a época de fundação do Partido dos Trabalhadores e os discursos de Lula durante as greves no ABC paulista ainda no período da Ditadura Militar. Lula está à esquerda no quadro e há um borrão vermelho sobre ele e as outras pessoas da imagem. O posicionamento à esquerda e a cor vermelha remetem ao PT. O vermelho é uma cor quente e ela cobre o rosto de Lula e se expande como se estivesse amplificada pelo megafone, uma ideia de projeção da voz e do discurso, associando a cor quente com o calor das manifestações.

No segundo quadro há uma aproximação no rosto de Lula e um borrão vermelho no seu rosto. O fundo do quadro é feito com um padrão pontilhado, técnica conhecida como retícula e muita usada em quadrinhos antigos e *pop art*. A retícula permite separar os planos da cena. Os dois quadrinhos na sequência evidenciam uma divisão simétrica tanto nas cores, quanto na disposição dos quadrinhos. Enquanto nos dois primeiros existe a predominância do vermelho, nos outros dois é a cor azul que dá o tom dos quadros, fazendo uma clara distinção entre eles e demonstrando a oposição através das cores, que se mantém até o final da história. No terceiro quadro

<sup>24</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/precisamos-falar-sobre-o-lulismo/>

aparece dois políticos conversando, dando a entender uma articulação política da oposição. Novamente a separação dos planos se dá pela retícula e há borrões de azul. O último quadro desta fileira faz referência ao segundo: também tem *close* no rosto de um político, porém nesse caso a cor é azul, fazendo uma distinção e oposição ao quadro do Lula.

A segunda fileira de quadrinhos se inicia com um quadro pequeno em branco apenas com texto e indicando o início da entrevista. Ele faz a introdução e chama o entrevistado, o quadrinho seguinte é uma sequência do primeiro e começa exatamente onde a narração havia acabado com reticências, mas dessa vez passando para posicionando-se dentro da história na voz do entrevistador, o próprio Robson Vilalba. A fonte muda dentro dos balões, uma espécie de caixa alta. O autor define então padrões de escrita para distinguir falas da entrevista e falas do narrador que também representa, em uma espécie de ubiquidade. O enquadramento mostra o entrevistador de costas e podemos ver, por sobre os ombros, o *notebook* por onde acontece a entrevista. O vermelho se apresenta de forma mais sutil nessa cena, como uma pincelada mais fraca, uma suavização na pergunta que o entrevistador faz: “o que é o lulismo”. O quadro seguinte é dominado por recortes cada vez mais próximos do rosto do entrevistado, o sociólogo Ruy Braga, fechando em um grande *close*. No mesmo quadro o entrevistado é ilustrado três vezes e em cada uma aumenta a aproximação, terminando com um plano rico em detalhes. O sociólogo está explicando a pacificação social que houve entre 2005 e 2013, uma espécie de acordo de cavalheiros permitiu os governos do PT. A cor ainda aparece em pinceladas vermelhas, indicando que o governo se sustentaria no poder.

2) Análise da Expressão: a narração começa com: A tentativa de decifrar o lulismo sempre deixa o interlocutor em xeque. Qualquer movimento em falso e é rotulado: “coxinha” ou “petralha”. A palavra xeque aparece no primeiro e no último quadrinho, criando um ciclo. Percebe-se a busca por tratar a polarização já nas primeiras palavras quando o autor explica que debater o lulismo pode separar entre “coxinha” ou “petralha”. O primeiro em referência generalista e pejorativa a pessoas com posicionamento político de direita e o segundo para esquerda. É possível perceber que o autor se utiliza de uma linguagem atualizada e com termos em voga para se referir a grupos políticos.

Ainda no primeiro quadrinho o texto continua com: Por um lado os votos dos mais pobres garantiram a continuidade do lulismo. Por outro lado, foram os mais ricos que investiram alto na sua viabilidade. Na sequência de duas frases o autor repete a palavra lado. Essas sentenças servem de abertura para tratar da pacificação social durante o lulismo, um dos temas em destaque na entrevista que Vilalba faz com Ruy Braga. Mostrar os dois lados nesse primeiro quadrinho ajuda a construir o tom de polarização que permeia os quadrinhos tanto no texto como na imagem (vide a coloração marcada em azul e vermelho). O texto explica como foi possível a ascensão de Lula e a aprovação de seu governo. Para tanto, segundo o entrevistado, Lula teve apoio das camadas mais pobres, mas também das mais ricas. Ao colocar: os mais ricos que investiram alto na sua viabilidade... o autor usa o termo investiram para fazer referência ao sentido financeiro (como exemplo, o apoio de grandes empresas nas campanhas do PT) e também no viés político (causado por essa interferência econômica de grandes empresários nas definições da política nacional).

No quadro onde aparecem os políticos conversando, o texto diz: Nas últimas eleições Dilma Rousseff recebeu 68% dos investimentos dos 10 maiores financiadores das campanhas. Enquanto Aécio ficou com 23% e Marina Silva com 9%. Esse trecho serve de explicação para a informação anterior que de que o PT teve apoio da classe mais rica. Fica evidenciado o beneficiamento do PT através do financiamento de campanha. Esse trecho em especial traz uma das características do jornalismo que é a intercalação de dados com o texto para dar maior veracidade aos fatos. Robson Vilalba traz isso para a sua reportagem em quadrinhos mesclando objetividade (dados) com subjetividade (ilustrações). Essa técnica é também utilizada pelo marketing para convencer os clientes sobre seus produtos. Em sociologia pode ser construída uma realidade relativa a partir de dados, pois os mesmos podem indicar o que afirma e seguramente o seu oposto, se analisado a outra metade da estatística.

No mesmo quadro temos o texto: *O lulismo é esse quebra-cabeça cujas peças, ao invés de se unirem, se repelem. Ou melhor, se unem ao se negarem.* Nessa expressão o autor demonstra a complexidade do tema e algumas incoerências da política brasileira. Através da incoerência de *se unem ao se negarem*, o autor explicita a relação do PT com o empresariado e com a classe política no geral. Destaco também o termo *quebra-cabeça* faz uma alusão à dificuldade de compreender o lulismo propondo que as peças que tornam possível entender esse jogo estão embaralhadas.

A segunda fileira de quadrinhos começa com um quadro preenchido apenas com texto, no qual o quadrinista anuncia quem é o entrevistado, o modo como foi viabilizado a entrevista e o tempo de duração da entrevista: *Por meio de uma vídeo chamada, conversei com o Doutor em Sociologia, Ruy Braga (1) durante 35 minutos e 27 segundos para tentar entender...* Vilalba explica antes quem é Ruy Braga, indicando para o leitor, pela ordem de título e nome, que o entrevistado é autoridade em assuntos relacionados à compreensão da sociedade. Justamente esse é o objetivo da entrevista: compreender um fenômeno vivido na sociedade brasileira. O tempo de entrevista informa que o produto oferecido para leitura e apreciação traz fragmentos selecionados pelo autor de uma ampla conversa tida sobre o tema proposto.

Na sequência, há o primeiro balão da HQ com a pergunta de Vilalba: “O que é o lulismo?” Como já descrito na parte referente a semiótica, há alteração de fonte nos balões como uma forma de diferenciar o que é voz ativa e o que é narração. A pergunta também é uma continuação direta do quadro anterior, que acaba com *pra tentar entender....* A pergunta é direta e aberta, permitindo que o entrevistado conduza o tema como quiser. Vilalba se coloca no quadrinho e isso demonstra o seu interesse no tema, é possível interpretar essa autoinclusão como um referente de estar afetado pelo momento histórico e político vivido. Se colocar na obra é uma forma de demonstrar que ele, nesse caso como repórter, mas também como cidadão tem a necessidade de compreender esse capítulo da história.

O entrevistado começa respondendo que essa expressão (lulismo) foi importada de outro autor, portanto Vilalba achou importante a origem da expressão. Ruy Braga continua a explicação e coloca: “Concordo com a ideia de que o lulismo é uma estratégia de pacificação social.” Em diversos momentos a pacificação social norteia a conversa de Vilalba e Braga. Pelo processo de edição, muito próprio do jornalismo o quadrinista evidencia a expressão e a deixa como uma espécie de explicação para ajudar a entender o lulismo. No balão seguinte, o entrevistado continua: “De 2005 a junho de 2013, o país teve um momento de relativa pacificação social. Apoiado em dois tipos distintos porém complementares de consentimento popular: passivo e ativo.” Novamente aparece a *pacificação social* e ela é complementada para entender os apoios de grupos populares. Ruy Braga explica como, de forma ativa e passiva, houve um consentimento popular para a concretização da pacificação social. A edição e a transferência do conteúdo da entrevista para o formato de HQs revela a maestria de Vilalba em recortar as falas do

entrevistado e torná-las adaptadas a linguagem dos quadrinhos. Ele edita as falas do entrevistado em frases curtas, mas que conseguem traduzir de forma clara as ideias de Ruy Braga.

FIGURA 5 - LULISMO 2



FONTE: Gazeta do Povo (2016).

1) Semiótica: No primeiro quadro desse trecho o entrevistado aparece rodeado pelos balões com as falas dele. A coloração do quadro é vermelha através de umas pinceladas na figura do entrevistado. O vermelho complementa o texto, porque o entrevistado está falando dos acordos feitos pelo governo do PT para ter a governabilidade, então nesse quadro ele está tratando do governo de situação naquela ocasião.

O quadro seguinte é um parênteses para realizar um adendo a fala de Ruy Braga. O sociólogo termina o balão dando o exemplo da construção da hidrelétrica de Jirau. No quadro explicativo sobre a obra, o recorte é do protesto que ocorreu e ilustra um canteiro de obra em chamas. O plano é aberto, o fogo e a fumaça são pintados de azul. Como a oposição nos quadrinhos também é demonstrada através de cores, Vilalba escolhe o azul para demonstrar que as manifestações e até o mesmo o incêndio provocado, dando a entender que ambos foram realizados por oposição ao governo, seja ela articulada ou não.

A continuidade da entrevista é retomada quando o plano do quadrinho revela novamente a vídeo chamada, o enquadramento mostra a cena de cima e por trás do quadrinista, como se este estivesse convidando o leitor a acompanhar a entrevista junto com ele, dentro da cena. O tema da pacificação social é retomado, porém dessa vez a cor utilizada é o azul, diferente dos outros quadros onde também se tratava de pacificação social, mas com a cor vermelha. O sociólogo pondera sobre o processo de financeirização e finaliza com uma crítica, portanto a cor azul nesse quadro representa a oposição e a crítica feita no discurso de Braga. Depois desse quadro há um espaço até o próximo, e há uma informação em texto, outra vez um parênteses. O autor deixa essa informação isolada dos quadrinhos para funcionar como um adendo para pergunta com que Ruy termina o quadrinho anterior.

O próximo quadro é o primeiro em que vemos o autor não pelas costas. O quadrinista se representa de perfil e faz ao entrevistado uma pergunta que envolve o bolsa família e as manifestações de junho de 2013. A cor usada é o azul colocando as exigências dessas manifestações como contraponto aos programas sociais realizados pelo PT. O quadro que vem na sequência tem novamente um enquadramento que mostra a cena por trás de Vilalba. O entrevistado responde com uma explicação sobre o bolsa família e sobre os setores que se mobilizaram nos protestos de 2013. Ainda que em tons mais claros o quadrinho é marcado pelo azul, colocando essas manifestações como oposição. Ruy explica que não foi a mobilização da classe mais pobre que motivou os protestos, mas sim de outros setores da sociedade. Vilalba marca com azul essa diferenciação entre as classes.

2) Análise da Expressão: Esse trecho é uma continuação do quadrinho anterior onde Ruy Braga explica o consentimento popular ativo e passivo apoiando a pacificação social. O quadro em questão trabalha com o ativo, pois o consentimento passivo foi tratado no anterior. Destaco o trecho da fala do entrevistador: “Ativo, pois tem apoio de lideranças dos movimentos sociais e sindicais, uma elite da burocracia sindical que passou a fazer parte do conselhos de fundo de pensão.” Essa fala em conformidade com a cor vermelha escolhida pelo quadrinista combinam um momento caloroso: o quente da cor com a apoio ativo de lideranças sindicais. Ruy Braga escolhe usar a construção da hidrelétrica de Jirau para dar o exemplo do interesse da burguesia ligada à atividade de mineração, energia, agronegócio e construção civil.

O quadro seguinte serve de parênteses para explicar o exemplo dado pelo entrevistado sobre hidrelétrica de Jirau. Vilalba usa de um elemento irônico na frase: *As obras pegaram fogo, e não é uma expressão de linguagem*. O autor brinca com o sentido da palavra fogo. Nesse caso, poderia indicar que houve uma manifestação calorosa, tumultuada. O substantivo fogo pode entrever essas situações quando colocado na sentença, porém o quadrinista complementa com: *e não é uma expressão de linguagem*, deixando claro que a palavra fogo tem o sentido literal e não o figurado. Há ironia na explicação de o significado da palavra fogo ser literal e real e não qualquer outro sentido que pudesse ser atribuído nessa situação. Outro elemento irônico é o contraste de estar falando sobre um incêndio, mas a coloração do quadro ser azul, uma cor fria. Sendo que em outros quadros há o vermelho. Na parte atribuída à semiótica já foi explicado o sentido da cor nesse quadro.

A próxima fala é: *Em 2012 manifestantes atearam fogo nos alojamentos do canteiro da usina de Jirau*. Mais uma vez, Vilalba utiliza a palavra fogo, agora já explicado o seu sentido, o trecho serve como aposto para ilustrar melhor a frase anterior e deixar claro porque o fogo não é no sentido figurado. No final do quadrinho, Vilalba coloca: *Um protesto que reivindicava, entre outras coisas, melhores condições de trabalho*. Essa observação é importante, pois demonstra que um dos motivos do protesto era por melhores condições de trabalho e as obras começaram no mandato do Partido dos Trabalhadores, que leva o trabalho no nome, portanto era esperado do partido maior atenção quanto a qualidade de vida dos funcionários da obra. O autor considerou essa incoerência para explicar o contexto do exemplo dado por Ruy Braga.

O próximo quadro tem uma interferência do autor para voltar a entrevista com o sociólogo: *Mas, voltemos para a conversa com Ruy Braga*. Com essa sentença ele fecha o parêntese aberto com o quadrinho anterior. No balão do entrevistado, ele inicia novamente falando da pacificação social: “Você tem uma pacificação que é funcional para que não haja contestação da dívida pública. Eu destacaria o processo de financeirização.” Neste trecho, a pacificação está sendo tratada sobre uma ótica de governabilidade, uma forma do PT manter um acordo com a oposição. O entrevistado finaliza com a pergunta: “Para onde vai esse dinheiro público?” O objetivo aqui foi o de colocar as críticas do entrevistado ao governo do PT, e não somente destacar as falas explicativas e descritivas sobre o lulismo.

Na sequência, novamente temos uma parênteses realizado por Vilalba. Dessa vez o texto não está dentro de um quadrinho, mas sim entre eles. O texto diz: *No dia*

14 de Janeiro a presidente Dilma vetou a proposta de realização de uma auditoria da Dívida Pública. O quadrinista coloca essa informação para complementar a pergunta feita pelo entrevistado no quadrinho anterior. A observação é colocada pelo autor para que o leitor faça uma reflexão sobre veto da presidente Dilma e sobre porque um governante não aceitar uma auditoria sobre a dívida.

O quadro que vem em seguida contém uma pergunta de Vilalba: “Você cita o bolsa família como uma das concessões que permitiram a pacificação social. No seu livro você diz ter notado que as manifestações de junho de 2013 tinham outras exigências de programa de governo...” A pergunta serve para introduzir o tema e deixa em aberto para o entrevistado continuar. A pacificação social é citada nessa etapa como aliada a um dos programas sociais do PT: o bolsa família. Vilalba continua introduzindo as manifestações de 2013, para questionar o entrevistado sobre as colocações que este fez em seu livro. Há o interesse do autor em demonstrar para o público, por meio da entrevista, as motivações que levaram as pessoas para as ruas em junho de 2013. Ele demonstra ter esse conhecimento, por ter lido o livro de Ruy Braga, como citado na pergunta, mas também revela querer entender o lulismo no contexto desses protestos.

Os balões seguintes são da fala do entrevistado e respondem às colocações na mesma ordem da proposição de Vilalba. O sociólogo explica que não foram as classes mais pobres que foram às ruas, mas outros setores da sociedade que ele separa em dois.

FIGURA 6 - LULISMO 3



FONTE: Gazeta do Povo (2016).

1) Semiótica: A primeira fileira de quadrinhos desse trecho é simétrica. Nos três primeiros quadrinhos tem uma sequência com Vilalba bebendo algo. A sequência dá uma sensação de movimento e há a predominância do vermelho. O texto fala dos setores que se mobilizaram nas manifestações de 2013 e a escolha da cor quente para esses quadros indica a movimentação da classe média e dos jovens periféricos nesses protestos, indicados nos balões pela fala de Ruy Braga.

A sequência é quebrada por um desenho em *close* do entrevistado, e é um dos poucos quadrinhos que não tem nenhuma cor. O contexto dessa cena é de que Ruy explica que o bolsa família não atende aos setores que participaram das manifestações. A ausência de cor é um sinal de neutralidade, nesse caso da classe atendida pelo bolsa família. A simetria permanece na sequência semelhante as três primeiras em que aparece o entrevistador bebendo algo, com um enquadramento de perfil. A cor aparece menos que nos três primeiros, mas ainda é o vermelho. Vilalba pergunta se o lulismo se aproxima ou se afasta das pautas cobradas em 2013.

A última fileira de quadrinhos começa com o quadrinista questionando sobre a manifestação *pró-impeachment* que aconteceu em 13 de março de 2015. O enquadramento é feito em plano geral de cima para baixo com o entrevistador de costas e mirando o computador por onde a entrevista acontece. A cor volta a ser o azul, representando a oposição ao PT e ao lulismo. No quadro seguinte, Vilalba aparece pela primeira vez de frente e não há cores. O quadrinho é mais estreito e Vilalba está perguntando ao entrevistado se ele vê alguma saída no médio prazo. A ausência de cores demonstra uma neutralidade no questionamento do quadrinista.

A resposta de Ruy Braga indica que não há mais espaço para a pacificação que ocorreu durante os outros governos do PT. O enquadramento é um *close* no entrevistado e a coloração azul evidencia uma supremacia da oposição no momento histórico da entrevista. No próximo quadro há novamente uma pergunta do entrevistador em quadrinho estreito, com um enquadramento que mostra o rosto de Vilalba. Dessa vez o quadrinista está com uma mão no queixo, indicando que está refletindo sobre o assunto. A ausência de cores refere neutralidade.

No último quadrinho o entrevistado está representado em um enquadramento fechado, enquanto explica sua visão quanto a nomeação de Lula para o ministério da Casa Civil. A cor é vermelha e fecha o ciclo com o primeiro quadrinho que também é vermelho, referindo-se ao PT. Enquanto no primeiro temos um desenho que retoma as origens do partido, no segundo, a evidência de manobra política do governo.

2) Análise de Expressão: O balão do entrevistado é alongado em quatro quadros. O entrevistado explica que os setores que foram às ruas nas manifestações de 2013 eram compostos por jovens da periferia que são sensibilizados pela violência policial que sofrem e desejam a revogação das passagens. E também por setores médios tradicionais que foram às ruas lutar por direitos ao transporte público, saúde e educação. O balão acaba com: “O bolsa família não contenta esses setores. O que contenta são os direitos sociais.” Finalizando a explicação para o entrevistador voltando ao tópico do bolsa família e demonstrando que a parcela da população que foi se manifestar não era o setor atendido por esse auxílio.

Vilalba continua com a seguinte pergunta: “Há uma leitura da crise como crise de representação política. De que não há representantes para as demandas das ruas. Você acha que o lulismo se aproxima ou se afasta das pautas de junho?” O discurso do quadrinista se inicia com observação que o mesmo faz acerca da representação política. Há a preocupação no texto em demonstrar que essa não é uma visão particular, mas sim embasada em terceiros. É perceptível que o autor sente a necessidade de explicar qual é a crise de representação política quando coloca: “De que não há representantes para as demandas das ruas.” E com o final da pergunta mais uma vez fica visível a necessidade do autor entender o papel do PT no contexto atual.

A resposta de Ruy Braga no quadrinho seguinte é curta: “Se afasta. Você não tem uma alternativa nem no PT e nem no PSDB, que, no fundo, defendem o mesmo projeto.” A resposta exemplifica a crise de representação política questionada por Vilalba e marca o distanciamento do PT com o povo. Na sequência Vilalba salta para manifestações mais recentes a época da entrevista: “Como você vê os protestos contra o governo e a última manifestação do dia 13 de março?” Essa pergunta exemplifica um marco temporal e uma cronologia que ocorre durante a entrevista para entender o lulismo. O mais recente, Vilalba deixa para o final da entrevista. Destaco na resposta do entrevistado o trecho: “A partir de 2013 há uma polarização política no Brasil.” A polarização é muito importante na HQ, porque ela também é representada pelas cores. Desde o início, o quadrinista dá indícios de que a polarização é um dos nortes da entrevista. O sociólogo também coloca que: “Isso pode ser o suficiente para garantir o impeachment de Dilma.” E Vilalba emenda: “Você não vê saída no médio prazo?” A pergunta começa com uma negativa, o que induz sobre a negatividade do

próprio quadrinista quanto ao tema. Também é interessante ele perguntar uma solução a médio prazo, porque assim o autor já exclui a possibilidade de uma solução em um prazo curto.

A resposta de Ruy Braga no quadrinho seguinte, contempla uma observação sobre a intensificação da luta de classe e adiciona: “Não há mais espaço para uma pacificação social como houve durante o governo Lula. Isso é uma página virada da história.” Essa é a quinta e última vez que aparece o termo “pacificação social”. Ele só não aparece mais que “lulismo”, o tema geral da entrevista. A conclusão do entrevistado, de que não há mais espaço para a pacificação, se prende ao contexto da entrevista ao tratar da polarização política no Brasil depois de 2013. A ideia de fim da pacificação é reforçada por “Isso é uma página virada da história”, deixando claro que não há mais possibilidade do lulismo acontecer no Brasil.

Já quase no final do quadrinho, Vilalba questiona: “Como você vê a nomeação de Lula para a casa civil?” O quadrinista deixa para o final uma pergunta sobre uma manobra política recente realizada pelo PT: a nomeação de Lula para um ministério do governo Dilma<sup>25</sup>. Tal manobra foi vista como uma forma de conceder foro privilegiado ao ex-presidente para que a investigação da Lava-Jato, conduzida pelo juiz Sérgio Moro fosse transferida para a procuradoria-geral da República. A pergunta feita por Vilalba já demonstra que o lulismo está em xeque, como ele anuncia no último quadrinho.

No último quadro, o entrevistado responde: “Uma improvisação política que não altera radicalmente os termos do gasto público. Trata-se de uma fuga para frente. É só isso.” O balão é contínuo e agrega o texto todo, porém o trecho: “É só isso” fica em um gomo separado, na intenção do quadrinista de dar destaque a esse trecho e dar ênfase de que se trata apenas de uma improvisação política. A narração final é: *Nunca antes na história desse país o Lulismo esteve tão em xeque.* A construção dessa frase remete ao modo de falar do próprio Lula que a tudo respondia começando por essa expressão como forma de divulgar os grandes feitos. Em um dos últimos balões do entrevistado, ele fala que sobre o fim da pacificação social e que isso é uma página virada da história. A frase final é uma afirmação do narrador, ele acredita que esse é

---

<sup>25</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/planalto-anuncia-lula-como-novo-ministro-da-casa-civil.html>

o momento em que o lulismo mais está sob críticas. Ele também faz questão de frisar que o lulismo entrou para história e enfatiza isso deixando a palavra lulismo com L maiúsculo.

A palavra *xeque* também tem um papel fundamental na HQ como um todo. O autor explica no primeiro quadro que: *A tentativa de decifrar o lulismo deixa o seu interlocutor em xeque*. Vilalba assume que está se expondo também se colocando em xeque ao tentar entender esse fenômeno. O autor conclui que junto com o lulismo, ele também está sendo questionado.

3) Circulação: O quadrinho foi publicado no jornal Gazeta do Povo em 20/03/2016, tanto em mídia impressa, quanto no *online*. O periódico tem um perfil assumidamente conservador, como exemplo, o editorial publicado em 28/10/2018 com o título: "A vitória de Jair Bolsonaro e o amadurecimento democrático"<sup>26</sup>.

A HQ de Vilalba estabelece um contraponto ao posicionamento do jornal. Partindo do pressuposto que a objetividade jornalística é uma utopia, Vilalba traz uma pauta que pode ser considerada de esquerda. O objetivo dele é entender o fenômeno e não atacar o lulismo. Teixeira (2007) ao se apropriar da literatura de Landowski adota para sua tese o princípio de que o jornal é um sujeito semiótico:

O jornal, enquanto sujeito semiótico é detentor de estilo, tom e perfil. Estas características o definem e fazem dele uma figura social que pode gerar atração ou repulsa. No entanto, Landowski declara que diferentemente do imperativo social pela variação, a exemplo da indumentária e cardápio, com o jornal ocorre uma compulsão inversa, a do favorecimento do hábito. A eleição de um jornal e a fidelidade a ele corresponde a permanecer fiel a si mesmo (TEIXEIRA, 2007, p. 9).

A pauta escolhida pelo quadrinista causa uma ruptura no perfil do jornal e como colocado por Teixeira, pode gerar repulsa ou atração. A HQ pode ser interpretada, como demonstra o próprio Vilalba, "cozinha" ou "petralha".

4) Relação de Poder: No quadrinho não há percepção da ideologia do autor através do discurso. O poder se estabelece na escolha da pauta, em querer entender

---

<sup>26</sup><https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-vitoria-de-jair-bolsonaro-e-o-amadurecimento-democratico-alctqngbl9h5swz0jue3vxq3/>

o lulismo e seus impactos no contexto atual do Brasil. Falar sobre o fenômeno da esquerda em um jornal conservador já demonstra por si só como uma situação de poder. Como propõe Bourdieu (1989, p. 11):

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>>.

O quadrinista usa um meio de imposição e de legitimação do poder, para tratar de um assunto que considera importante para compreender o cenário político brasileiro.

#### 4.3 O VELHO NOVO LIBERALISMO

O quadrinho analisado foi publicado no jornal *Le Monde Diplomatique* na edição mensal de julho de 2016 com o título “O velho novo liberalismo”. Vilalba investiga o papel do liberalismo no Brasil e a intromissão americana nas economias latinas. O quadrinho é maior do que os outros analisados (possui duas páginas) e coloração é toda em tons de verde e amarelo remetendo a bandeira do Brasil. As cores também são referências aos protestos pró-*impeachment* que aconteceram em 2015<sup>27</sup>, em que os manifestantes utilizam as cores do Brasil em um sinal de patriotismo.

---

<sup>27</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>

FIGURA 7 - LIBERALISMO 1



FONTE: Robson Vilalba (2018).

1) Semiótica: O primeiro quadro ilustra o desfile de posse, que acontece em 1º de janeiro, quando a presidenta eleita assume. Em plano aberto, mostra Dilma acenando de dentro de um carro aberto acompanhada por mais dois veículos. Trata-se da posse da presidente em 2015. Os três carros estão coloridos de amarelo e são as únicas coisas coloridas na imagem. O fundo é branco com contorno das pessoas em preto. No texto, Vilalba mensura a quantidade de presidentes desde a proclamação da república e os casos em que houve interrompimento, já anunciando que irá falar sobre o *impeachment* de Dilma.

O próximo quadro é um plano mais próximo do mesmo contexto do anterior, mostrando de frente Dilma e Paula Rousseff durante o desfile. Há retícula no veículo e o quadro foi colorido em tons de verde e amarelo. O quadro na sequência mostra Dilma em plano médio. A coloração do quadro é inteira em amarelo e há retícula no fundo para separar os planos. Dilma olha para extracampo à sua direita e o texto trata do “golpe” que tirou a presidente do poder. A imagem ilustra de qual espectro político veio a arquitetura do *impeachment*.

A próxima cena é grande e ocupa uma linha inteira. Na porção maior há um protesto com policiais trajando equipamento tático. A cena foi toda colorida em verde puxando para o cinza. Dentro da cena maior aparecem quadros menores com o rosto de Dilma. A ex-presidenta aparece duas vezes em quadros separados, com uma caixa de texto entre eles. Os quadros destoam do rosto pois não possuem o traço do autor. Aparentemente ele inseriu uma imagem original, aplicou retícula e coloriu de amarelo. Vilalba deixa o trecho em amarelo, inclusive os balões, para dar enfoque a fala de Dilma.

2) Análise da Expressão: O texto começa com: *De 15 de novembro de 1889 até hoje, o Brasil teve 35 presidentes. E apenas 23 foram eleitos diretamente.* O autor opta por iniciar com a data da proclamação da República e insere o número de presidentes que tivemos desde então. Depois ele usa *apenas* para dar ênfase que boa parte dos presidentes não foi eleito por voto popular. Forma encontrada pelo autor para afirmar a fragilidade da democracia brasileira. Ele continua com mais informações sobre os presidentes que não puderam assumir ou tiveram seus mandatos interrompidos.

O próximo quadro reforça a mesma ideia de fragilidade: Após 21 anos de ditadura, em 1989 tivemos eleição democrática. Desde lá, seis presidentes passaram pelo Planalto. Dois assumiram após o afastamento do presidente eleito. O quadrinista dá ênfase ao interrompimento dos mandatos ao colocar que dois dos seis presidentes que assumiram depois da ditadura foram afastados. Ele continua com o tema no quadro seguinte: Com a presidente Dilma Rousseff, temos uma nova modalidade de desmonte de poder, cuja palavra “golpe” parece explicar muito mais do que a palavra: impeachment. Nessa HQ há uma mudança no tom da reportagem e Vilalba expõe mais sua opinião no texto. Ele associa o impeachment com um “golpe” e coloca a palavra entre aspas, porque o processo correu dentro da legalidade e seguiu todos os ritos necessários para efetivar o afastamento de Dilma. Porém, o autor deixa entrever que a ex-presidenta sofreu um golpe e havia interesse, não claramente colocados, em tirá-la do poder.

O texto do próximo trecho informa: *Enquanto a rádio novela da política é contada em gravações vazadas ao sabor de quem as tem...* Vilalba faz referência as inúmeras gravações envolvendo os principais políticos da país comparando-as com novelas por apresentarem cada vez um episódio novo capaz de mudar os rumos

políticos do país. Ele continua com: .... *um dos pilares da política brasileira, o presidencialismo de coalizão, tem suas rachaduras expostas*. O termo presidencialismo de coalizão foi cunhado pelo cientista político Sérgio Abranches<sup>28</sup> em um artigo de mesmo nome. Vilalba usa a expressão para dizer que o regime político brasileiro é fragmentado em vários partidos, em função disso o presidente precisa fazer concessões, coalizões e alianças para poder governar. Esse formato implica segundo o autor em complicações de toda ordem. Com essas frases ele deixa entender que o sistema brasileiro é frágil e com as gravações vazadas essa fragilidade ficou exposta.

Vilalba insere balões com trechos do pronunciamento de Dilma, feito em 30 de abril de 2012, em que enaltece a classe trabalhadora e tece críticas a elite bancária pelas abusivas taxas de juros. Vilalba insere as falas da ex-presidenta para mostrar o tom desafiador que ela teve ao enfrentar os bancos e a compara com Lula. O quadrinista deixa isso claro quando escreve: *a presidente Dilma desafinava o coro conversador do lulismo ao fazer uma provocação política*; mostrando que Dilma teve um discurso diferente de Lula e enfrentou a burguesia bancária. Vilalba adiciona a fonte (o cientista político André Singer, da USP) de onde formula tal opinião.

---

<sup>28</sup><https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/o-presidencialismo-de-coalizacao/>

FIGURA 8 - LIBERALISMO 2



1- André Singer - "Cutucando Onças Com Varas Curtas" <<http://movosetudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/content\_1604/1Te\_1604.pdf>>

2- José Luis Fiori "Os Moedeiros Falsos" <<http://www.lf.ufpa.uol.com.br/fsp/1994/7/03/mais/10.html>>

3- Felipe Calabrez é mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Paraná e doutorando na Universidade de São Paulo. Título da dissertação: "Reforma do Aparelho do Estado no Governo Cardoso: Entre o Ajuste Fiscal e a Reforma Gerencial".

FONTE: Robson Vilalba (2018).

1) Semiótica: A sequência começa com três quadrinhos verticais em proporções idênticas. No primeiro deles aparece o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton atrás dele. Clinton e Cardoso governaram Estados Unidos e Brasil, respectivamente, na mesma época. A coloração é em um verde que se aproxima do cinza. Fernando Henrique aparece sorrindo, enquanto Clinton apoia suas mãos nos ombros do ex-presidente do Brasil, como se FHC fosse controlado pelos Estados Unidos. O próximo quadro aparece uma moeda representada em três momentos, dando a sensação de que está caindo. Não há os limites do quadrinho e o fundo é branco. No desenho onde a moeda aparece mais no inferior é possível ver a estátua da liberdade em uma das faces, deixando claro que se trata do dinheiro americano. O quadro representa a intromissão dos Estados Unidos no projeto econômico de outros países.

O último quadro dessa sequência mostra o rosto de Fernando Henrique aproximado. O quadrinho tem a predominância do verde e uma luz amarela atinge a testa do ex-presidente iluminando a porção superior do rosto. A parte inferior fica menos iluminada e o quadrinista aplica retícula no trecho mais escuro. O nariz, a boca e o queixo fazem sombra, dando um tom mais obscuro. No texto, Vilalba fala que Fernando Henrique foi concebido para viabilizar o Consenso de Washington no Brasil,

a forma como o quadrinho é colorido representa o papel de FHC para pôr em prática o projeto econômico norte americano, sendo ele a luz no Brasil que viabiliza o Plano Real.

No próximo quadro aparece Vilalba de perfil enquanto realiza entrevista com o cientista político Felipe Calabrez. Há predominância do amarelo e retícula no fundo para separar os planos. Vilalba se coloca no quadrinho para demonstrar que ele tenta entender o processo político do qual faz parte como formador de opinião. Abaixo deste quadro, há dois menores. Um deles mostrando um notebook com o entrevistado aparecendo na tela e outro com um plano detalhe no rosto de Felipe.

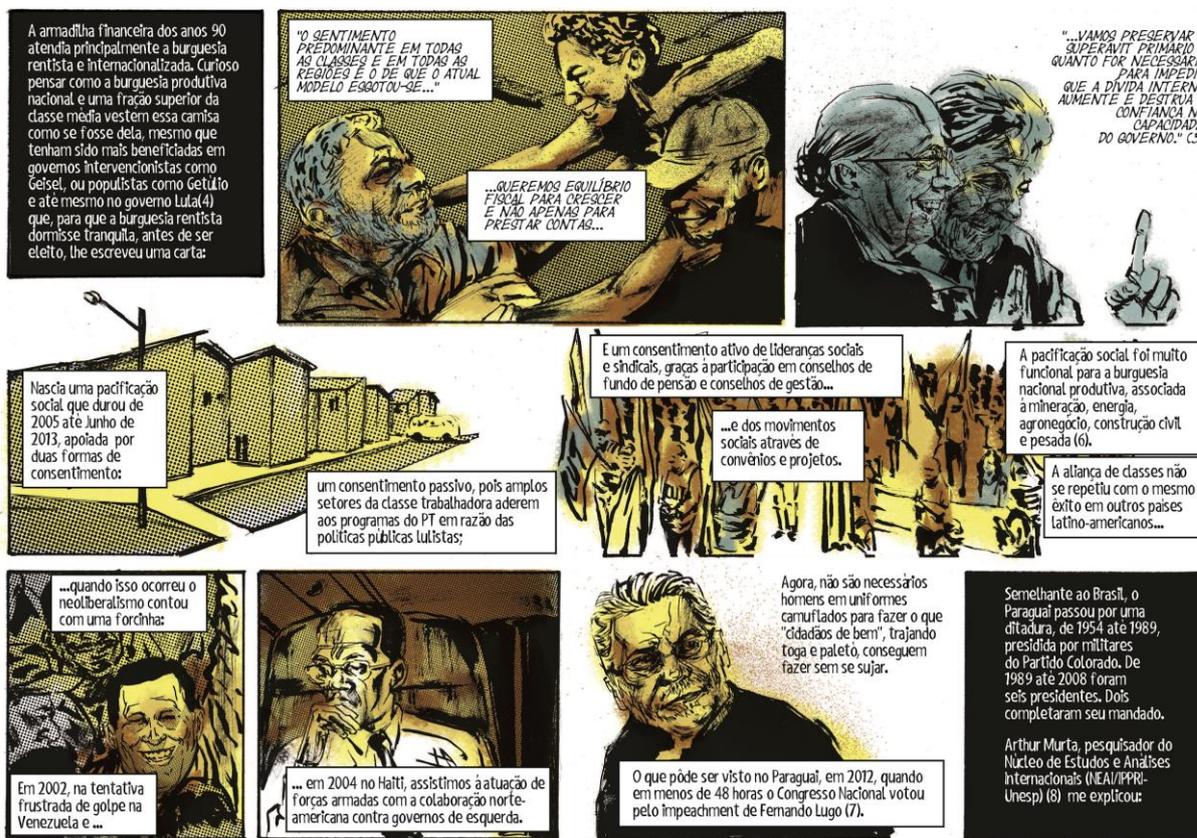
2) Análise de Expressão: Vilalba aproveita o gancho da fala de Dilma sobre juros, no quadrinho anterior, para continuar no tema: *A redução de juros, forçando os spreads para baixo, tencionou o pacto com a burguesia financeira, mantido desde os anos 90.* O autor faz uma contextualização e mais a frente explica que a economia brasileira sofreu intromissão do governo norte americano, com a criação do documento: *“In Search of a Manual for Technopols”, escrito por John Williamson.* Complementando com: *Levando a cabo o programa de reformas econômicas que, anos antes, ganhou o nome de Consenso de Washington. No Brasil os primeiros passos foram dados no governo Collor.* Vilalba sente a necessidade de explicar a construção do programa de reformas econômicas dos Estados Unidos e colocar que foi com Collor que as reformas começaram no Brasil.

O quadro que vêm na sequência indica como o Consenso de Washington foi viabilizado no Brasil: Mas foi com o Plano Real que uma coalizão de poder garantiu sustentação e permanência. Como diz José Luís Fiori: o Plano Real não foi concebido para eleger Fernando Henrique... Fernando Henrique é que foi concebido para viabilizá-lo. Com essa afirmação sobre Fernando Henrique ser concebido para colocar em prática o Plano Real, o quadrinho anterior no qual Clinton aparece como mentor de Cardoso faz mais sentido, porque FHC é colocado como uma ferramenta para os americanos viabilizarem práticas do Consenso de Washington no Brasil. Vilalba mantém o compromisso de citar a fonte da informação e também coloca que foi através do Plano Real que uma coalizão de poder garantiu sustentação e permanência. Assim, o quadrinista afirma que é no governo de Fernando Henrique que o liberalismo se firma no Brasil.

No próximo quadro Robson Vilalba escreve: *Na tentativa de entender melhor esse processo dos anos 90, conversei com o cientista político Felipe Calabrez*. Ele demonstra que o tema é de seu interesse e busca uma fonte das Ciências Sociais para ajudá-lo a entender o processo. Vilalba tem graduação em Ciências Sociais, e assim como no “Precisamos Falar Sobre o Lulismo”, buscou pesquisadores do ramo para tentar compreender um fenômeno um político. Com isso, Vilalba demonstra que cientistas políticos conseguirão lhe ajudar melhor com uma visão ampliada sobre a sociedade. A pergunta que o quadrinista faz ao entrevistado é: “E como você define o Plano Real?”. Há diferença na fonte do balão em relação a caixa de texto. O “e” no início da pergunta indica que esse é um trecho da entrevista e houve outras perguntas antes. Vilalba insere uma nota para explicar quem é Felipe Calabrez e coloca que a dissertação de mestrado de Felipe é sobre a reforma do aparelho do Estado no governo Fernando Henrique.

A fala do entrevistado contempla uma explicação do cenário político latino-americano nos anos 90 e deixa claro que o Plano Real é uma variação do Consenso de Washington. Felipe explica por fim que as medidas liberalizantes do Plano criaram uma armadilha financeira, mas destaca que nesse período foram criadas medidas nas áreas sociais. Deixando claro que ao menos no Brasil, houve avanços sociais, mesmo com uma economia liberal.

FIGURA 9 - LIBERALISMO 3



claro e depois escuro, com alguns detalhes em verde. É possível ler a sigla CUT na roupa de um dos manifestantes e a cena representa as lideranças sindicais, mencionadas no texto pelo quadrinista.

A linha mostra em sequência três presidentes de países latinos. No primeiro aparece Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela. O rosto dele está em tons de amarelo e aparece sorrindo. A cena tem mais pessoas em volta, mas estão em segundo plano desfocados pela retícula. O segundo quadro retrata Jean-Bertrand Aristide, presidente haitiano que deixou o país em 2014, após rebelião armada, também colorido de amarelo. Aristide diz que foi forçado a sair do Haiti pelos EUA<sup>29</sup>. No quadro, o ex-presidente haitiano está sentado e aparece o encosto do banco. A expressão de Aristide é de quem está pensativo e a cena indica que ele está em um avião, representando o dia que ele deixou o país.

O quadro que fecha os ex-presidentes mostra o paraguaio Fernando Lugo que, assim como Dilma, sofreu processo de *Impeachment*. A cena não tem linhas de delimitação e Lugo aparece a partir do torso e em tons de amarelo, olhando para o extracampo. A linha fecha com mais um quadrinho com o fundo preto e texto em letras brancas.

2) Análise da Expressão: Vilalba começa a segunda página dando destaque para o texto, destacando-o em um fundo preto e com letras brancas, o que gera contraste com o fundo branco da página do quadrinho. Vilalba inicia repetindo a expressão *armadilha financeira*, falado no quadrinho anterior por Felipe Calabrez, evidenciando que o liberalismo cria aspectos negativos, como os citados pelo cientista político: “Invasão de competidores externos, como os chineses; alta de juros, o que ajudou a aumentar a dívida pública.” Vilalba coloca que a armadilha: *atendia principalmente a burguesia rentista e internacionalizada. Curioso pensar como a burguesia produtiva nacional e uma fração superior da classe média vestem essa camisa como se fosse dela, mesmo que tenham sido mais beneficiadas em governos intervencionistas como Geisel ou populistas como Getúlio e até mesmo no governo Lula que para que a burguesia rentista dormisse tranquila, antes de ser eleito, lhe escreveu uma carta*: O objetivo do quadrinista é ressaltar que determinadas classes

---

<sup>29</sup>[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/03/printable/040302\\_haiti2rg.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/03/printable/040302_haiti2rg.shtml)

da burguesia compram a briga de setores que não lhes correspondem diretamente. Ele tenta mostrar como em governos que não são liberais esses setores tiveram oportunidades de prosperidade. Vilalba usa *até mesmo no governo Lula*, para indicar que até em um mandato de um partido mais voltado para esquerda a burguesia foi beneficiada. O autor também cita que a necessidade de Lula escrever uma carta antes de assumir a presidência para tranquilizar a burguesia rentista.

Vilalba usa trechos da carta<sup>30</sup> em que demonstram a tentativa de Lula de formar uma pacificação social desde antes de ser eleito. A fala de Lula indica que o modelo liberal não é mais possível e do compromisso do ex-presidente em melhorar as contas públicas. O quadrinista retoma o assunto da pacificação social que já havia tratado fartamente em “Precisamos Falar Sobre o Lulismo”. Ele começa com: *Nascia uma pacificação social que durou de 2005 até junho de 2013, apoiada por duas formas de consentimento: um consentimento passivo, pois amplos setores da classe trabalhadora aderem aos programas do PT em razão das políticas públicas lulistas; O trecho exemplifica que o autor utiliza o que aprendeu com sua investigação na entrevista feita com Ruy Braga e adota para si a visão do sociólogo, tanto que cita em nota a HQ publicada na Gazeta do Povo. Ele explica novamente os consentimentos e ilustra o passivo com o desenho de um conjunto habitacional e o ativo com manifestações de lideranças sindicais.*

Robson Vilalba observa que: A pacificação social foi muito funcional para a burguesia nacional produtiva. Depois continua com: A aliança de classes não se repetiu com o mesmo êxito em outros países latino-americanos... Deixando claro que Lula teve êxito na pacificação social e em agradar vários setores da sociedade, coisa que não se repetiu em outros países latinos. Ele continua no quadro seguinte com: ... quando isso ocorreu o neoliberalismo contou com uma forcinha: Em 2002, na tentativa frustrada de golpe na Venezuela e... Vilalba exemplifica as tentativas de golpe em governos latinos e atribui isso em partes ao liberalismo. Na sequência ele deixa claro a interferência dos Estados Unidos em governos de esquerda: em 2004 no Haiti, assistimos à atuação de forças armadas com a colaboração norte-americana contra governos de esquerda.

---

<sup>30</sup>Carta ao povo brasileiro: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u33908.shtml>

No quadro seguinte, Vilalba pondera sobre a situação de Fernando Lugo no Paraguai: O que pôde ser visto no Paraguai, em 2012, quando em menos de 48 horas o Congresso Nacional votou pelo impeachment de Fernando Lugo. E complementa com sua opinião sobre os golpes: Agora, não são necessários homens em uniformes camuflados para fazer o que “cidadãos de bem”, trajando toga e paletó, conseguem fazer sem se sujar. Com esse trecho Vilalba coloca que os golpes não precisam mais acontecer por via militar, como ocorreu em diversas ditaduras em países latinos, durante a segunda metade do século XX. Agora os “golpes” acontecem por meio dos políticos e dentro da legalidade, como caso de Lugo, ilustrado na imagem. Vilalba coloca “cidadãos de bem” entre aspas para ironizar a atuação dos pró-impeachment e demonstrar que o objetivo nem sempre é fazer o bem. A expressão: *conseguem fazer sem se sujar*, remete aos abusos cometidos pelos militares nos regimes ditatoriais.

No próximo quadro onde só há texto, Vilalba compara a história do Paraguai com a nossa a fim de mostrar as similaridades. Ele coloca que: *De 1989 até 2008 foram seis presidentes. Dois completaram seu mandato*. Esse trecho é uma referência direta aos primeiros quadrinhos da reportagem nos quais o autor faz o mesmo com o Brasil. Colocando que *dois completaram seu mandato* dá indícios que a situação no Paraguai é pior do que no Brasil. Vilalba realiza no mesmo quadro a introdução para uma entrevista com Arthur Murta para entender o que aconteceu no Paraguai.

FIGURA 10 - LIBERALISMO 4



4 - Armando Boito, "A natureza da crise política". DiplomatiqueLeMonde - <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=2044>>. / 5- Carta ao povo brasileiro - <<http://novo.fpbbramo.org.br/uploads/cartaaopovobrasileiro.pdf>>. / 6 - Entrevistei o sociólogo Ruy Braga no início de Março de 2016. "Precisamos falar sobre o Lulismo" - Gazeta do Povo <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/precisamos-falar-sobre-o-lulismo>>. / 7- Carta Capital, "Honduras e Paraguai, motivos de inspiração" <<http://www.cartacapital.com.br/revista/895/honduras-e-paraguai-motivos-de-inspiracao>>. / 8 - Arthur Murta é Mestre em Relações Internacionais, PPGRI San Tiago Dantas- Unesp, Unicamp, PUC-SP e Doutorando em Relações Internacionais, USP. Sua dissertação de mestrado é intitulada "PARAGUAI 2012: O PAPEL DO BRASIL E A AÇÃO DA UNASUL".

FONTE: Robson Vilalba (2018).

1) Semiótica: O quadrinho mostra Vilalba de costas fazendo a pergunta ao entrevistado, como se convidasse ao leitor a acompanhar a entrevista com ele. A cena é quase toda verde, exceto pela tela branca do computador. Vilalba representa o entrevistado em uma sequência de cinco quadrinhos dispostos simetricamente. Arthur aparece em amarelo enquanto o balão foi pintado de verde. A sequência dá uma sensação de movimento.

O último quadro tem grande proporção e ilustra o pronunciamento feito por Temer em 12 de maio de 2016 durante posse de novos ministros. Em um plano aberto Vilalba ilustra a cena com Temer no centro e os ministros atrás dele. O presidente Temer está em primeiro plano em tons de amarelo, enquanto os outros políticos estão em segundo plano com retícula e predominância do verde. Temer parece ser a fonte de luz, porque o amarelo do seu rosto está refletido no rosto dos homens que estão próximos dele. O quadrinista retrata o presidente dessa forma para mostrar que Temer foi visto como uma alternativa, uma salvação para a economia, entretanto a representação dele está mostra-o bem envelhecido.

2) Análise da Expressão: Vilalba inicia o trecho com uma pergunta direta sobre o ex-presidente paraguaio: “O que aconteceu com Fernando Lugo?”. A resposta de Arthur é conduzida de maneira semelhante as comparações de Vilalba entre Brasil e Paraguai. O entrevistado compara o Partido Liberal do Paraguai com o nosso PMDB quanto à base do partido no Congresso e o número de prefeitos. Mais uma vez vemos uma fala que menciona os Estados Unidos, demonstrando que o país tem um papel recorrente nos governos latinos. Por fim, a fala de Arthur deixa ainda mais claro que o *impeachment* no Paraguai aconteceu de forma semelhante ao processo do Brasil: “O Partido Liberal do vice-presidente rompeu com Lugo. Cinco dias depois o processo de *impeachment* é aceito na câmara dos deputados.” Ao comparar antes o Partido Liberal com o PMDB fica claro que as situações são parecidas, porque ambos os partidos são históricos e o rompimento com eles desencadeia na abertura do processo de *impeachment*.

Depois da fala do entrevistado Vilalba faz um adendo: *A Constituição paraguaia permite que o presidente pode ser impedido por mau desempenho*. O quadrinista coloca o trecho para mostrar a divergência com Constituição brasileira, o que justifica o número maior de presidentes impedidos no Paraguai. Vilalba continua com: *Voltamos para 2016: Brasil, Michel Temer, PMDB, no dia 12 de maio assume interinamente a Presidência da República*. Com *voltamos para 2016*, o autor demonstra que parte da reportagem sobre o Paraguai era um parênteses para explicar um episódio da política semelhante ao do Brasil. A disposição das palavras *Brasil, Michel Temer, PMDB* é uma forma de Vilalba situar o leitor para o último quadro.

Vilalba recorta trechos do pronunciamento feito por Temer em 12 de maio de 2016. O discurso de Temer é liberal e voltado para o mercado. O título do quadrinho “O Velho Novo Liberalismo” remete a esse discurso de Temer e mostra como liberalismo vivido nos anos 90 no Brasil, volta à tona depois do *impeachment* de Dilma. Vilalba dispõe as caixas de texto logo abaixo dos balões, como se estivesse respondendo ao discurso de Temer. Ele fala que: *Ao lado de um ministério de homens brancos, que... em pouco mais de um mês de governo, já teve três integrantes afastados por suspeitas de corrupção*. O quadrinista cutuca a ausência de representatividade nos ministérios e denuncia a corrupção dos aliados de Temer. Apoiadores do *impeachment* de Dilma usavam, entre outras justificativas, a de que o PT é corrupto. Vilalba quer provocar ao mostrar que os aliados do substituto dela são corruptos, ou seja, o impedimento não era para o fim da corrupção. Em baixo da fala

onde Temer destaca a necessidade de uma reforma trabalhista e da previdência, o quadrinista frisa os enfoques do governo Temer: *Terceirização, aumento da idade-mínima para a aposentadoria, cortes na educação e saúde é a tônica do governo Temer.*

Junto ao balão em que Temer tranquiliza o mercado falando sobre o Banco Central, Vilalba escreve: *O banco Central do Brasil é entregue nas mãos Ilan Goldfajn, até então, economista-chefe e sócio do Itaú Unibanco.* O autor conta quem é o indicado por Temer para mostrar que a escolha tem o objetivo de agradar o mercado. Enquanto o presidente fala que os poderes não podem sofrer interferência, o quadrinista coloca que a financeirização do capital representa *um novo modelo de garantia de poder e desmonte de governos.* Assim, ele discorda de Temer e propõe que os poderes sofrem sim interferências. Vilalba complementa com: *Inúmeras variáveis permitiram que “uma figura decorativa”, como Temer referiu-se a si mesmo, chegasse ao poder.* O autor ataca Temer com a auto-avaliação que fez em uma carta para Dilma Rousseff<sup>31</sup> e demonstra que poderia ter sido outra pessoa no lugar de Temer para colocar em prática o liberalismo. O quadrinista conclui com: *Mas seu norte é apenas um.* Indicando que o objetivo de Temer é efetivar as políticas econômicas liberais.

3) Circulação: O quadrinho foi publicado em meio impresso na edição de julho de 2016 do Le Monde Diplomatique. O jornal francês possui filial no Brasil e apresenta um perfil progressista, como exemplo deixo um editorial publicado em 30 de agosto de 2017, em que o jornal prevê a possibilidade de um novo golpe para que o ex-presidente Lula não pudesse concorrer nas eleições de 2018<sup>32</sup>. Por se tratar de um jornal mensal e impresso (mantém versão *online* disponível), e com reportagens de maior fôlego, em comparação com o jornalismo diário, subentende-se que a leitura seja feita com mais calma pelo público, porque é necessário reservar um tempo para ler o jornal. O tema da reportagem produzida por Vilalba encontra-se em conformidade com a linha editorial do jornal e não representa uma ruptura com o que o leitor do Le Monde está habituado a ler. É possível observar até mesmo uma mudança de tom no

---

<sup>31</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>

<sup>32</sup> <https://diplomatique.org.br/vem-ai-um-novo-golpe/>

texto de Vilalba nesse quadrinho, percebendo a influência do meio de publicação na obra.

4) Relação de Poder: A pauta é de esquerda e fica evidenciado pela forma como o liberalismo é tratado. Possui um tom mais ácido e com críticas à direita e ao liberalismo. Vilalba possui o espaço de duas páginas, e com mais espaço ele consegue ir a fundo no tema explorando diferentes períodos e governos do Brasil, realizar duas entrevistas e explicar a situação política de países latinos para contextualizar as tentativas de golpe na América Latina.

#### 4.4 AMIGO SECRETO

A reportagem em quadrinhos analisada chama-se “Amigo Secreto” e investiga uma possível antiga relação de amizade entre Eduardo Cunha e Michel Temer. Para publicação no portal online da Folha de São Paulo, a HQ foi transformada em animação e saiu em formato de vídeo na plataforma da TV Folha, em 23 de julho de 2017. O vídeo adaptado com base no quadrinho “Amigo Secreto” saiu com o título “Possível delação de Cunha preocupa Temer; animação lembra trajetórias”.

FIGURA 11 – AMIGO SECRETO 1



FONTE: Robson Vilalba (2018).

A animação é acompanhada de um texto, no site da Folha de São Paulo<sup>33</sup>, que detalha algumas informações contidas no quadrinho e no final explica que a animação foi roteirizada e desenhada por Robson Vilalba.

Há uma diferença de sentido no nome do quadrinho dado por Vilalba e no título do site da Folha de São Paulo. “Amigo Secreto” dá indícios de que Cunha e Temer mantêm uma amizade escondida. Já “Possível delação de Cunha preocupa Temer; animação lembra trajetórias” está fundamentada no fato de que Cunha pode dar informações que comprometam Temer na delação. Essa informação também aparece no final do texto que acompanha a animação no site da Folha de São Paulo. Eles explicam que o conteúdo da animação “relembra as ligações nas trajetórias políticas e Temer e de Cunha para mostrar porque uma possível delação do ex-deputado preocupa o presidente”<sup>34</sup>.

<sup>33</sup>[https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembra-trajetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2\\_mtTh8V81zKwSmIik4Px0n9OD\\_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E](https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembra-trajetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2_mtTh8V81zKwSmIik4Px0n9OD_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E)

<sup>34</sup>[https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembra-trajetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2\\_mtTh8V81zKwSmIik4Px0n9OD\\_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E](https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembra-trajetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2_mtTh8V81zKwSmIik4Px0n9OD_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E)

1) Semiótica: O quadrinho como um todo chama a atenção pela sombreadade. Essa HQ é bastante diferente das analisadas anteriormente. A paleta de cores abrange uma escala de cinza chegando próximo de alguns tons de azul escuro e isso dá um toque obscuro para a obra. O autor também utiliza um traço diferente das outras HQs, e há um sombreamento melhor dos rostos. Cunha e Temer sempre aparecem pintados e numa paleta de cores parecida, com expressões faciais definidas, enquanto outros personagens aparecem em tons mais claros ou somente contornados. A maneira como o quadrinista ilustra Cunha e Temer é uma forma de aproximá-los.

O primeiro quadrinho apresenta Temer em primeiro plano e de perfil. Cunha aparece de frente e em segundo plano, como se estivesse na sombra de Temer. O quadrinho é produzido com tons bem escuros e ilustra essa obscuridade sobre relação dos dois. Mantendo a mesma estética, no segundo quadrinho Eduardo Cunha está preso e lê um livro. O quadrinho ilustra o encarceramento do ex-deputado e remete a delação que pode comprometer Temer de alguma forma. Seguindo para a linha de baixo, o quadrinho tem um plano geral com Michel Temer falando no microfone ao lado de Ademar de Barros. Neste quadrinho ocorre a predominância do branco e quase todos os políticos estão desenhados apenas com os contornos. Há presença de militares, que Vilalba insere no quadro para exemplificar que Temer começa sua carreira política (1984) durante o regime militar. Temer ganha destaque na cena por ser único a estar pintado, o detalhe é que apenas a cabeça e as mãos foram coloridas. Além de Temer, Ademar de Barros é o único que aparece com as expressões desenhadas, desta forma dá a entender que a construção da hierarquia é defendida pela nitidez e detalhes inseridos em cada personagem.

O quadro na sequência tem características semelhantes ao anterior. Garotinho aparece em primeiro plano e do lado direito da cena, apenas com os contornos desenhados. Cunha está à esquerda do quadro e em segundo plano. O rosto do ex-deputado está pintado em tons de cinza e sua aparência é de jovem. Eduardo Cunha aparece como uma sombra de Garotinho, dando a entender que ele é uma espécie de espectro que orienta as ações daquele que está em primeiro plano. O quadro seguinte apresenta tons escuros e contém Temer e Sarney frente a frente no primeiro plano. Sarney está com a mão no ombro de Michel, dando a sensação de que o apoia.

O quadrinho também tem o sentido de mostrar a proximidade entre os dois, ambos são nomes importantes dentro do PMDB.

2) Análise da Expressão: A primeira caixa de texto começa com: *“Michel é Eduardo Cunha”, diz Romero Jucá na gravação feita pelo ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado.* Vilalba escolhe começar com um episódio marcante na política em 2016<sup>35</sup>, que foi a divulgação da conversa gravada entre Jucá e Machado. Com esse trecho o quadrinista demonstra a proximidade entre Cunha e Temer sob a ótica de uma pessoa próxima a eles. No quadro seguinte as caixas de texto continuam com: *A acusação de Joesley Batista de que Michel Temer teria dado anuência para a compra do silêncio de Cunha remonta a uma cena antiga: Cunha Vivendo à sombra de Temer. Ou o contrário.* Vilalba fala da compra do silêncio de Cunha por meio do empresário Joesley Batista para questionar quem está na sombra de quem. No primeiro quadro Cunha estaria na sombra de Temer, porém com o risco de uma delação premiada por parte de Eduardo, a situação pode estar invertida. Ainda no mesmo quadro há o texto: *Na carreira política, em comum, carregam o fato de terem chegado ao poder após conquistarem a suplência em eleições.* Esse trecho é mais uma forma de aproximar os dois e compará-los, exemplificando que ambos chegaram ao poder da mesma forma.

O quadro na linha inferior começa com: *Temer entrou no PMDB apadrinhado por Ademar de Barros e Franco Montoro, assumindo a pasta da Segurança Pública em 1984.* Na publicação no site da Folha de São Paulo há uma errata para esse trecho informando que na verdade Michel Temer não entrou no PMDB apadrinhado por Ademar de Barros, mas sim na vida pública<sup>36</sup>. A sigla do partido está em negrito, gerando um foco de atenção durante a leitura. No mesmo quadro Vilalba explica o início da carreira política de Cunha: *Pelas mãos de Francisco da Silva, ex-líder da bancada evangélica do Rio, Cunha ingressou no governo Anthony Garotinho e, em seguida, em 2003, para o partido ao qual Garotinho pertencia na época, o PMDB.*

---

<sup>35</sup><http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/leia-os-trechos-dos-dialogos-entre-romero-juca-e-sergio-machado.html>

<sup>36</sup>[https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembratrazetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2\\_mtTh8V81zKwSmIIK4Px0n9OD\\_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsM AR9E](https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembratrazetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2_mtTh8V81zKwSmIIK4Px0n9OD_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsM AR9E)

Vilalba estabelece uma relação entre as duas caixas de texto ao explicar no mesmo quadro o início na política de Cunha e Temer. O quadrinista usa um aposto para explicar quem é Francisco da Silva e assim dar ênfase a relação que Cunha mantém com a igreja evangélica.

O autor continua relatando o início da carreira de Cunha: Anthony Garotinho era um dos comandantes do PMDB do Rio, e Cunha, um líder informal. O gosto por fundos de pensão e a capacidade de resistir a escândalos alçavam Cunha como um novo líder do PMDB. Quanto aos fundos de pensão, Vilalba se refere ao esquema de Cunha com a previdência da Cedae<sup>37</sup>. Cunha manteve convênio entre o governo do Rio de Janeiro e a Caixa Econômica Federal. Isso permitiu que o ex-deputado realizasse loteamento de cargos na diretoria e no Conselho Deliberativo da Cedae<sup>38</sup> e da Prece<sup>39</sup>. O quadrinista afirma que Cunha tem a capacidade de resistir a escândalos e exemplifica com o caso dos fundos de pensão que reduziu o patrimônio da previdência da Cedae. Vilalba mantém em negrito o PMDB e coloca que as lideranças do partido precisam dessa capacidade de escapar dos escândalos, e nisso entram as manobras políticas realizadas pelos políticos do partido para escaparem desses escândalos.

O último quadro dessa linha volta a falar de Temer: A astúcia em costurar alianças garantiu a Temer a presidência do PMDB (2001 a 2016). Em 2005, Temer integrava ala do partido que tentava deixar o governo Lula, após o escândalo do mensalão. O PMDB falava até em candidatura própria. Robson Vilalba traça uma característica de Temer, a de fazer alianças. Vide que o mesmo alcançou a presidência por firmar acordo com o PT e pegar a vice-presidência, o que lhe garantiu a presidência do país com o impeachment de Dilma. Ao falar de alianças, o quadrinho mostra Sarney e Temer muito próximos. O quadrinista também coloca o trecho sobre o rompimento do PMDB com PT devido ao escândalo de mensalão e demonstra a incoerência de Temer, pois ele queria o afastamento entre os partidos, mas foi vice-presidente na chapa com a Dilma. O autor fecha o quadro falando que PMDB pensou

---

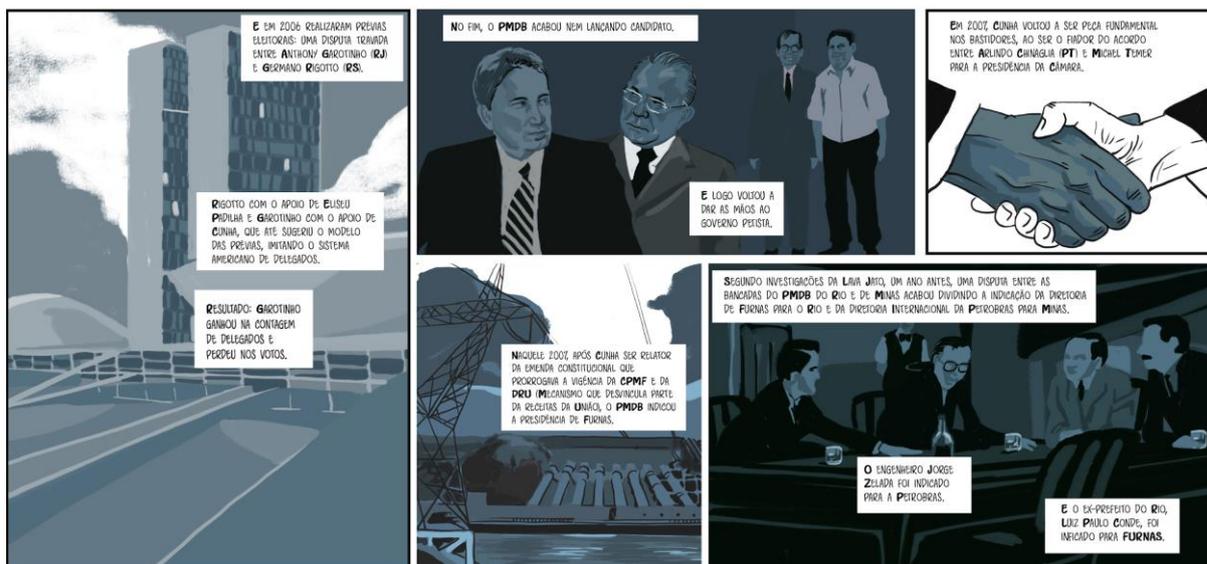
<sup>37</sup><https://oglobo.globo.com/brasil/esquema-de-cunha-no-fundo-de-pensao-da-cedae-bancou-escola-do-crime-para-atuar-em-operacoes-suspeitas-21598228>

<sup>38</sup> Companhia Estadual de Águas e Esgostos.

<sup>39</sup>Previdência complementar da Cedae.

até em candidatura própria, algo raro no partido, por isso ele utiliza a palavra até, demonstrando que o PMDB tem seu poder devido às alianças.

FIGURA 12 – AMIGO SECRETO 2



FONTE: Robson Vilalba (2018).

1) Semiótica: O primeiro quadro desse trecho apresenta maiores proporções verticais e ilustra o Congresso Nacional, casa da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, cenário onde Temer e Cunha já atuaram. A paleta de cores dá um toque nebuloso ao congresso. O próximo quadro ilustra em primeiro plano dois políticos do PMDB: Germano Rigotto à esquerda e Eliseu Padilha à direita. Em segundo plano aparecem outros dois políticos, mas menos reconhecíveis. O texto do quadro anterior explica que Rigotto havia ganhado as prévias dentro do PMDB para concorrer à presidência, por isso aparece em primeiro plano com Eliseu Padilha, seu apoiador.

O próximo quadro ilustra em detalhe um aperto de mãos, simbolizando o acordo firmado entre PT e PMDB. Uma das mãos está em escala de cinza representando o PMDB. O próximo quadro ilustra a Hidrelétrica de Furnas em um plano aberto e em tons de cinza e azul escuro. Na sequência Vilalba desenha uma situação aparente de reunião. O plano é aberto e aparecem quatro homens sentados à mesa, diante deles há copos e uma garrafa. É possível reconhecer uma das pessoas como Luiz Paulo Conde, citado na caixa de texto.

2) Análise da Expressão: O trecho começa com: E em 2016 realizaram prévias eleitorais: uma disputa travada entre Anthony Garotinho (RJ) e Germano Rigotto (RS). Rigotto com o apoio de Eliseu Padilha e Garotinho com o apoio de Cunha, que até sugeriu o modelo de prévias, imitando o sistema americano de delegados. Resultado: Garotinho ganhou na contagem de delegados e perdeu nos votos. Robson Vilalba informa quais os candidatos que disputaram as prévias do partido e os políticos que estavam apoiando. Ele insere um aposto para explicar que o modelo de prévias foi sugerido por Cunha imitando o sistema americano. Ele opta por informar o resultado através do desempenho de Garotinho, apoiado por Cunha, e começa falando que Garotinho ganhou na contagem de delegados e perdeu nos votos, dando indícios do fracasso gerado pelo apoio de Cunha.

O quadro seguinte continua explicando sobre a possível candidatura do partido: *No fim, o PMDB acabou nem lançando candidato.* Essa frase demonstra que Vilalba exemplifica a forma de atuação política do PMDB. Eles não estão interessados em chegar ao poder pelo voto popular. O jogo político do partido envolve o fechamento de alianças e como já mencionado por Vilalba Cunha e Temer chegaram ao poder através da suplência em eleições. A frase seguinte é: *E logo voltou a dar as mãos ao governo petista,* representando o modelo político do partido. Alguns quadrinhos anteriores a este, Vilalba menciona que uma ala do PMDB queria romper com o PT, porém nessa cena ele demonstra como o partido volta atrás ao perceber que poderiam não alcançar o poder através de eleições para a presidência da República. No quadro seguinte, Vilalba escreve: *Em 2007, Cunha voltou a ser peça fundamental nos bastidores, ao ser o fiador do acordo entre Arlindo Chinaglia (PT) e Michel Temer para a presidência da Câmara.* O trecho faz referência a proximidade de Cunha e Temer. Vilalba usa a palavra *bastidores* para dar o sentido de que Cunha realiza acordos e alianças de maneira escusa.

No próximo quadro o texto diz: *Naquele 2007, após Cunha ser relator da emenda constitucional que prorrogava a vigência da CPMF e da DRU (Mecanismo que desvincula parte das receitas da União), o PMDB indicou a presidência de Furnas.* Vilalba começa com *Naquele 2007,* para mostrar que é o mesmo ano em que Cunha interviu para aliança entre Chinaglia e Temer, e que ele também foi relator da emenda da CPMF e da DRU, mostrando a influência que Cunha já tinha como deputado. O autor também relaciona o papel de Cunha como relator com o PMDB fazendo a indicação de Furnas.

O quadro que vem na sequência é uma continuação para explicar as indicações: Segundo investigações da Lava Jato, um ano antes, uma disputa entre as bancadas do PMDB do Rio e de Minas acabou dividindo a indicação da diretoria de Furnas para o Rio e da diretoria internacional da Petrobras para Minas. O quadrinista começa inserindo a fonte de onde tirou a informação contida na caixa de texto e exemplifica o poder do PMDB citando as nomeações de cargos importantes que o partido faz.

FIGURA 13 – AMIGO SECRETO 3



FONTE: Robson Vilalba (2018).

1) Semiótica: A última parte começa com um quadrinho verticalizado. A cena mostra Eduardo Cunha sentado dentro de uma cela. Ele aparece segurando um livro e olha para o horizonte. A forma como Cunha olha para o extracampo do quadrinho, sua posição arcada e luz direcionada de cima, iluminando pela janela da cela dão a impressão de que ele está pensativo. A paleta escura de cores e a altura da cela dão a sensação de que o espaço é grande e a impressão de que Cunha está solitário. O texto trata de perguntas feitas por Cunha em 2016, quando já estava preso, para Temer. A forma que Cunha foi retratado por Vilalba faz parecer que Cunha está refletindo para formular as perguntas para Michel Temer.

O próximo quadro não tem as linhas que delimitam o quadrinho e mostra policiais com traje tático, no fundo branco. Servem de ilustração para a Operação Caixa de Pandora mencionada no texto. O quadro que vem na sequência é composto por dois quadrinhos menores. As cenas mostram o empresário Alcyr Duarte recebendo dinheiro do ex-secretário de Relações Institucionais do Distrito Federal Durval Barbosa<sup>40</sup>. As ilustrações reproduzem com fidelidade trechos do vídeo. Os dois quadrinhos são desenhados na sequência para dar a sensação de movimento.

O próximo quadrinho mostra Temer em primeiro plano com um sorriso e mão levantada enquanto fala bem de Cunha. A expressão dele é de quem está feliz ao falar de Cunha. O quadro que vem na sequência é bastante escuro retratando duas pessoas em uma sala com janela fechada. Um dos homens está de pé em frente ao outro que está sentado e na penumbra, aparecendo somente a silhueta. A cena representa José Yunes, ex-assessor de Temer, recebendo um pacote com dinheiro a pedido de José Padilha<sup>41</sup>. A escuridão da cena e somente a silhueta de um dos personagens representam a ilegalidade da ação. Quem entrega o dinheiro é o doleiro Lúcio Funaro representado no quadrinho que vem na sequência.

Funaro é representado em primeiro plano. O doleiro aparece em fundo escuro e com fonte de luz exclusiva que ilumina a parte esquerda de seu rosto. A porção direita da face de Funaro fica escura e a forma como Vilalba ilumina a cena dá sombriedade para a fala de Funaro. O balão fala sobre a compra de votos para a eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara. Vilalba escolhe dar um tom obscuro a esse fala.

O último quadro ilustra Temer com cores sombrias em um fundo escuro. Ele aparece em primeiro plano e a iluminação vem de cima, deixando a parte inferior do rosto mais escura. O quadrinho representa que Temer pode estar sozinho e sua expressão é de quem está apreensivo, possivelmente com a delação de Cunha.

2) Análise da Expressão: O trecho inicia com o texto: No final de 2016, Cunha, já na prisão, escreveu a Temer fazendo algumas perguntas que parecem dar pistas da proximidade dos caminhos dos dois. Vilalba anuncia que trará evidência sobre a

---

<sup>40</sup><https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,video-mostra-empresario-do-df-guardando-dinheiro-na-cueca,474576>

<sup>41</sup><https://veja.abril.com.br/brasil/jose-yunes-ele-pediu-essa-gentileza-para-mim/>

proximidade entre Temer e Cunha. Ele também usa um aposto para explicar que no momento da carta Cunha já estava preso, portanto a pergunta e o conteúdo da resposta podem envolver a possível delação de Cunha. O quadrinista abre aspas da carta: “Vossa excelência tem conhecimento se na coordenação do Rio de Janeiro, coordenada pelo Sr. Eduardo Cunha, coube a indicação do ex-prefeito, ex-vice-governador do Rio de Janeiro e à época secretário de estado da cultura do Rio de Janeiro, Sr. Luiz Paulo Conde, para a presidência de Furnas? “Vossa excelência recebeu o Sr. Jorge Zelada alguma vez na sua residência em São Paulo/SP?” O trecho remete ao quadrinho anterior sobre as indicações de Jorge Zelada e Luiz Paulo Conde. Como coloca o próprio autor as perguntas dão pistas da proximidade de Cunha e Temer e servem de indícios para realizar hipóteses sobre a relação dos dois.

O quadro seguinte começa com: Mas só em 2009 Temer e Cunha tiveram os nomes diretamente relacionados. A Polícia Federal descobriu um esquema de mensalão comandado pelo Democratas em Brasília, a Operação Caixa de Pandora. O quadrinista data o exato momento onde Cunha e Temer aparecem juntos em um escândalo de corrupção, até então é como se a relação dos dois fosse mantida apenas nos bastidores. Na sequência, Vilalba ilustra melhor a situação: Em um vídeo o ex-secretário de Relações Institucionais do Distrito Federal Durval Barbosa e o empresário Alcyr Collaço, dono do jornal Tribuna do Brasil, aparecem conversando sobre pagamento de propina a políticos do alto escalão do PMDB, entre eles: Temer e Cunha. Ambos negam envolvimento no caso. Robson Vilalba não menciona que Alcyr Collaço recebe dinheiro no vídeo, coloca apenas que o empresário conversava sobre o pagamento de propina para o alto escalão do PMDB. Porém, ele faz ilustração de Alcyr colocando o dinheiro na cueca. Vilalba também insere a informação de que Temer e Cunha negam o envolvimento no caso, deixando espaço para a fala dos acusados. O quadrinista quer demonstrar que a relação de Temer e Cunha é antiga.

No final do mesmo quadro, o autor escreve: Em 2010, Temer foi cogitado como vice na chapa com Dilma para presidente; alguns aliados da petista viram com maus olhos, principalmente pela forte associação ao nome de Cunha. Vilalba demonstra que Cunha já era mal visto antes das eleições de 2010 por parte da classe política. A palavra forte dá uma maior ênfase nessa relação.

No quadro seguinte Vilalba insere uma fala de Temer sobre Cunha publicada em 2010 em um perfil de Michel na revista Piauí: “É competente, trabalhador, dedicado e tem uma inteligência privilegiada. Não vou me impressionar com as críticas a ele

porque teria que me impressionar com as feitas a todos os outros.” O quadrinista utiliza a fala para mostrar como Cunha era visto com bons olhos por Temer e dar mais indícios sobre a relação dos dois. A caixa de texto no final do quadrinho diz: *Em 2015 Cunha alcançou o ápice da sua carreira política: presidente da Câmara dos Deputados. Pouco mais de um ano depois, em 2016, foi a vez de Michel Temer chegar ao topo: presidente do Brasil.* Vilalba estabelece uma relação entre o ápice da carreira de Cunha e de Temer, como se a presença de Cunha na presidência da Câmara possa ter interferido para que Temer chegasse à presidência.

Na sequência o quadrinista escreve: Em 2017, em uma entrevista à revista *Veja*, José Yunes, amigo de Temer, disse que em setembro de 2014 Padilha havia solicitado a ele um favor: receber um documento. Nessa fala é importante o aposto inserido por Vilalba depois do nome de Yunes para explicar que este é amigo de Temer, o autor quer associar os dois e colocar Temer dentro do esquema. No quadro seguinte, continua com: Yunes teria recebido em seu escritório de advocacia, em São Paulo, Lúcio Funaro, que teria lhe dito. Dessa vez o autor usa um verbo no futuro do pretérito, ou seja, ele não afirma com certeza o que foi dito, deixando uma dúvida sobre a fala de Funaro. O balão de Funaro diz: “Estamos financiando 140 deputados... porque vamos fazer o Eduardo presidente da casa.” Vilalba insere a fala do doleiro para contextualizar os procedimentos que elegeram Eduardo Cunha presidente da Câmara.

O próximo texto aparece entre os quadrinhos, como se um parênteses: Em outra das perguntas de Cunha, enviadas a Temer, surge o nome de Yunes: “O Sr. Yunes recebeu alguma contribuição de campanha para alguma eleição de Vossa Excelência ou do PMDB?” Padilha e Temer negam a história. O autor reforça a ideia da participação de Temer no esquema ao inserir a pergunta feita por Cunha. Também dá espaço para a defesa de Michel Temer e Eliseu Padilha colocando que os dois negam a história.

Por fim o último quadrinho deixa a interpretação em aberto para o leitor: *Hoje, Temer parece cada vez mais só. Se Cunha e Temer são amigos? Ninguém afirma com certeza.* Robson Vilalba começa por afirmar que Temer parece estar cada vez mais sozinho, alguém que está perdendo os aliados. Ele dá indícios da proximidade entre eles com várias evidências durante o quadrinho, mas deixa em aberto no final respondendo a própria pergunta com *Ninguém afirma com certeza.* A pergunta *Se Cunha e Temer são amigos?* remete ao presente e a resposta demonstra que a

relação dos dois anda conturbada, principalmente pela possibilidade de uma delação de Cunha na época. Cunha não quis fechar acordo com a Procuradoria Geral da República e a delação nunca aconteceu<sup>42</sup>, mas como sugere o título da publicação na Folha de São Paulo, a possível delação de Cunha preocupou Temer.

3) Circulação: A obra de Vilalba foi transformada em animação para o site do jornal Folha de São Paulo<sup>43</sup>. O quadrinho circulou somente em meio online. O editorial do jornal defende tanto pautas tidas como de esquerda, quanto pautas tidas como de direita. Como exemplo, o editorial é contra a pena de morte e a redução da maioria penal, mas é a favor do aumento da privatização de empresas estatais<sup>44</sup>. O editorial selecionado é de 18 de fevereiro de 2018. Durante as eleições o jornal foi atribuído mais à esquerda pelas reportagens produzidas contra o então candidato Jair Bolsonaro<sup>45</sup>.

O tom da reportagem não representa uma ruptura com a linha editorial do jornal. Como já dito antes, a obra de Vilalba foi animada e transformada em vídeo para circulação no site. O que representa outro formato e uma interação diferente com o público do que a pensada inicialmente por Vilalba. O vídeo tem pequenas alterações no roteiro para adaptação e o conteúdo em suma é o mesmo.

4) Relação de Poder: Vilalba coloca em pauta a relação entre Temer e Cunha investigando a carreira política de ambos. Com a prisão de Cunha, o presidente da República Michel Temer manteve distância do até então aliado<sup>46</sup>. O quadrinista quer entender porque esse distanciamento e qual relação eles mantinham, porque os dois são políticos do alto escalão do PMDB. Vilalba dá diversos indícios sobre a

---

<sup>42</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1931796-esquece-diz-cunha-sobre-tentativa-de-fechar-delacao-com-a-pgr.shtml>

<sup>43</sup>[https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembratrazetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2\\_mtTh8V81zKwSmIIK4Px0n9OD\\_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E](https://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/07/1903595-possivel-delacao-de-cunha-preocupa-temer-animacao-lembratrazetorias.shtml?fbclid=IwAR3BTL2_mtTh8V81zKwSmIIK4Px0n9OD_DMpmsCAjYob9bw3TPK4FsMAR9E)

<sup>44</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/o-que-a-folha-pensa.shtml>

<sup>45</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>

<sup>46</sup><https://extra.globo.com/noticias/brasil/planalto-quer-manter-distancia-de-cunha-nao-deve-comentar-prisao-dizem-fontes-20315602.html>

proximidade de Cunha e Temer, porém no final, ele usa de seu poder como formador de opinião, com espaço na mídia, para dar poder de interpretação ao público, deixando o final em aberto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do extenso processo de análise dos quadrinhos, da entrevista em profundidade e das rodas de percepção alguns pontos ficaram claros quanto à construção da linguagem do jornalismo em quadrinhos. As reportagens em quadrinhos diferem do cartum e da charge, por se manterem mais sérias e densas. Porém, ainda são observados traços de humor na obra de Vilalba, representados através de ironias. Ponto este que percebi como pesquisador durante a análise, também foi confirmado pelo autor na entrevista e comentado por parte do público. Transpor características próprias para a obra conta no artigo de Pais (2013), que fala que os quadrinistas se projetam em seus trabalhos. Ainda referente a ironia, também se aplicam as colocações de Ostrower (2013), sobre processos criativos que interligam aspectos da personalidade e história do autor com condições externas, atribuindo assim significados.

Por trabalhar com uma linguagem que alia imagem com texto, Robson Vilalba tem uma possibilidade única de unir subjetividade com informação. O texto se atenta aos fatos, enquanto a opinião do autor é representada através do desenho. Em entrevista Vilalba falou que seu posicionamento ideológico está na escolha da pauta, buscando temas que ele acredita ser de esquerda. Durante a análise constatei que o quadrinista tenta se manter fiel aos fatos e guarda a subjetividade para as imagens. A reportagem “O velho novo liberalismo” destoa das outras, porque nesta o autor tem um texto mais posicionado do que nos outros. Na entrevista ele conta que isso aconteceu porque os editores da *Le Monde Diplomatique* pediram que ele soltasse mais seu posicionamento no texto. Inclusive um estudante de jornalismo percebeu o posicionamento do autor através da palavra “presidenta”. Para o aluno esse termo representa um posicionamento de esquerda.

Quando realiza entrevistas em suas reportagens, o autor se coloca no quadrinho. Ele me explicou que a ideia é como se o leitor acompanhasse ele fazendo a história outra colocação do autor que explicaria essa postura é quando ele comenta a necessidade de imersão no tema e estar dentro da HQ pode ser uma forma de transparecer isso com mais propriedade. Por isso, um estudante de jornalismo foi capaz de elaborar o comentário que isso é uma forma de autor se colocar no contexto que ele tá explicando, pra dizer que também faz parte daquilo. Em minha análise

também considero que é uma tentativa do autor de se inserir na história e mostrar para o leitor que ele está tentando compreender algo em que está inserido.

Foi percebido uma diferença entre a recepção dos alunos de Artes e Visuais e os de Comunicação. Parte dos estudantes de Artes consideraram um problema a quantidade de texto e acharam a linguagem difícil. Reclamaram que era cansativo e complicado ler na sala, sem calma, e ainda manter a concentração. Embora, no geral tenham gostado das ilustrações, falaram mais sobre as sensações que as cores trazem. Já os alunos de Comunicação se mostraram menos críticos e tiveram uma resposta mais positiva aos quadrinhos. Gostaram da profundidade das reportagens, e alguns comentaram que por aliar o texto jornalístico com as ilustrações, o jornalismo em quadrinhos torna-se uma fonte privilegiada para compreender um contexto, uma forma criativa de contar uma história.

A hipótese de que os quadrinhos podem ter um maior alcance devido a linguagem mais fácil foi derrubada por uma aluna de Artes Visuais, que considerou o texto de difícil leitura. Os estudantes de comunicação não fizeram essa observação. Algumas observações sobre as cores nos quadrinhos de Vilalba foram unânimes. Em “Eduardo Cunha tem um plano” as cores foram vistas como uma forma de dar uma frieza para o quadrinho. Tanto em minha análise, quanto para o autor e o público a intenção foi representar um período nebuloso do Brasil. No quadrinho “Precisamos falar sobre o lulismo” foi percebido que o autor quis representação situação e oposição com as cores. Essa constatação se repetiu na minha análise e visão do público.

No geral foi visto que as cores causam sensações nos quadrinhos, como visto durante minha análise e na recepção do público. A intenção de causar sensações no leitor é confirmada por Vilalba na entrevista. O uso da luz e da sombra também é percebido como uma forma de causar uma interpretação dos personagens. No último quadro de “Amigo Secreto”, parte do público comentou que o autor quer dar um tom sombrio a Temer, bem como o último quadro de “Eduardo Cunha tem um plano” em que o político parece com um vilão. O autor falou que a intenção é que eles não precisem falar para demonstrar suas intenções. Sobre o Cunha, um aluno de jornalismo, e eu também durante a análise, percebemos uma semelhança com o Coringa, vilão do Batman.

Outro ponto percebido é que o quadrinista costuma deixar os finais em aberto. Isso demonstra que Vilalba quer abrir a interpretação sobre o episódio que ele está

retratando para o leitor. O público percebeu essa forma do autor concluir suas reportagens. Vilalba falou que o objetivo é que o leitor conclua a história.

Mesmo que não diretamente ligados, nas três frentes de pesquisa foram considerados que os quadrinhos analisados constituem uma narrativa. O autor explicou que para ele os quadrinhos são uma narrativa, mas não linear. Elas precisam que alguns buracos sejam tapados para que se tornem a narrativa linear. Mas, mesmo assim, elas representam a história de um período do Brasil. Baseado no artigo da pesquisadora Fabiana Bruno (2010), constatei que as escolhas de Vilalba narram uma história mesclada, pessoal e nacional.

Vilalba demonstrou um cuidado com os detalhes em seus quadrinhos, desde a representações dos cenários até a expressão no rosto dos personagens. O autor usa essa habilidade para representar sentimentos através das expressões faciais dos personagens, assim não precisando descrever nas caixas de texto as emoções que o quadrinista quer representar. Durante a análise de conteúdo percebi esse artifício e ele também apareceu nas falas dos estudantes durante os visionamentos.

Um tópico levantado pelos alunos de Comunicação é de que mesmo em uma página (ou duas) os quadrinhos possuem fôlego e conseguem se aprofundar num tema. Baseado nos resultados obtidos, concluo que a linguagem do jornalismo em quadrinhos se impõe como forma privilegiada de compreensão da realidade ao unir um texto com aprofundamento, e essencialmente jornalístico, em conjunto com a imagem construída mais subjetivamente, que auxilia no processo de interpretação. As cores têm um papel fundamental em causar sensações no público e a forma de conclusão em aberto pelo autor convida o leitor a terminar a história e continuar pesquisando sobre o tema. As pautas tratadas por Vilalba são de extrema relevância para entender o contexto político nacional e, apesar de recentes, já representam um episódio da História do Brasil.

A pesquisa aqui apresentada abre novas frentes de estudo que se desvelaram com as análises iniciais realizadas, indicando novos objetos e espaços para pesquisa em Comunicação e Artes. Seria interessante um trabalho de grupo focal, com uma amostragem maior e que representasse melhor as classes da sociedade, a fim de descobrir como percepção e a recepção acontece em diferentes níveis sociais e faixas etárias. Para articular cursos do Setor de Artes Comunicação e Design a partir da pesquisa acadêmica, acabamos optando por ficar dentro do universo acadêmico ao realizar as rodas de percepção. Nesse contexto já foi possível observado uma grande

discrepância entre a recepção dos estudantes de Comunicação e Artes Visuais, porém a amostra reflete uma pequena parcela da população brasileira e também uma pequena parcela mesmo dentro do universo acadêmico, são resultados e análises iniciais para um vasto campo de pesquisa.

Sempre serão necessárias pesquisas que busquem compreender novas formas de se fazer jornalismo e contar histórias. O humor visual é pouco explorado, mas deixo minha pequena contribuição para o campo e pretendo voltar a trabalhar com o tema que despertou o pesquisador dentro de mim.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Eveline. **Processos criativos na produção fílmica de jovens de Sapopemba, periferia da Zona Leste de São Paulo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 173. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. 226 p.
- BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio da França. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2009. 95 p.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 314 p. Disponível em: <[http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_O\\_poder\\_simb%C3%B3lico.pdf](http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- BRÍGIDO, Edimar. Michel Foucault: Uma Análise do Poder. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/direitoeconomico-12702.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2018.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. ANÁLISE DE CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000/10871>>. Acesso em: 27 set. 2018.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 380 p.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde Soc. São Paulo**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n3/0104-1290-sausoc-23-3-0979.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2018.
- FONTANARI, Rodrigo. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n. 31, p. 144-155, abr. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26ª. ed. São Paulo: Graal, 2013.
- LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, humor e caricatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**: Ensaio de antropologia. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2013 (1977).

OSTROWER, Fayga. **Palestra de fayga ostrower na exposição 'käthe kollwitz: uma vida e obra', paço imperial, rio de janeiro, outubro de 1988**. Disponível em: <<https://faygaostrower.org.br/livros-e-videos/artigos-e-ensaios>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Conrad, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2008.

SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina (orgs). **Humor e riso na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro Da. Lição crítica: Roland Barthes e a semiologia do impasse. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jan./jun. 2005.

SILVA, Nadilson. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. In: INTERCOM 2001 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos...** [S.l.: s.n.], 2001. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145679190592438538598866043670438455063.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.

SOUSA, Maurício. 2017. **Maurício: a história que não está no gibi** (em depoimento a Luís Colombini). Rio de Janeiro: Primeira Pessoa.

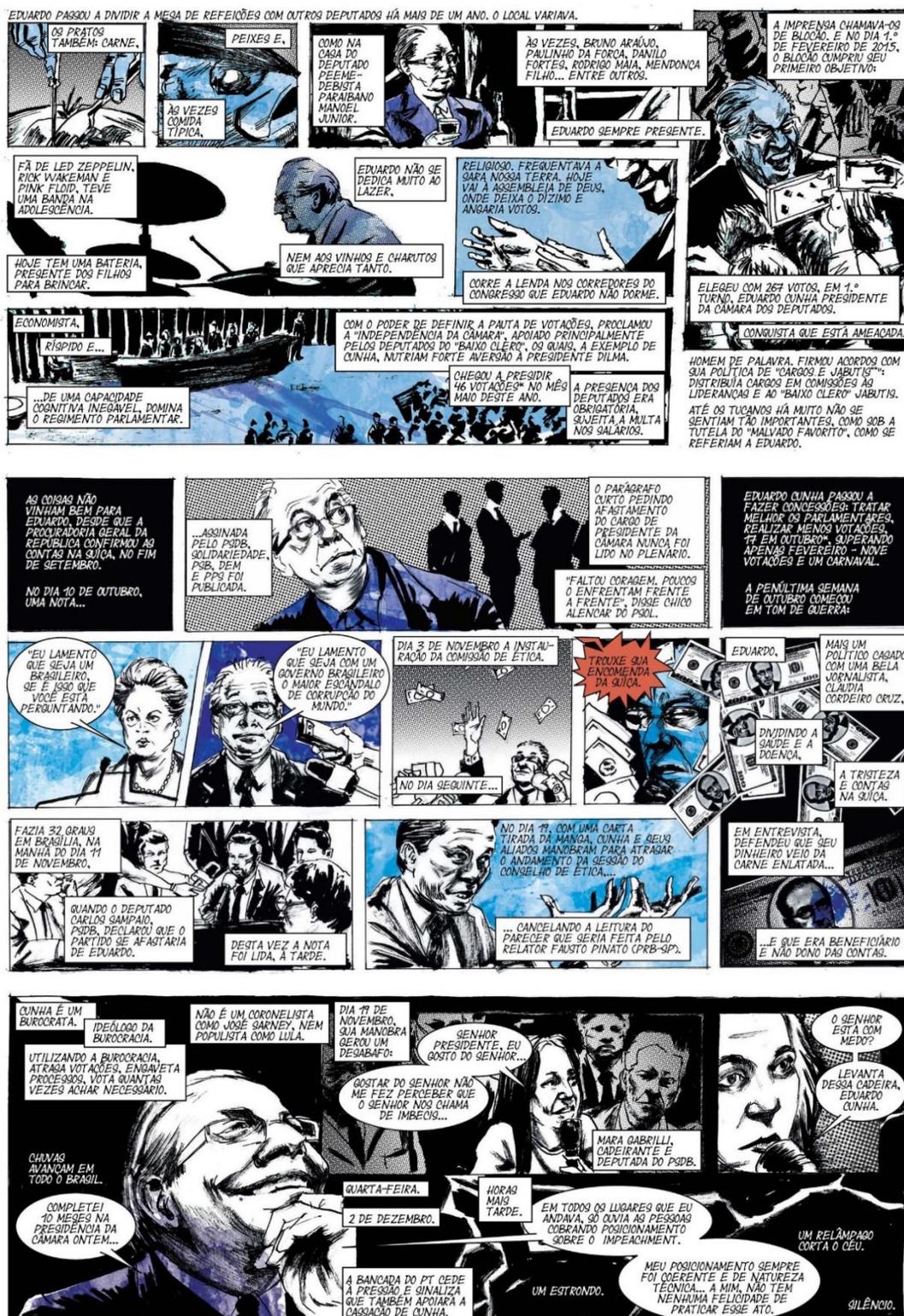
TEIXEIRA, C. **A trajetória histórica do Jornal da Paulista (1987-2003): Uma aproximação à divulgação científica**. Tese (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, p. 295. 2007.

VILALBA, Robson. **Eduardo Cunha tem um plano**. 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/quadrinhos-eduardo-cunha/index.jpp>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

VILALBA, Robson. **Precisamos falar sobre o lulismo**. 2016. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/precisamos-falar-sobre-o-lulismo/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

ZEIN, Sabrina; KNOERR, Viviane Coêlho de Séllos. MICROFÍSICA DO PODER: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA OBRA DE MICHEL FOUCAULT. In: FILOSOFIA DO DIREITO III: XVIII CONGRESSO NACIONAL DO CONPENDI, 13., 2014, João Pessoa. **MICROFÍSICA DO PODER: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA OBRA DE MICHEL FOUCAULT**. João Pessoa: [s.n.], 2014. p. 184-200. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=4739d8dbd05dddb7>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

## ANEXO 1 – EDUARDO CUNHA TEM UM PLANO

FONTE: Gazeta do Povo (2015)<sup>47</sup>

<sup>47</sup><https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/quadrinhos-eduardo-cunha/index.jsp>

## ANEXO 2 – PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO

### PRECISAMOS FALAR SOBRE O LULISMO

Numa conversa com o sociólogo Ruy Braga, professor da USP, o quadrinista Robson Vilalba procura entender qual é o papel do governo do PT na história recente do Brasil



A tentativa de decifrar o lulismo sempre deixa seu interlocutor em xeque. Qualquer movimento em falso é rotulado: "coxinha" ou "petralha".

Por um lado os votos dos mais pobres garantiram a continuidade do lulismo.

Por outro, foram os mais ricos que investiram alto na sua viabilidade.

Nas últimas eleições, Dilma Rousseff recebeu 68% dos investimentos das 10 maiores financiadoras das campanhas.

Enquanto Aécio ficou com 23% e Marina Silva com 9%.

O lulismo é esse quebra-cabeça cujas peças, ao invés de se unirem, se repelem.

Ou melhor, se unem ao se negarem.

Por meio de uma vídeo chamada, conversei com o Doutor em Sociologia, Ruy Braga (U) durante 35 minutos e 27 segundos para tentar entender...

EU IMPORTEI ESSA EXPRESSÃO DOS TRABALHADORES DO ANDRÉ SINGER.

CONCORDO COM A IDEIA DE QUE O LULISMO É UMA ESTRATÉGIA DE PACIFICAÇÃO SOCIAL.

O QUE É O LULISMO?

DE 2005 A JUNHO DE 2013, O PAÍS TEVE UM MOMENTO DE RELATIVA PACIFICAÇÃO SOCIAL.

PASSIVO, POIS AMPLOS SETORES DA CLASSE TRABALHADORA ADEREM AS POLÍTICAS PÚBLICAS PÚBLICAS: BOLSA FAMILIA, CREDITO CONSIGNADO, POSTERIORMENTE, MINHA CASA MINHA VIDA. O QUE REPRESENTOU AUMENTO DO GASTO SOCIAL DO GOVERNO.

ATIVO, POIS TEM O APOIO DE LIDERANÇAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SINDICAIS. UMA ELITE DA BUCROCRACIA SINDICAL QUE PASSOU A FAZER PARTE DO CONSELHOS DE FUNDO DE PENSÃO, ALÉM DE LIDERANÇAS MÉDIAS INCORPORADAS POR CONSELHOS DE GESTÃO, COMO OS DE SAÚDE, DE EDUCAÇÃO, ETC...

HÁ TAMBÉM UMA ARTICULAÇÃO EM ESCALA NACIONAL DE INTERESSE DE UMA BURGUESIA ASSOCIADA À ATIVIDADE DE MINERAÇÃO, ENERGIA, AGRONEGÓCIO, CONSTRUÇÃO CIVIL E DA CONSTRUÇÃO PESADA.

A MANEIRA MAIS SIMPLES DE LUSTRAR ISSO SEJA O CASO DO CONSÓRCIO DA CONSTRUÇÃO DE JIRAU.

Ruy Braga se refere à hidrelétrica de Jirau, em Rondônia.

As obras pegaram fogo, e não é uma expressão de linguagem.

Em 2010 o Fundo de Pensão dos Funcionários da Caixa Econômica Federal (Funcef) ingressou no consórcio Energia Sustentável do Brasil, responsável pela construção da hidrelétrica de Jirau, após comprar metade da falta de 10% que pertencia ao grupo Camargo Corrêa.

Em 2012 manifestantes atearam fogo nos alojamentos no canteiro da usina de Jirau.

Um protesto de que reivindicava, entre outras coisas, melhores condições de trabalho.

Mas, voltemos para a conversa com Ruy Braga.

VOCÊ TEM UMA PACIFICAÇÃO QUE É FUNDACIONAL PARA QUE NÃO HAJA CONTESTAÇÃO DA DÍVIDA PÚBLICA. EU DESTACARIA O PROCESSO DE FINANCIARIZAÇÃO.

SE TEMOS 42% OU 44% DIRECIONADO PARA PAGAMENTO DE JUROS E AMORTIZAÇÃO DA DÍVIDA.

PARA ONDE VAI ESSE DINHEIRO PÚBLICO?

No dia 14 de janeiro a presidente Dilma vetou a proposta de realização de uma auditoria da Dívida Pública.

VOCÊ CITA O BOLSA FAMILIA COMO UMA DAS CONDIÇÕES QUE PERMITIRAM A PACIFICAÇÃO SOCIAL.

NÃO SEU LIVRO VOCÊ DIZ TER NOTADO QUE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 TINHAM OUTRAS EXIGÊNCIAS DE PROGRAMA DE GOVERNO...

O BOLSA FAMILIA QUE MOSTROU MUITO BEM SUCEDEU EM RETIRAR UMA MASSA DA CONDIÇÃO DE MISÉRIA PARA CONDIÇÃO DE POBREZA OFICIAL.

SÓ QUE EM JUNHO NÃO FOI UM MOMENTO DE MOBILIZAÇÃO DESSA MASSA. E SIM DE UM ENCONTRO ENTRE DOIS GRANDES SETORES.

FORMADO POR JOVENS TRABALHADORES DAS PERIFÉRIAS QUE LUTAM, BASICAMENTE, PELA REVOGAÇÃO DAS PASSAGENS...

SENSIBILIZADOS PELA VIOLÊNCIA POLICIAL QUE CONHECEM NAS PERIFÉRIAS.

E O OUTRO FORMADO POR SETORES MÉDIOS TRADICIONAIS QUE VÃO PARA A RUA LUTAR POR DIREITOS AO TRANSPORTE PÚBLICO, SAÚDE, EDUCAÇÃO.

O BOLSA FAMILIA NÃO CONTEA ESSES SETORES, O QUE CONTEA SÃO OS DIREITOS SOCIAIS.

HÁ UMA LEITURA DA CRISE COMO CRISE DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, DE QUE NÃO HÁ REPRESENTANTES PARA AS DEMANDAS DAS RUAS.

VOCÊ ACHA QUE O LULISMO SE APROXIMA OU SE AFASTA DAS PAUTAS DE JUNHO?

SE AFASTA, VOCÊ NÃO TEM UMA ALTERNATIVA NEM NO PT E NEM NO PSDB, QUE, NO FUNDO, DEFENDEM O MESMO PRÓVETO.

COMO VOCÊ VÊ OS PROTESTOS CONTRA O GOVERNO E A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO DO DIA 15 DE MARÇO?

A PARTIR DE 2013 HÁ UMA POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL.

O SETOR MAIS CONSERVADOR COMEÇA A PERCEBER QUE NOS ÚLTIMOS MESES BANHARAM MENOS, AUMENTO A INFLAÇÃO E O TRABALHO DOMÉSTICO FICOU MAIS CARO...

NO ÚLTIMO DIA 13 HOVE UM LIGEIRO AUMENTO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR DEVIDO AO APROFUNDAMENTO DA CRISE.

ISSO PODE SER O SUFICIENTE PRA GARANTIR O IMPEDIMENT DE DILMA.

VOCÊ NÃO VÊ UMA SAÍDA NO MÉDIO PRAZO?

O QUE VAI ACONTECER É UMA INTENSIFICAÇÃO DA LUTA DE CLASSES.

COMO VOCÊ VÊ A NOMEAÇÃO DE LULA PARA A CASA CIVIL?

UMA IMPROVISÃO POLÍTICA QUE NÃO ALTERA RADICALMENTE OS TERMOS DO GASTO PÚBLICO. TRATA-SE DE UMA FUGA PARA FRENTE.

É SÓ ISSO.

Nunca antes na história desse país o Lulismo esteve tão em xeque.

FONTE: Gazeta do Povo (2016) 48

## ANEXO 3 – O VELHO NOVO LIBERALISMO

De 15 de novembro de 1889 até hoje, o Brasil teve 35 presidentes. E apenas 23 foram eleitos diretamente.

Dois morreram antes de assumir: Rodrigues Alves em 1918 e Tancredo Neves em 1985.

Um se matou, Getúlio Vargas em 1945.

Júlio Prestes em 1930 e João Goulart em 1964 foram impedidos de governar após golpe militar.

Após 21 anos de ditadura, em 1989 tivemos eleição democrática.

Desde lá, seis presidentes passaram pelo Planalto. Dois assumiram após o afastamento do presidente eleito.

Com a presidenta Dilma Rousseff, temos uma nova modalidade de desmonte de poder, cuja palavra "golpe" parece explicar muito mais do que a palavra: impeachment.

Enquanto a rádio novela da política é contada em gravações vazadas ao sabor de quem as tem...

...um dos pilares da política brasileira, o presidencialismo de coalizão, tem suas rachaduras expostas.

AMANHÃ, 1º DE MAIO, É UM BOM DIA PARA REFLETIRMOS SOBRE UMA VERDADE NEM SEMPRE LEMBRADA: TUDO QUE O PAÍS PRODUZ É FRUTO DO ESFORÇO DO TRABALHADOR...

Na noite de 30 de abril de 2012, a presidenta Dilma desafiava o coro conservador do lulismo ao fazer uma provocação política(i):

... É INADMISÍVEL QUE O BRASIL QUE TEM UM DOS SISTEMAS FINANCEIROS MAIS SÓLIDOS E LUCRATIVOS, CONTINUE COM UM DOS JUROS MAIS ALTOS DO MUNDO.

A redução de juros, forçando os spreads para baixo, tencionou o pacto com a burguesia financeira, mantido desde os anos 90.

... "In Search of a Manual for Technopols", escrito por John Williamson..

Levando a cabo o programa de reformas econômicas que, anos antes, ganhou o nome de Consenso de Washington.

Nos dias 14 e 16 de janeiro de 1993, o Institute for International Economics, destacado "think tank" de Washington, reuniu especialistas em torno do documento...

No Brasil os primeiros passos foram dados no governo Collor.

Mas foi com o Plano Real, que uma coalizão de poder garantiu sustentação e permanência. Como diz José Luis Fiori: o Plano Real não foi concebido para eleger Fernando Henrique...

...Fernando Henrique é que foi concebido para viabilizá-lo no Brasil (2).

Na tentativa de entender melhor esse processo dos anos 90, conversei com o cientista político Felipe Calabrez (3)

COMO OS PAÍSES LATINO-AMERICANOS ESTAVAM ENDIVIDADOS, SEM ACESSO A CRÉDITOS EXTERNOS, PASSANDO POR MORATORIAS...

... NÃO HAVIA MUITAS ESCOLHAS. HÁ TAMBÉM AS FORÇAS DAS IDEIAS, QUE SE TORNARAM HEGEMÔNICAS POR AQUI.

E COMO VOCÊ DEFINE O PLANO REAL?

O PLANO REAL É UMA VARIAÇÃO DO CONSENSO DE WASHINGTON, POR CONSOLIDAR MEDIDAS LIBERALIZANTES DOS FLUXOS FINANCEIROS, DA ENTRADA E SAÍDA DE CAPITAIS.

ALÉM DAS PRIVATIZAÇÕES E A DOLARIZAÇÃO DA ECONOMIA.

ISSO ORIOU UMA ARMADILHA FINANCEIRA: A INVAÇÃO DE COMPETIDORES EXTERNOS, COMO OS CHINESES; ALTA DE JUROS, O QUE AJUDOU A AUMENTAR A DÍVIDA PÚBLICA.

É IMPORTANTE RESSALTAR QUE FORAM CRIADAS MEDIDAS NA ÁREA SOCIAL, NUNCA HOUVE ESTADO MÍNIMO NO BRASIL.

1- André Singer - "Culturando Onças Com Varas Curtas" <http://novosdesdidos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/content\_1604/file\_1604.pdf>

2- José Luis Fiori "Os Modelos Falsos" <http://www.lfhoi.uol.com.br/fsp/1994/7/03/mas/010.html>

3- Felipe Calabrez é mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Paraná e doutorando na Universidade de São Paulo. Título da dissertação: "Reforma do Aparelho do Estado no Governo Cardoso: Entre o Ajuste Fiscal e a Reforma Gerencial".

FONTE: Robson Vilalba (2018)

A armadilha financeira dos anos 90 atendeu principalmente a burguesia rentista e internacionalizada. Curioso pensar como a burguesia produtiva nacional e uma fração superior da classe média vestem essa camisa como se fosse dela, mesmo que tenham sido mais beneficiadas em governos intervencionistas como Geisel, ou populistas como Getúlio e até mesmo no governo Lula(4) que, para que a burguesia rentista dormisse tranquila, antes de ser eleito, lhe escreveu uma carta:

**“O SENTIMENTO PREDOMINANTE EM TODAS AS CLASSES E EM TODAS AS REGIÕES É O DE QUE O ATUAL MODELO ESGOTOU-SE...”**

**“...QUEREMOS EQUILÍBRIO FISCAL PARA CRESCER E NÃO APENAS PARA PRESTAR CONTAS...”**

**“...VAMOS PRESERVAR O SUPERÁVIT PRIMÁRIO O QUANTO FOR NECESSÁRIO PARA IMPEDIR QUE A DÍVIDA INTERNA AUMENTE E DESTRUA A CONFIANÇA NA CAPACIDADE DO GOVERNO.” (5)**

Nasceu uma pacificação social que durou de 2005 até Junho de 2013, apoiada por duas formas de consentimento:

- um consentimento ativo de lideranças sociais e sindicais, graças a participação em conselhos de fundo de pensão e conselhos de gestão...
- ...e dos movimentos sociais através de convenios e projetos.

A pacificação social foi muito funcional para a burguesia nacional produtiva, associada à mineração, energia, agronegócio, construção civil e pesada (6).

A aliança de classes não se repetiu com o mesmo êxito em outros países latino-americanos...

...quando isso ocorreu o neoliberalismo contou com uma forcinha:

Em 2002, na tentativa frustrada de golpe na Venezuela e ...

... em 2004 no Haiti, assistimos à atuação de forças armadas com a colaboração norte-americana contra governos de esquerda.

Agora, não são necessários homens em uniformes camuflados para fazer o que “cidadãos de bem”, trajando toga e paletó, conseguem fazer sem se sujar.

O que pôde ser visto no Paraguai, em 2012, quando em menos de 48 horas no Congresso Nacional votou pelo impeachment de Fernando Lugo (7).

Semelhante ao Brasil, o Paraguai passou por uma ditadura, de 1954 até 1989, presidida por militares do Partido Colorado. De 1989 até 2008 foram seis presidentes. Dois completaram seu mandato.

Arthur Murta, pesquisador do Núcleo de Estudos e Análises Internacionais (NEAI/PPG-Unesp) (8) me explicou:

O QUE ACONTECEU COM FERNANDO LUGO?

LUGO NÃO CONSEGUIU SUBIR AO PODER COM O APOIO DO PARTIDO LIBERAL, QUE HISTORICAMENTE FOI ALIADO DO PARTIDO COLORADO.

O PARTIDO LIBERAL PODE SER COMPARADO AO PMDB MUITAS PREFEITURAS E UMA BASE GRANDE NA CÂMARA DOS DEPUTADOS E NO SENADO.

LUGO COMEÇA A COLOCAR EM PRÁTICA MEDIDAS SOCIAIS, ALÉM DE REVOGAR DE UM ACORDO HISTÓRICO COM ESTADOS UNIDOS...

... NA ÉPOCA, A EMBAIXADORA NORTE-AMERICANA QUE SERVIA NO PARAGUAI ERA JULIANA AYALDE. NO BRASIL DESDE OUTUBRO DE 2013...

O PARTIDO LIBERAL DO VICE-PRESIDENTE ROMPEU COM LUGO, CINCO DIAS DEPOIS O PROCESSO DE IMPEACHMENT É ACEITO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS.

A Constituição paraguaia permite que o presidente pode ser impedido por mau desempenho.

Voltamos para 2016:

Brasil, Michel Temer, PMDB, no dia 12 de maio assume interinamente a Presidência da República.

...É IMPRESCINDÍVEL RECONSTRUIRMOS OS FUNDAMENTOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MELHORARMOS SIGNIFICATIVAMENTE O AMBIENTE DE NEGÓCIOS PARA O SETOR PRIVADO.

Ao lado de um ministro de homens brancos, que ...

...O DIÁLOGO É O PRIMEIRO PASSO...

... HÁ MATÉRIAS, MEUS AMIGOS, CONTRÓVERTIDAS COMO A REFORMA TRABALHISTA E PREVIDENCIÁRIA...

...NINGUÉM PODE INTERFERIR EM UM OU OUTRO PODER. ORA BEM! NÓS NÃO SOMOS OS DONOS DO PODER.

Por um prisma sociopolítico é possível apontar que a financeirização do capital apresenta, também, um novo modelo de garantia de poder e desmonte de governos.

...em pouco mais de um mês de governo, já teve três integrantes afastados por suspeitas de corrupção.

Terceirização, aumento da idade-mínima para a aposentadoria, cortes na educação e saúde é a tônica do governo Temer.

O Banco Central do Brasil é entregue nas mãos Ilan Goldfajn, até então, economista-chefe e sócio do Itaú Unibanco.

inúmeras variáveis permitam que “uma figura decorativa”, como Temer referiu-se a si mesmo, chegasse ao poder.

Mas seu norte é apenas um.

4 - Armando Boito, "A natureza da crise política". Diplomatique LeMonde - <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=2044>. / 5 - Carta ao povo brasileiro - <http://novi.fpbaramo.org.br/uploads/cartaaoopovo-brasileiro.pdf>. / 6 - Entrevista do sociólogo Ruy Braga no início de Março de 2016, "Precisamos falar sobre o Lula" - Gazeta do Povo <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/precisamos-falar-sobre-o-lulismo>. / 7 - Carta Capital, "Ditaduras e Paraguai, motivos de Inspiração" <http://www.cartacapital.com.br/revista/895/ditaduras-e-paraguai-motivos-de-inspiracao>. / 8 - Arthur Murta é Mestre em Relações Internacionais, PPGRI San Tiago Dantas - Unesp, Unicamp, PUC-SP e Doutorando em Relações Internacionais, USP. Sua dissertação de mestrado é intitulada "PARAGUAI 2012: O PAPEL DO BRASIL E A AÇÃO DA UNASUL".

FONTE: Robson Vilalba (2018).



## ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

00:11 - Bruno: Tá então a primeira pergunta é como que o jornalismo em quadrinhos entrou na sua vida? Quando que você decidiu fazer?

00:24 Então eu trabalhava com charge, quando eu era moleque assim, comecei a trabalhar com 18 anos. E eu achava que era muito imaturo com relação as charges tudo. E eu precisava estudar, pra quando... eu decidi fazer o curso de ciências sociais, e aí durante o curso de ciências sociais eu descobri que existia um quadrinista chamado Joe Sacco. Até o livro que eu li dele, na verdade, era um livro que chamava O Derrotista que contava as primeiras obras dele tudo. E foi aí que falei poxa acho que eu consigo unir, né o desenho com as ciências sociais, seguindo este tipo de caminho assim. Desde ali, eu tive a obstinação de um dia mexer com isso, assim. Só que a minha primeira reportagem de de quadrinho mesmo, foi ser feita em 2013. Isso que eu to falando é sei lá 2004, ou 2003, mas a minha primeira reportagem mesmo foi publicada em 2013.

01:40 - Bruno: E você sabe dizer se em termos editoriais, assim, dos jornais que você publica se tem uma boa aceitação dessa linguagem, de escolher, por ser o jornalismo em quadrinhos, você acha que tem um retorno legal?

01:52 Cara, teve um bom retorno, assim sabe. A recepção da reportagem em quadrinhos, assim. Mas eu acho que, não sei assim é. Eu sempre me preocupei muito com a pauta, né. Com o tema assim. Até na verdade o retorno tá muito mais condicionado ao tema, a pauta, do que propriamente ao fato de ser quadrinhos, assim. Acho que a maneira de tratar o tema, a maneira de envolver o tema, que deu mais repercussão, tanto que as matérias que não tinham um tema com tanta abrangência não teve a mesma repercussão daquelas que tinham temas mais nacionais, como os casos das publicações na folha e tudo mais.

02:34 - Bruno: Essas que você diz são as que você me mandou, a do eduardo cunha?

02:37 Exatamente, eu acho que essas que eu te mandei são todas essas que se enquadram nisso. Os temas, eram temas bem fortes e aí o tema teve uma repercussão mais profunda. Agora outras por exemplo que eu deixei de fora, que eu gosto muito, que é uma do Rubens Bohlen - Ninguém ama Rubens Bohlen. Que é sobre o Paraná Clube, assim, não teve muita repercussão/muito baixa e outra também sobre as manifestações. Sobre o primeiro protesto, na verdade, dos professores. Por que teve um protesto de janeiro e teve o protesto de abril, né. Quando teve o massacre lá na praça, lá. Se aquela primeira não teve uma repercussão muito grande, assim. E eu fiz uma coisa bem extensa e mesmo assim não teve uma repercussão grande, então eu acho que a pauta tinha um alcance menor, assim, saca. Agora essas por exemplo que tinham temas de maior amplitude, né, envolvendo uma coisa que também ultimamente tem sido central, assim, que é a questão política. Essas eu acho que teve uma recepção melhor dos jornais.

03:39 - Bruno: Entendi, ah então você acha que essas de política, elas tem um fôlego maior, assim, essas de..., porque é um tema mais nacional assim, né.

03:46 Isso é, exatamente. Então eu acho que elas... acho que tanto pelo tema, quanto pela apresentação do tema, ela tem uma repercussão melhor assim, saca.

03:58 - Bruno: E tem alguma coisa que você já avaliou, assim, de comentários que você, quando tem as publicações. Porque elas circulam em meio online no geral...

04:08 Cara, assim, teve uma da folha que teve, que não tá entre as que eu te mandei, mas que assim, teve críticas tanto dizendo que eu era petista, quanto dizendo que eu coxinha assim, sabe. Eu não me lembro da repercussão dessa do Temer, não cheguei a olhar assim. A do Cunha eu também não me lembro. É que, na verdade, é assim, no caso de algumas dessas, principalmente as que foram vinculadas na gazeta do povo, a maneira em que ela era postada no site, no online não possibilitava, por comentários. Então tinha esse limite assim sabe...

04:45 - Bruno: As da gazeta?

04:46 As da gazeta, é. Mas assim tipo, dentro da minha bolha, vamos dizer assim, a do Cunha foi um fenômeno, pra mim assim. Tipo dentro da minha publicação que eu publiquei dentro da minha fã page, no facebook, eu lembro que na época ela teve uma coisa de mais ou menos uns 9 mil pessoas, como alcance, sabe. 05:05 A minha fã page, assim, que é uma fã page que tem sei lá 150 seguidores, então é muito limitada para uma repercussão tão alta, sabe.

05:17- Bruno: Você falou que foram nove mil compartilhamentos, curtidas?

05:20 Não, alcance.

05:22 - B: Alcance. Ah entendi.

05:23 Alcance, não era compartilhamento e curtida, assim. Era o alcance de nove mil pessoas.

05:29 - B: Essa do Eduardo Cunha.

05:30 Uhum.

05:33 - Bruno: Pelo facebook.

05:34 Pelo face.

05:37- Bruno: Tá, beleza. Só um pouquinho.

05:46 - Bruno: Agora falando um pouco sobre a parte mais artística do trabalho, do desenho. É... você acha que você tem um aspecto artístico na composição dos quadrinhos que você combina com o tema, assim? Na hora que você tá fazendo.. ou o traço...

06:04 Assim, eu tenho uma pesquisa de desenho também.

06:09 - Bruno: Você faz uma pesquisa.

06:11 Isso assim. Não é mais no sentido, assim. Eu tenho uma pesquisa com relação ao meu desenho. Sabe.

06:15 - Bruno: Mais como artista, mesmo.

06:16 Como artista, isso, vamos dizer assim. Isso vamos dizer assim, mais nesse aspecto. É algo que... e a minha relação com o desenho é o seguinte: Tem a questão da composição da imagem, né. São coisas, digamos assim, básicas, né, do desenho. Tem a questão de criar efeitos visuais com a escolha da imagem, de uma imagem mais irônica pra tratar de um determinado assunto, assim, de vamos dizer é uma escolha da figura, é uma escolha do simbolismo da figura.

06:46 - Bruno: Certo.

06:46 Mas também tem uma outra coisa que é com relação assim, eu to, a minha pesquisa, a minha busca é um traço com pincel, que fique entre o figurativo e o borrão, sabe. Tipo assim, que você olhe pro pincel às vezes. Por exemplo, você vê uma multidão, você vê que é um borrão, que forma aquela multidão. Mas quando chega bem perto de um rosto, como se fosse *close*, aí você que tem uma figura humana ali, assim. Teve um acabamento maior, e tudo mais. Essa é minha busca, assim. Por que eu acho que isso tem questões práticas, assim. Que é: eu consigo fazer mais rápido, produzir mais. Eu não preciso ficar com aquele preciosismo em tudo assim. Mas ao mesmo tempo, eu acho assim que, o leitor não pode perceber que uma coisa eu tratei melhor que a outra, assim. Então o desenho tem que ficar entre esses dois pólos. Essa é a minha busca pessoal, vamos dizer assim, em termos de arte. 07:45

07:45 - Bruno: E você adapta esse traço em alguns quadrinhos, ou você tenta manter ele mais uniforme, assim, dependendo...

07:55 É que assim, é que é uma pesquisa constante né. Então a anterior, não igual a que se sucedem assim, sabe. Se você pegar meu livro Notas, você vê que tem diferentes momentos, ali assim do desenho. Agora se tudo der certo, eu também devo publicar mais um livro, e assim. Esse que tá pra sair, ele tem dois tratamentos estéticos, um é quando é na primeira pessoa, e outra é quando é na terceira pessoa. Só que ali eu tentei dar uma homogeneidade, assim, sabe. Mas ali já tem uma pesquisa um pouco mais avançada, em termos de desenho. Essa relação entre o borrão e o figurativo, já tá bem...

08:35 - Bruno: Esse no livro?

08:37 No livro que tá pra sair.

08:38 - Bruno: Pra sair, ah entendi.

08:42 - Bruno: E eu também reparei, bom isso é bem evidente, que tem nas cores, você às vezes atribui as cores do partido que você tá trabalhando, né. Às vezes quando é do PT, tem mais vermelho,

08:56 Mais cores quentes. Vermelho.

08:55 - Bruno: É mais cores quentes. Aí naquele né do Eduardo Cunha, a temperatura já é mais baixa,

09:00 Aham, mais fria.

09:02 - Bruno: E você procura trabalhar bem a cor com o contexto que você tá...

09:07 A cor ela tem duas funções assim, pra mim no desenho. Eu não me acho um bom colorista, assim, sabe. Então, assim, então a cor tem essa função que é tanto de, ou uma questão associada a um partido, como você diz. Ou às vezes associada, também, a um sentimento né. O Gauguin 09:28 [conferir se é esse mesmo] que falava assim: que eu não pinto a luz, eu não pinto a representação da figura. Eu pinto uma sensação, sabe. Desde que eu li isso, assim, quando eu comecei a estudar um pouco mais sobre cor, eu falei: putz, acho que eu vou fazer isso que Gauguin falou, assim. Eu vou escolher uma cor, e aquela cor é uma sensação assim, sabe. Então assim, normalmente, eu uso uma cor, duas cores, assim. Além de ter essa coisa da sensação, elas também ajudam a fazer uma separação entre figura e fundo. Então assim, ou eu pinto a figura, e assim separo ela do fundo. Ou eu pinto o fundo e deixo a figura, sem cor sabe.

10:07 - Bruno: Uhum.

10:08 Então a minha rela... a cor pra mim ela ajuda nessas duas coisas, de passar uma sensação, e de separar a figura de fundo, assim.

10:18 - Bruno: E quando você colore, você que chamar a atenção pro olhar, pra aquele ponto, você quer.. é uma forma de evidência, ou nem sempre?

10:26 Acho que vai de acordo com, às vezes o ponto que não tem, assim, se por exemplo a cor tá em tudo e tem um ponto que não tem, aí aquele ponto que é o ponto que o olho vai olhar. Na verdade é assim, eu tento distribuir a cor, assim, de um jeito que você tenha, assim, normalmente, quando você vai trabalhar com... uma das formas de você trabalhar com gravura por exemplo. Você trabalhou, você trabalha assim: branco, cinza, preto. Branco, cinza, preto. Branco, cinza, preto. Sabe, tipo, eu tento fazer assim com que as cores, elas tenham que fazer assim, tipo assim, mais cor, menos cor. Mais cor, menos cor. Então eu tento dar um pouco desse movimento, assim, sabe.

11:12 - Bruno: Legal, E você tinha comentado naquele almoço em relação a luz e sombra também, que você consegue usar isso, às vezes, como forma de, como eu posso colocar isso... mas pro exemplo, se você desenha o Eduardo Cunha com mais...

11:31 Sombra.

11:31 - Bruno: Ênfase na sombra, isso traz uma sensação, né?

11:36 Isso exatamente, assim, tipo eu não mudo a figura, eu não caricaturizo a figura, então a luz e sombra causa um efeito, assim. Isso é uma coisa que uso sempre, assim sabe. Que é uma coisa, por exemplo do expressionismo alemão, que é uma coisa que

tem muito disso assim. Como, que é tipo usar a luz e sombra pra transmitir uma informação assim. Então aquele do Temer lá, do Amigo Secreto assim, tem uma coisa assim tipo um quadro, acho que é o último quadro que aparece o rosto do Temer assim, tem uma luz assim sabe. Tipo assim, ele não tá falando nada, ele não tá dizendo nada, entendeu, só aquela luz tá dizendo. Isso também é uma forma de burlar um pouco assim a censura, né.

12:17 - Bruno: Sim, e você acha que quando você não trabalha no texto alguma sensação, você tenta preencher isso com a imagem, isso?

12:29 Eu tento sempre fazer isso, na verdade.

12:31 - Bruno: Aliar os dois, pra que...

12:33 Eu sempre tento trabalhar essa sensação na imagem, então deixar o texto mais perto do jornalístico, né. Então assim aquele informativo, assim, né. Tanto que eu to contando uma coisa, tentando não me envolver com ela, mas a ilustração não, a ilustração ela é muito, desde assim a escolha do quadro, da escolha do corte, da escolha do ângulo, da escolha da luz, assim. A ilustração ela é totalmente arbitrária, né. Tem uma arbitrariedade, assim, tem uma intenção ali, só que é uma intenção assim, que ela não é caricata, ela é uma intenção artística, vamos dizer assim. Então tipo assim, eu não caricaturizo, não to também colocando uma em relação a superioridade, prioridade a outra, mas eu acho que ali é uma forma de contar uma outra coisa, né que vai também depender um pouco do filtro do leitor, né. Como ele vai sentir aquilo, tudo...

13:34 - Bruno: E já aproveitando que você comentou sobre a censura, né. Não que seja uma censura de fato, mas é a gente tem diversos veículos de comunicação e cada um tem uma postura ideológica, e aí você acha que com o jornalismo em quadrinhos é mais fácil, você quebrar essa barreira de tratar de temas que normalmente não seriam trabalhados no texto comum, assim?

14:01 Cara, eu acho assim, talvez o que é mais fácil com relação ao jornalismo em quadrinhos, é a possibilidade de você trabalhar com reportagem. Acho que hoje a impressão que eu tenho, né, de alguém que tá fora do jornal, assim, que acompanha como leitor, é que hoje os jornalistas eles estão mais é, assim, quem trabalha com jornalismo, é muito mais contratado pra fazer matérias assim, factual, reportar coisa imediata, dificilmente o cara vai produzir uma reportagem, algo que ele vai mergulhar, fazer uma imersão e tudo mais. E assim, como o quadrinho ele permite isso. Agora com relação à censura ou não do perfil editorial do jornal, às vezes por conta dessa coisa mesmo, né da luz e sombra e tudo mais, às vezes o editor fica encucado só com a figura, de pensar assim: putz será que tão dizendo alguma coisa que eu não to vendo, sabe. Será que tem alguma mensagem subliminar aqui e eu não to achando, que dificilmente aconteceria num texto.

15:03- Bruno: Sim.

15:04 Texto é o que tá ali, se te incomoda corta aquele trecho e vai assim, sabe. Então eu não sei se tem uma coisa melhor ou pior, mas uma coisa que me parece mais efetiva é o fato de conseguir publicar uma reportagem. Sabe, ter espaço pra uma

reportagem, por exemplo, quando eu trabalhei na Gazeta do Povo, todos os jornalistas que trabalham na Gazeta do Povo tinham, tem, tinham a ambição, na época que tinha um jornal diário, de publicar uma página inteira de reportagem, entendeu. Por que a página é dividida entre vários espaços, e matéria, outras matérias, tudo mais. Manchete das páginas, outras páginas, notas, sim, dificilmente um jornalista conseguia publicar uma página, sabe. Duas então, nossa né, cara. Então assim, eu conseguia, tanto que assim, eu me condicionei também a publicar no máximo uma página. A minha primeira reportagem foram quatro páginas, aí eu me lembro que tinha um amigo comentando: cara uma página de jornal é muito cara, você sabe disso. Aí eu falei: poxa é verdade. 16:06 Então, eu também vou ser uma pouquinho mais humilde assim, poxa eu sei que o jornal tem um preço, pra existir né, então eu vou condicionar minhas reportagens pra ter uma página. Então os textos têm mais ou menos o mesmo tamanho, já pra ter uma página de jornal.

16:36 - Bruno: Seus trabalhos já circularam então tanto no impresso, quanto no online. Tinha essa dualidade de sair ao mesmo tempo nos dois?

16:46 Tinha que sair no mesmo nos dois.

16:47 - Bruno: Todos saíram nos dois?

16:49 Todos saíram, inclusive foi pensado formas pra facilitar a isso assim, sabe. Então, por exemplo, os quadrinhos na gazeta, a gente criou um *plug-in* que você conseguia apertar assim no celular, pra ele ir trocando de quadro. Quase como uma ligação interativa, assim, sabe. No caso da folha já era um pouquinho mais complicado, aí foi transformado em um vídeo, então...

17:12 - Bruno: Aquele do Amigo Secreto, né?

17:13 Isso do amigo secreto que foi transformado num vídeo. Tanto que quando eu fiz ele, eu fiz, é... fui mandando as artes pro pessoal do vídeo e eles foram animando por conta, sabe. Eles animaram, aí é uma releitura do meu trabalho. não posso nem dizer que aquele é o meu trabalho. Isso foi uma releitura, eles fizeram uma outra coisa diferente do meu trabalho, sabe, mas que tem a haver com isso, assim. Hoje em dia os jornais trabalham muito pensando no online, já faz alguns anos que isso acontece. Então, pra mim não tinha como desconsiderar isso.

17:51 - Bruno: Você pensava já nos dois formatos?

17:54 Nos dois formatos, inclusive o tamanho do quadro se você reparar assim, nas páginas nenhuma tem uma quadro muito grande. Porque o quadro já é pensado pra que ele caiba dentro de uma tela de celular.

18:04 - Bruno: Ah legal.

18:06 Então tudo foi meio pensado nisso assim, sabe. Até por exemplo o caso do precisamos falar sobre o Lulismo, os quadros têm no máximo o tamanho de uma tela de celular. Por isso tem muitos quadros.

18:32 - Bruno: E do seus trabalhos, que a gente selecionou, que você selecionou, são dois publicados na gazeta, um na folha de são paulo, e um na Le Monde. Você acha que, por exemplo, a Gazeta tem editorial mais conservador, a Le Monde mais de esquerda, e a Folha tá ali no meio, né. E você acha que teve uma diferença pra preparar a pauta, você sabia que ia selecionar, que você ia enviar pra esses jornais. Ou você...

19:02 No caso do Le Monde sim. No caso do Le Monde, na verdade assim, o do Le Monde eu fiz pensando no Le Monde que eu já tinha publicado uma matéria lá, e pensei poxa vou falar sobre o Golpe. Dificilmente eu falaria sobre o Golpe na Gazeta do povo. Até porque eles entendem que foi Impeachment. Então assim, eu fiz uma matéria, eu produzi a matéria pensando na ideia de golpe e mandei pro Le Monde mesmo, sabendo que eles publicariam. E até aconteceu uma coisa engraçada assim, como o texto tava muito contido com relação ao perfil editorial da Gazeta, eles pressionaram pra que ele ficasse mais à esquerda assim, sabe.

19:40 - Bruno: Ah entendi... uma outra experiência.

19:44 Então aí... uma outra experiência completamente diferente assim. No caso do da Folha, aquela reportagem que saiu na folha sairia na Gazeta, só que como eu tava... a Gazeta tava meio reticente a publicar ela. E eu tinha sido mandado embora da Gazeta e eu pedi permissão pra eles, pra publicar essa matéria em outro jornal. Aí eles disseram que não teria nenhum problema, que eu podia publicar, e foi aí que eu publiquei na Folha de São Paulo.

20:08 - Bruno: Ahh, foi por esse motivo.

20:10 Isso.

20:11 - Bruno: Você vendeu daí pra Folha.

20:12 Pra Folha exatamente, já pensando também numa eventual entrada no mercado da Folha de São Paulo.

20:20 - Bruno: Essa é o amigo secreto né.

20:22 O Amigo Secreto, exatamente.

20:39- Bruno: Bom, você tinha comentado que você usa o humor de forma irônica, nos quadrinhos, né. Você que você consegue aplicar isso em todos os quadrinhos, ou isso depende do tempo.

20:53 Cara, é que também vai do receptor, assim, tipo. Eu tento, né. Eu não sei se...

20:59 - Bruno: A forma de fazer, a tentativa... sempre tem um aspecto mais...

21:03 É que assim, eu acho que sou uma pessoa irônica, assim, sabe. Eu converso com as pessoas eu tenho sempre uma ironia sabe. Eu gosto do humor ácido, assim, sabe. Aquele humor assim, meio que inglês assim. E aí, eu sempre tento fazer uma coisa ou outra, sabe. Por que é quase involuntário, a coisa vai indo e vai virando

aquilo. Eu to escrevendo tem uma coisa meio involuntária, quando você tá escrevendo e tal. O consciente e o inconsciente assim. O ambiente da palavra é meio que isso.

21:41 - Bruno: E isso aparece mais no texto, no desenho, pela sua análise?

21:45 Cara eu acho que nos dois. Os dois tem uma sutileza assim, sabe. Quer dizer, os dois sempre tentam ter essa sutileza, entendeu. Não sei se eu sou bem sucedido ou não, assim. Mas os dois tem umas sacadinhas, assim sabe. Eu fiz isso e sempre fico muito feliz quando reconhecem elas, quando alguém identifica. Vem falar ah nossa aquela hora ali, você fez isso, sabe. Eu falo: putz foi isso que eu fiz. Mas eu tento ser sempre sutil assim, sempre. É igual ironia né, a ironia na verdade é uma covardia, né. Você faz uma acusação de maneira covarde. Por que a pessoa não diga que você fez aquilo, então assim, sempre tem isso, né, no meu trabalho, e eu gosto acho muito legal, gosto de autores que são irônicos.

22:31 - Bruno: Que influências que você tem assim de humor, ou de quadrinhos que você acha que tem um bom perfil... que você se inspira assim/

22:40 Eu diria que eu tenho uma influência assim, sei lá, fica meio pedante falar, mas eu gosto muito do Dostoiévski, sabe, do Camus assim. Eu acho que eles são muito irônicos, sabe, com relação a ironia em especial, assim sabe. Eu sempre leio do Camus A Queda, assim, que é um livro extremamente irônico, ácido, assim sabe. O próprio Dostoiévski também é extremamente ácido. Aí recentemente eu descobri o Michel Houellebecq que também, eu acho muito... que também tem essa coisa da acidez, assim sabe. Aquela ironia, provocativa, eu gosto disso assim, sabe. Eu acho que pra mim, eu tenho um pouco mais disso, assim. Eu tenho trazido um pouco mais disso pro... acho que essa é a minha principal influência, assim. Agora dentro dos quadrinhos... dos quadrinhos eu sempre tento... na verdade eu tenho uma dificuldade muito narrar a história com as linguagens, sabe. Então quando eu procuro referência em quadrinhos, assim, eu procuro muito mais pensando em como eu vou narrar, do que se aquilo é irônico ou não, sabe. Eu penso muito mais na poética, assim, nessa narrativa da arte do desenho, do que propriamente na ironia, sabe. Eu não me lembro, não saberia dizer assim, um autor de quadrinhos irônico.

24:13 - Bruno: E no traço assim, você tem alguma inspiração em outros artistas?

24:16 Ahh eu tenho vários assim, o Quintanilha, Marcelo Quintanilha, o... mais recente agora o Marcelo D'Salete, que tem assim... e tem um outro que eu não me lembro o nome agora, que também foi aí que eu percebi a possibilidade de fazer uma coisa menor, assim, um menor que era maior. Depois se você quiser me lembrar, assim. E esses são... muito a ver com o pincel sabe, são desenhistas que trabalham com o pincel, assim. Tem um argentino também, que agora vai sair um livro dele no Brasil, ai cara putz, me fugiu o nome, que tem trabalha bastante com o pincel, bastante com PB, com auto-contraste assim, sabe.

25:11- Bruno: Esses que você citou, eles são do jornalismo em quadrinhos ou eles são...

25:15 Nenhum é. O Quintanilha é bem cronista assim, quase Nelson Rodrigues, sabe. O de Salete é historiador de formação, ele trabalha com quadrinhos relacionados à

temática histórica. Tem uns outros dele mais antigos que também tem uma coisa meio crônica urbana, assim, São Paulo, sabe. Esse outro... Alberto Brecha que é o argentino também tem uma coisa meio crônica, assim. Ele tem um quadrinho sobre Che Guevara, e esse outro que eu comentei que não lembro o nome dele, é um quadrinho sobre a Itália na segunda guerra mundial, sobre o fascismo na Itália, sabe. E é muito bom também assim, do jeito que ele trabalha... é que eu acho que o desenho, quando ele vai ficando menor, assim, ele não te informa, aí ele se parece com aquela ideia da cor, ele te causa algo, sabe, e esse cara faz um desenho que...

26:14- Bruno: Mais detalhado assim...

26:15 Não, é com pouco detalhe, mas que te causa uma sensação entendeu. Então é esse sentido quando eu falo do borrão, eu quero que o borrão cause uma sensação, assim, o gesto, a pincelada.

26:38 - Bruno: Eu tinha uma pergunta aqui preparada sobre o humor na obra, mas que você já respondeu, né? Sobre a ironia...

26:45 A ironia.

26:48 - Bruno: Tá, conversando lá no almoço, você me contou que é das ciências sociais, tem mestrado em Sociologia, e eu observei que você tem um rigor metodológico, né, no seu trabalho, você acha que isso é influência das ciências sociais?

27:04 Com certeza, com certeza.

27:07 -Bruno: .... você aplica o que você pegou das ciências sociais no jornalismo?

27:10 Isso, eu acho que... exatamente assim, cara. Até... a 27:17 de fonte assim, ah isso aqui, tirei ideias que foram ação/informação, a unidade, onde que está a unidade desta história, se tá nisso assim. É na sociologia tem muito isso do rigor metodológico. Até mais porque eu me formei na UEM, a UEM é uma universidade muito voltada para o ensino, então ela é muito clássica, né. Então ela é mais, vamos dizer assim, quadrada assim, então ela é bem rigorosa com o método, né. Então, eu acho que com certeza assim.

27:54 - Bruno: É porque a Comunicação como campo de estudos, ela empresta muito das ciências sociais. E da linguística...

28:06 Claro.

28:13 - Bruno: Ah eu achei interessante algo que eu não tinha visto ainda. Que você, dois dos quadrinhos que você mandou, você se coloca como personagem nas entrevistas, você acha que isso faz parte da sua metodologia, de pensar o que você acha que você.. você pensa alguma coisa que você quer mostrar se colocando obra?

28:34 Quan... assim nos dois casos em que eu apareço, eu apareço entrevistando, assim sabe. Eu apareço ao lado do meu balão de pergunta. Então assim, como eu penso o meu quadrinho muito perto do documentário, então assim, eu apareço ali

fazendo a pergunta, como se fosse aquele trecho do documentário em que aparece o entrevistado assim sabe. Então eu meio que isso, então assim só separando a ideia de que parte é uma narração assim, que parte é uma entrevista. Agora desses quadrinhos que você viu, eu imagino que eu apareço de perfil assim, um pouco meio de perfil. Pro... agora eu to caminhando em um outra forma, assim, que é de aparecer de costas. No livro eu apareço mais de costas do que de perfil. E quando eu apareço de perfil é um perfil visto pela nuca assim sabe. 29:36 Que a minha ideia é como se o narrador, a pessoa que tivesse lendo tivesse atrás de mim me acompanhando fazendo a história, sabe. Então ela sempre me vê pela nuca, assim. Então é como se ela tivesse olhando pelo meu ombro e vendo o que eu to vendo.

29:52 - Bruno: Esse você tá usando no livro agora?

29:54 To usando no livro, mas a minha ideia é a partir de agora trabalhar desse jeito, que por exemplo foi uma coisa que eu ouvi do André Conti, que é um dos editores que publicou o Joe Sacco no Brasil, dele falar que o Joe Sacco não desenha os olhos, que era uma forma dele se diferenciar dos outros personagens. Então assim, os olhos do Joe Sacco eram do leitor, então ele não desenhava os olhos. Então eu pensei, poxa, eu preciso inventar uma coisa dessa pra mim. Então aí o que eu inventei pra mim é assim, eu to de costas, então assim a pessoa sempre vê eu, ela tá me acompanhando assim.

30:58 - Bruno: É... agora falando sobre ideologia. A gente já conversou, você tem uma visão de esquerda né. E como que você coloca isso no seu trabalho, assim. Você tem de mostrar essa visão...

31:10 Eu acho assim, que na verdade, acho que existe um ponto de vista, a ideologia como ponto de vista, assim, e isso é uma coisa. Uma outra coisa é o critério metodológico que é aquele que você perguntou antes assim. A escolha da minha pauta, eu acho que é uma escolha do campo da esquerda, né. Mas eu não tento fazer disso um panfleto. Eu não uso jornalismo em quadrinhos pra dizer que as ideias de esquerda são as melhores ideias. Isso tem muito mais a ver com a minha escolha do que sobre o que falar, do que propriamente de como falar. Quando eu entro no como falar, aí eu tento manter algum... o rigor dentro do possível metodológico, assim. Mas é mais nesse sentido mesmo, mais da escolha do tema, se existe uma... eu tento assim, é claro que é sempre um exercício constante de você não se deixar tomar pela sua visão de mundo, mas é mais a escolha do tema do que a forma com que é tratado o tema assim, sabe. Não sei se eu respondi?

32:36 - Bruno: É, então você procura uma objetividade dentro da pauta, depois que você escolheu a pauta, você tenta manter um rigor...

32:43 Metodológico, assim. Então assim, a escolha do objeto é arbitrária, mas o tratamento dela é um pouco mais objetivo, assim. A escolha do objeto é subjetiva, a escolha do tema é subjetiva, mas o tratamento do tema é objetivo.

32:57 - Bruno: Ah, você separa assim.

32:59 Isso.

33:02 - Bruno: Falando agora sobre o impeachment e o golpe, como eu também prefiro acreditar que é um golpe. Você acha que tem uma condição privilegiada de tratar o tema no jornalismo em quadrinhos? Por exemplo você tratou o tema na Le Monde Diplomatique, no Eduardo Cunha tem um plano, é mais uma preparação pra tratar do tema, né. Mas você acha que é uma forma....

33:30 Eu não acho que o quadrinho tem a ver, assim sabe. Eu não acho que o quadrinho tem a ver com o privilégio, ou o não privilégio, sabe. A única coisa que tem assim, é mais... é o seguinte assim, a possibilidade de você fazer algo que você também se coloca em uma posição de dúvida, sabe. Então ao mesmo tempo que eu to interpretando que o que se tratou não foi um impeachment, mas sim um golpe, tem uma dúvida ali, tem um esforço, entendeu? Eu acho que o quadrinho me permite essa insegurança vamos dizer assim, sabe. Que talvez num texto jornalístico formal mais rigoroso, eu tenho que tomar uma... ser mais taxativo: sim, foi. Não, não foi, sabe. Então ali tem uma coisa meio que tateando, assim, descoberta, assim sabe. Eu sei que eu to sendo meio repetitivo em falar do livro que nem existe de fato, mas o livro é isso, o livro é sobre isso, o livro é um livro inteiro sobre a minha vontade de entender o que foi que aconteceu sabe. E o livro vai desenhando um caminho que vai chegando numa ideia de que foi um golpe, mas aí o que o quadrinho me permite ali, é a possibilidade de eu ficar em dúvida: será que foi, será que não foi. Eu sei, ou não sei, sabe, assim. Tenho... as minhas limitações ficam mais expostas no quadrinho, ele permite mostrar mais os meus limites, acho que essa é a melhor resposta.

35:06- Bruno: Ah, esse ponto é bem legal. E você acha que, você além de informar, você quer causar alguma coisa no público. Você quer causar essa dúvida também?

35:16 Eu também... eu quero causar, eu quero que ele se identifique com a minha condição humana de ser uma pessoa limitada. Alguém que quer... que acredita numa resposta, que tá tentando entender se a resposta é exatamente essa, pois é uma pessoa muito limitada.

35:30 - Bruno: Você quer mais abrir o diálogo, do que dar uma certeza?

35:33 Do que fechar. Exatamente. Sempre, em todos os trabalhos, eu tento fazer isso.

35:40 - Bruno: Você já recebeu algum retorno do público sobre esse aspecto de eles perceberem que você tá propondo uma pauta?

35:48 Já, positivo e negativo. Já tipo, por exemplo do Eduardo Cunha termina sem nada né, tipo: Choveu. Termina meio que assim, né. Aí teve gente que falou nossa, terminou de maneira brilhante, e teve gente que falou: como assim você não vai propor uma resposta, você não acha que isso significa blá blá blá. Então o que eu acho é... é que você pode concluir, sabe. Você deixa se envolver, se eu levanto bola e o leitor conclui ela, é meio que isso. Por exemplo, o meu amigo secreto, o amigo secreto é uma página inteira insinuando que o Cunha tem a possibilidade de longa data com o Temer. Se você acha que ele tem problema seu, assim. Eu dou várias pistas, assim. Mas não é conclusivo, ele vai...

36:40 - Bruno: Você quer criar uma provocação?

36:42 Exatamente, aí a partir daquilo a pessoa fala: será que é isso mesmo sabe. Eu tento dar sustentação pros argumentos, né. Não são argumentos do nada, assim.

36:50 - Bruno: E esse que você falou que as pessoas gostaram do final, e também não gostaram, né. Isso aconteceu nos outros também?

37:00 Acho que mais no do Eduardo Cunha, assim. Que eu acho que tive mais retorno, sabe. Teve uma repercussão muito positi... muito grande, assim.

37:10 - Bruno: É nesse em específico, você falou que teve uma inspiração lá no Gay Talese, do Frank Sinatra está gripado. E a preparação da pauta foi ao longo de um mês isso, que você entrou em contato.

37:24 Foi de outubro até início de dezembro.

37:26 - Bruno: De 2014?

37:27 15. Foi da abertura da comissão de ética, até... foi publicado no dia da abertura do processo de impeachment.

37:37 - Bruno: E teve o time de ele abrir o processo...

37:41 É que ele fo publicado exatamente no mesmo dia, um dia depois de ele ter abrido o processo. Ele abriu o processo de impeachment numa quarta-feira, se eu não me engano, às quatro horas da tarde e o outro dia de manhã a reportagem já tava publicada, já tava no ar, é a coincidência.

37:56 - Bruno: Você falou que faltava um quadrinho.

37:59 Faltava um quadro só.

38:00 - Bruno: E foi esse que gerou essa repercussão.

38:03 Isso, exatamente. Por que também, eu acho... não sabia o que ia acontecer. O que que vai acontecer? Sei lá, né, o que vai acontecer. Até hoje se a gente viu o que aconteceu, ainda fica sei lá o que que aconteceu, né.

38:23 - Bruno: Tem agora uma questão de... quando você termina o trabalho você tem alguma pessoa que você mostre antes de ser publicado, ou essa pessoa geralmente é o editor...

38:38 É o editor.

38:40 - Bruno: É, não tem um amigo, um...

38:43 Cara pro livro tem amigos, porque eu precisava também... Eu tenho uma dificuldade muito grande com gramática, sabe. Eu tenho muita dificuldade nisso. Então o livro eu to usando, usando né um ato falho, mas eu tenho usado muito assim, a ajuda de alguns amigos pra corrigir, fazer uma revisão ortográfica, assim sabe. E eles encontraram milhares de erros, assim. Mais normalmente eu... é porque é o

seguinte assim, os editores querem participar, sabe. Dificilmente um jornal... eles... não há uma boa recepção muito boa de um editor que você entrega um material inteiro pra ele e fala só publica, sabe. Eles querem olhar, eles querem pensar, querem mexer, querem dar sugestão, assim. E eu sei que o jogo é assim, sabe. Então também tenho um pouco disso, assim sabe. Fica à vontade, manda ver, é nosso assim sabe. Ele quer se sentir um pouco ter participado daquilo de alguma forma.

39:52 - Bruno: E já teve algum retorno que você recebeu de algum leitor que você nunca teve contato com a pessoa e ela te procurou pra falar sobre algum aspecto de algum quadrinho....

40:02 Já cara, algumas vezes. Diferentes vezes, assim sabe.

40:08 - Bruno: De forma negativa, ou positiva?

40:10 Negativa não, negativa as pessoas ficaram mais bravas comigo quando eu publiquei o livro lá que falava sobre a ditadura, que supostamente não existiu, mas assim negativa ninguém me procurou não, sempre de maneira positiva, assim. Poxa, isso foi muito legal, ou como que eu consigo o seu livro, assim sabe. Mas nesse sentido e pessoas pesquisando, a maior parte das pessoas pesquisando que entraram em contato. Uma semana atrás eu dei uma outra entrevista pra uma outra menina que tava fazendo o tcc assim. A mesma coisa, o objeto dela é diferente do seu, mas tem acontecido com uma frequência razoável, sabe.

40:57 - Bruno: Ao você escolher essas quatro hq's dentro do espectro que eu pedi período e de tema, teve algumas que ficaram de fora suponho, né. Por que que você acha é importante tratar dessas quatro em específico assim?

41:16 Acho que assim, tem a ver comigo hoje também, sabe. Eu concluí um livro, que estou em vias de concluir, assim. Preguei de novo né, já tinha feito uma entrega pro editor e ele pediu pra eu refazer várias páginas. Depois eu fiquei meses refazendo, entreguei essa semana novamente, assim. Acho que até por isso que eu tenho falado bastante do livro e o livro é justamente sobre o que... muito do que tá ali tá no livro. Vários trechos inteiros, a entrevista do Precisamos Falar sobre o Lulismo tá inteira no livro, sabe. A do Eduardo Cunha tá quase inteira, o outro também tá quase inteiro assim. Então assim, essas quatro reportagens, são reportagens do momento que eu vivi recentemente e tem muito a ver com o que eu to vivendo agora, assim. To expurgando isso.

42:06 - Bruno: Então você tem um... não sei qual palavra usar, mas uma perseguição com esse tema do impeachment, ele te provoca, assim, a ponto de você ficar atrás dele?

42:21 Ah não, com certeza, cara. Por muitas razões, né. Estamos as vésperas de uma eleição que a gente pode eleger como... mais um fascista, então né, é muito presente assim, eu acho que sou bem daquela percepção de que é importante entender passado pra entender o presente, assim sabe. Então eu acho que talvez um pouco desse esforço pra entender o passado pra entender o presente.

42:56 - Bruno: Se você acha que, acredito que sim, mas só pra deixar claro isso, se essas quatro reportagens juntas elas formam uma narrativa?

43:12 Eu acho que elas são quatro partes separadas de uma narrativa, sabe. Tipo assim, eu acho que um erro que eu cometi no livro foi de juntar elas e achar que elas iam dar certo, e depois eu reeditei elas dentro do livro. Por que eu acho que elas tem, elas funcionam bem isoladas, e juntas é só um pedaço de uma que cola no pedaço da outra, sabe. Mas elas precisam de mais pedaços pra virar uma coisa só, assim.

43:41 - Bruno: Entendi, com mais... tapando mais buracos ela formaria uma narrativa mais linear.

43:44 Isso, exatamente. Ali não, ali elas formam peças isoladas. E se você juntar elas simplesmente juntar, elas não funcionam.

43:53 - Bruno: Mas acha que elas são trechos que contam uma história...

43:55 Exatamente, cara. Como se fossem capítulos, aí acho que tem a ver com livro que é Notas, como se fossem notas de uma coisa maior. Acho que elas são notas do livro, mas elas não são, elas precisam de mais coisa pra se encaixar, assim. E só juntar elas, também não faz muito sentido.

44:16 - Bruno: Então, eu acho que respondeu tudo. Você acha que tem alguma coisa que ficou faltando você falar, que você acha importante tratar sobre o seu trabalho, sobre o tema?

44:22 Não, cara, eu acho que é isso. Acho que assim, acho que tá bem interessante. Acho que você pegou tanto o aspecto artístico, quanto o aspecto da reportagem e eu acho que não tem nada assim.